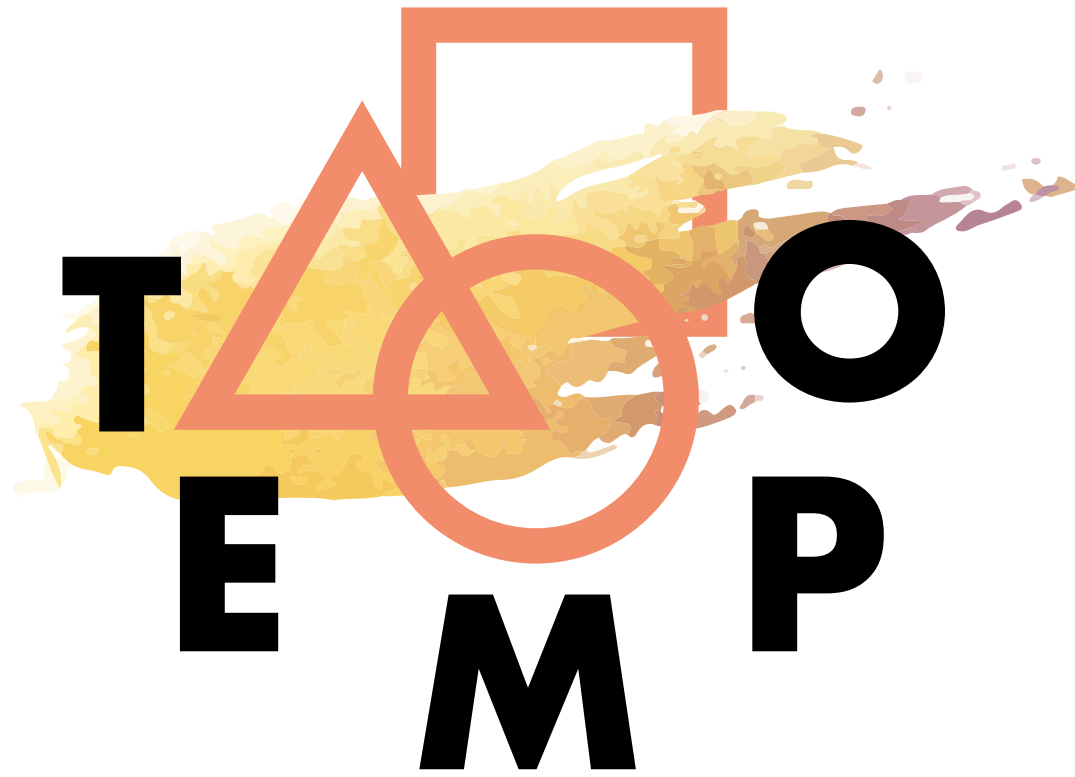


**XXIV
SEMANA
CULTURAL**
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
1-15
MARÇO
2022



MECENAS



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

MECENAS



PARCERIAS



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 56
2022



RUA LARGA

será produzido um
único volume anual,
que se destaque como
ícone de cultura
com marca UC e de
reflexão metacultural
aberta ao país e à
intervenção de agentes
culturais de relevância
internacional.
A publicação coincidirá
com a Semana Cultural
de cada ano.



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
Amílcar Falcão

DIRETOR-ADJUNTO
Delfim Leão

EDITORA
Marta Poiães • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
Henrique Patrício

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista
Francisco Elias

PRODUÇÃO
Teresa Baptista

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Tipografia Beira Alta

TIRAGEM
1400 ex.

ISSN
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Metrónimo
Fotografia: João Armando Ribeiro
Edição: Henrique Patrício

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

RUA LARGA

T E M P O

EDITORIAL

XXIV Semana Cultural da UC:
«Tempo» – P.06
Reitor Amílcar Falcão

REITORIA EM MOVIMENTO

Tempo de inovar e pulsar o
empreendedorismo – P.10
Luís Simões da Silva

Tempo de Mudar – P.12
Luís Neves

Tempo, Finitude e
Durabilidade – P.14
Delfim F. Leão

Instituto de Investigação
Interdisciplinar da UC:
20 anos a promover
interdisciplinaridade – P.17
Cláudia Cavadas

Património UC — Preservação
e valorização – P.21
Alfredo Dias

Estudar na UC:
o tempo para conhecer,
o tempo para experimentar,
o tempo para ser... – P.22
Cristina Albuquerque

UC e Tempo(s): uma
indissociabilidade – P.24
António Figueiredo

Universidade de Coimbra,
internacionalização e
Alumni: tempo de
esperança – P.27
João Nuno Calvão

Tempo: andar à roda,
à volta do Sol – P.30
José Pedro Figueiredo

OFICINA DOS SABERES

RETROVISOR

O tempo da Economia e os
tempos da História – P.37
Álvaro Garrido
A FCTUC e os seus tempos – P.39
Paulo Eduardo Oliveira

Os 250 anos da Imprensa da
Universidade de Coimbra – P.43
Alexandre Dias Pereira
Maria João Castro

Trinta anos de Ciências do
Desporto em Coimbra – P.46
José Pedro Ferreira

250 anos de história refletidos no
coração do Jardim Botânico – P.49
Teresa Girão
Joana Cabral Oliveira

RIBALTA

O Brasil não é para amadores – P.54
Adriana Calcanhotto

Para Timor, com amor... do guerreiro
que descansou: o projeto «Centro
Audiovisual Max Stahl Timor-Leste»
e a parceria com a UC – P.57
Maria Cristina Vieira de Freitas

CIÊNCIA REFLETIDA

Sobre as pegadas de dinossauros
carnívoros do Jurássico Superior no
Cabo Mondego (Figueira da Foz) e a
sua contextualização cronológica e
paleontológica – P.63
Ismar de Souza Carvalho
Pedro Proença Cunha
Silvério M. D. Figueiredo

ÁGORA

Preto é, Galinha o fez? – P.65
A. E. Maia do Amaral

Tempos e culturas fragmentadas:
para lá de um tempo imperial – P.67
Maria Paula Meneses

O Tempo do Antropoceno – P.76
António Carvalho

Cruzar as memórias da guerra colonial
e das lutas de libertação – P.78
Miguel Cardina

O Tempo: seguindo os seus traços
na Terra e no Céu – P.81
Maria Alexandra Pais
João Fernandes

Um acaso na conservação de um
espaço no tempo – P.85
Gilberto Pereira

O Tempo da Escrita – P.88
Manuel Portela

O tempo da Universidade... – P.90
Fernando Taveira

PATRIMÓNIOS

Student Hub da Universidade de
Coimbra: um espaço de acolhimento,
inovação e inspiração – P.95
Cristina Albuquerque
Alfredo Dias
José Dias

«Nos gabinetes de curiosidades existe
horror ao vazio...» – P.90
Paulo Trincão

AO LARGO CRÓNICA

O contributo de Paul Ricoeur
para o pensamento do tempo vivido
– P.104
Maria Luísa Portocarrero

CRIAÇÃO LITERÁRIA

7 poemas – P.107
Luís Quintais

LUGAR DOS LIVROS

Prémio Joaquim de Carvalho – P.117
Maria João Padez

Livros – P.118



XXIV SEMANA CULTURAL DA UC: «TEMPO»

Abalados pela pandemia que tem vindo a assolar a humanidade, a XXIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (1-15 de março de 2021) teve como mote, precisamente, a «Humanidade».

Vivia-se, à época, um período marcado por muita angústia e incertezas. O início do ano tinha sido terrível e, apesar do surgimento da vacina contra o Sars-CoV-2 um par de meses antes, a Universidade de Coimbra (UC) sentiu-se na obrigação de dar destaque à «Humanidade».

Importa lembrar que, não obstante o contexto profundamente adverso, a mobilização em torno do evento só pode ser classificada como um sucesso. Embora com bastantes restrições, o cartaz da XXIII Semana Cultural da UC acabou por ser um dos pontos altos da expressão cultural nacional em 2021, em plena pandemia.

A UC entregou-se à cultura num gesto profundamente humanista. Sentiu-se, também, a forma como o público ansiava por cultura, por libertação e por procurar atividades que lhe alimentassem a alma, minorando o sofrimento por que todos tivemos de passar.

Infelizmente, a pandemia ainda não é apenas uma memória recente. No entanto, se em 2021, com mais dificuldades e em contexto mais adverso, a UC promoveu um programa cultural de qualidade, merecedor de rasgados elogios, para 2022 pretendemos fazer ainda mais e melhor.

Como sempre acontece na definição da Semana Cultural da UC, um primeiro passo consiste na seleção de um tema agregador que funcione como cimento a todo um cartaz, que será depois construído à sua volta. Se em 2021 optámos por destacar a «Humanidade», em 2022 o nosso mote será o «Tempo».

O «Tempo» seduziu Albert Einstein quando publicou a Teoria Geral da Relatividade. Fugindo da física pura, todos nós já vivemos experiências onde o tempo passou

rápido, e outras onde o tempo nunca mais passava. O «Tempo» encerra consigo esta sedução que afeta de forma notável, e muitas vezes impercetível, a nossa vida. O «Tempo» associa-se ao segundo, ao minuto, à hora, ao dia, à semana, ao mês, ao ano e, definitivamente, à nossa existência enquanto seres humanos. Biologicamente, todos lidamos com o denominado «ritmo circadiano», tão importante para a nossa saúde biológica — incluindo a nossa saúde mental. Exames médicos realizados de manhã, à tarde e à noite não dão os mesmos resultados. O mesmo acontece com a administração de medicamentos. Por isso, o «Tempo» mexe com a nossa vida numa dimensão poucas vezes explorada de forma holística.

Mas o «Tempo» vai muito além disso. O «Tempo» é também o «momento». Neste caso, não está em causa a mensuração espacial do tempo, mas sim os diferentes «momentos» que marcam e são marcados pelo «Tempo». Todos nos lembramos de «momentos» marcantes da nossa existência, momentos esses que tiveram lugar algures no «Tempo». Outra perspetiva igualmente relevante para as nossas vidas é a do «tempo oportuno», cuja denominação anglo-saxónica (*timing*) é frequentemente utilizada pelos decisores (políticos, empresariais, militares, etc.). Ouvimos muitas vezes dizer que é melhor tomar uma má decisão do que não tomar qualquer decisão. Embora seja sempre algo discutível, é certo que a história universal e a vivência de cada um de nós estão cheias de boas decisões tomadas no tempo errado. E as boas decisões tomadas no tempo errado são sempre más decisões. A nossa existência está indelevelmente associada ao «Tempo». Os momentos marcantes da nossa vida estão igualmente associados ao «Tempo». As decisões que tomamos dependem sempre do «Tempo».

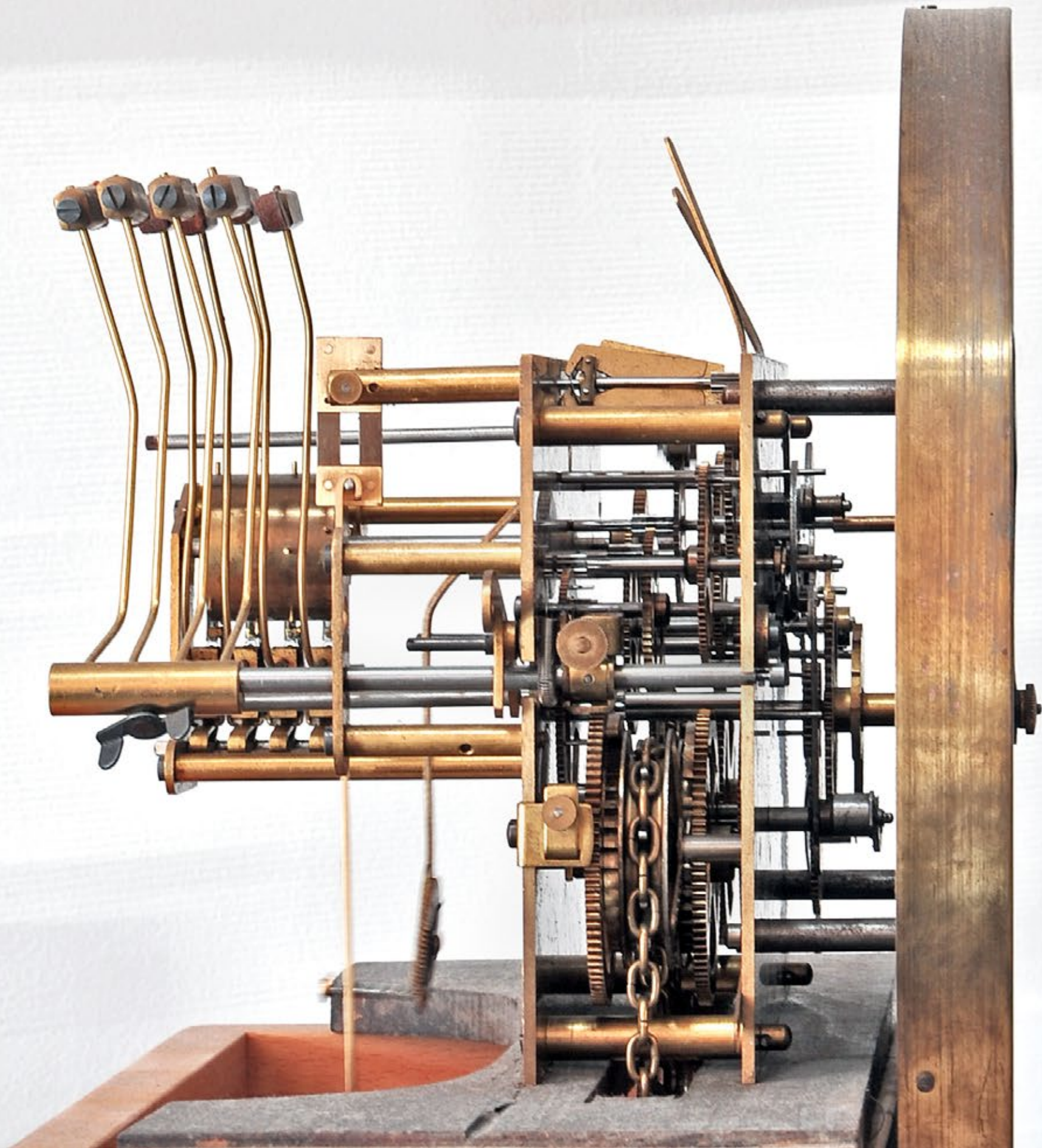
Será o «Tempo» que irá curar as feridas abertas pela pandemia que vivemos. É, por isso, «tempo» de

olharmos para o futuro, não esquecendo o tempo passado nem os seus momentos. Ao escolher o «Tempo» como mote para a sua XXIV Semana Cultural, a UC pretende dar um contributo semântico que coloque a pandemia numa posição de memória recente afastada no tempo, porque enquadrada na consciência de um devir histórico mais amplo. Simultaneamente, 2022 será um ano de enaltecimento de um número elevado de efemérides que estão associadas à história da nossa academia e à sua projeção na lusofonia.

Em 2022, a UC irá celebrar os 250 anos passados sobre as Reformas Pombalinas, com particular destaque para as estruturas e unidades orgânicas que, de forma direta ou indireta, tiveram a sua origem nesse processo de reestruturação profunda liderada pelo Marquês de Pombal: em concreto, a Faculdade de Ciências e Tecnologia, o Museu da Ciência, o Jardim Botânico e a Imprensa da UC. A este leque, já de si ilustre, juntam-se a celebração dos 50 anos da Faculdade de Economia, os 30 anos da existência da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, os 200 anos da proclamação da Independência do Brasil e os 20 anos da Independência de Timor.

Teremos, por isso, múltiplas fontes de inspiração para a XXIV Semana Cultural da UC, sendo certo que iremos celebrar muitos momentos ao longo de todo o ano. 2022 será o nosso «Tempo». Um «Tempo» que queremos partilhar com a humanidade e que, nas suas vertentes de dilatação e contração, constituirão certamente um virar de página relativamente ao tempo que vivemos.

É «Tempo» de ter «Tempo». É «Tempo» de dar tempo ao «Tempo». É «Tempo» de usufruir do tempo. Esperemos que haja bom «Tempo».



RL #56
REITORIA EM MOVIMENTO

09

LUÍS SIMÕES DA SILVA *

TEMPO DE INOVAR E PULSAR

O EMPREENDEDORISMO

A terceira missão da Universidade de Coimbra (UC) é a difusão, transferência e valorização económica de conhecimento que produz. Neste sentido, e desde 2003, com a criação do Gabinete de Apoio às Transferências do Saber (GATS), posteriormente transformado na Divisão de Inovação e Transferências do Saber (DITS), a UC tem enraizada a preocupação da transferência do conhecimento gerado nas diferentes áreas do saber.

Na metamorfose interna do formato do gabinete de transferência, o projeto especial UC Business nasce em 2019, em continuidade com os anteriores GATS e DITS, na lógica de um serviço integrado, pró-ativo e eficiente, com um intuito acrescido de minimizar a distância entre investigadores e tecido económico, melhorar a comunicação e potenciar sinergias.

A afirmação da UC como pilar de um sector económico emergente, que ajude a revitalizar Coimbra e o país, é o desafio que nos move, baseado na experiência de décadas e com o potencial que saberemos atingir¹.

Ao longo do tempo, educação, investigação, inovação, empreendedorismo e transferência de conhecimento para a sociedade podem ser vistos como diferentes elos de um sistema circular, uma vez que da aplicação dos conhecimentos transferidos surgem necessidades e ideias potenciais para o ciclo da educação através de novos conceitos. São estes que levam a novas ideias de investigação, originando inovação, potenciando o empreendedorismo e a transferência de novos conhecimentos para a sociedade, sendo a inovação o catalisador desta cadeia de valor, para redesenho de processos, criação de novos produtos e modelos de negócio e/ou otimização da utilização de recursos.

O UC Business é, atualmente, o ponto de interface entre o universo UC e o tecido empresarial, parceiros e pessoas criativas e inovadoras. Agrega as valências da construção de consórcios com instituições e empresas, apoio na contratualização da prestação de serviços especializados e gestão da propriedade intelectual, cooperação na articulação com associações privadas sem fins lucrativos e outras estruturas já parceiras da UC, estímulo à criação de *spin-offs*, dinamização de formação e eventos em empreendedorismo e de promoção de inovação e procura de mecenato.

Aproveitando todo o sólido trabalho anteriormente desenvolvido, pretende-se alicerçar futuras iniciativas nos casos de sucesso, tais como o ArriscaC, o INOVC e a Académica Start-UC. O objetivo é torná-las ainda

mais robustas e visíveis na região e no país, envolvendo de forma eficaz todas as instituições de ensino superior da zona e criando laços futuros com os jovens que aqui se formam e que vão aplicar os seus saberes e conhecimentos em diferentes entidades. Isto sem perder, claro, a ligação à Universidade, e incentivando a que sejam eles próprios agentes de criação de oportunidades de parcerias entre a Universidade, a sociedade e o tecido empresarial.

Até ao final do primeiro semestre de 2021, o UC Business estabeleceu mais de 700 relações com entidades externas, envolvendo 39 centros de investigação, e tendo apoiado mais de 100 *spin-offs*. Tem mais de 330 pedidos de patentes em curso com cobertura em mais de 40 países. Com a preocupação de fomentar estas interações numa fase mais inicial do percurso académico dos seus alunos, o UC Business apoiou até ao momento, sete juniores empresas/iniciativas da UC em diferentes áreas de atividade/saber.

Internamente, já está consolidada a estrutura e os métodos de trabalho que permitiram integrar o sistema de qualidade da UC.

No que diz respeito aos instrumentos que regulam e enquadram algumas das atividades do UC Business, estão em diferentes fases de revisão os regulamentos de Propriedade Intelectual e o regulamento das Plataformas Tecnológicas. Está em preparação o regulamento que visa apoiar a criação de *spin-offs* universitárias e o regulamento que visa gerir a articulação e a participação nas associações privadas sem fins lucrativos. Com estas revisões pretende-se reforçar as condições internas de trabalho para os docentes e investigadores que procuram desenvolver e transferir trabalho de I&D para o tecido económico e para as instituições que procuram a UC no sentido de se aliar a elas, colmatando necessidades identificadas e desenvolvimento de ideias que gerem valor acrescido aos seus propósitos.

Paralelamente, está a ser desenvolvido um sistema interno integrado de gestão da informação, que envolve indicadores de projetos, propriedade intelectual, prestações de serviços e outros que se venham a mostrar relevantes, de forma a facilitar, em tempo real, a consulta de dados e a resposta a solicitações internas e externas.

A médio e longo prazo, no âmbito do domínio de Transferência do Conhecimento, é objetivo tornar a UC numa referência entre as Instituições de Ensino Superior, assim como reforçar a marca UC como principal parceiro do tecido económico regional, nacional e global.

1. Excerto do prefácio do livro *A UC e a Transferência de Conhecimento e Tecnologia no Contexto Histórico: 25 Anos de Gestão de Inovação e Conhecimento*

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Inovação e o Empreendedorismo

TEMPO DE MUDAR

Os últimos dois anos de existência da Universidade de Coimbra (UC) foram certamente dos mais imprevisíveis e complexos da sua existência, tendo exigido o melhor de toda a academia para assegurar a sua importante missão de serviço público. Guardarei para sempre na memória a participação no 731.º aniversário da Universidade, na companhia do Magnífico Reitor e do Professor José Nascimento Costa, perante uma Sala Grande dos Atos desprovida de qualquer moldura humana, naquele que foi um momento simbólico de resiliência, acompanhado pela academia através de meios digitais. Neste período, docentes, investigadores, técnicos e estudantes tiveram de reaprender a forma como tradicionalmente exercem as suas atividades, alternando períodos de confinamento totalmente dependentes do uso de meios digitais, com períodos de presença física na instituição. É forçoso salientar que apesar de tão insólito contexto, o essencial das atividades de formação, investigação e suporte foi plenamente assegurado, o que constitui motivo de satisfação para a instituição e de gratidão para com todos os que deram o seu melhor para ultrapassar as dificuldades. As medidas de segurança aplicadas e a resposta da comunidade asseguraram também a inexistência de problemas de saúde relevantes na instituição, o que é de relevar. Missão cumprida!

As prioridades definidas para o mandato tiveram naturalmente de ser reajustadas, com forte ênfase na digitalização da Universidade, a qual, estando prevista no âmbito do programa da equipa reitoral, teve de sofrer um forte impulso em resposta à pandemia. Neste período foram desenvolvidas: a plataforma Apply, que permitiu desmaterializar os procedimentos concursais para docentes, investigadores e pessoal técnico; a plataforma UC Teacher/UC Student, recentemente galardoada com o prémio Best Education Project no Portugal Digital Awards 2021, a qual, ainda que nascida como resposta à pandemia, é já um pilar do edifício digital da UC para o futuro; a plataforma UC Meetings, derivada da anterior, com a finalidade de permitir realizar sessões de videconferência entre

elementos da comunidade da UC, bem como constituir grupos de trabalho e partilhar mensagens e documentos entre os seus membros; a plataforma My UC, originalmente dotada apenas da funcionalidade de marcação de férias, e que irá evoluir para se constituir como um portal completo do colaborador; a introdução da assinatura digital nas plataformas da UC, já operacional em diversos processos Lugas, a estender em breve à assinatura de pautas e requerimentos diretamente na plataforma Nonio, com evidentes ganhos de eficiência e comodidade para os envolvidos; a UC Pages, um novo gestor de conteúdos web ao serviço da UC, em substituição do já datado SILVA; e um novo processo de automatização na plataforma Lugas, agora relativo aos pedidos de compras, que permitiu significativos ganhos de tempo associados à contratação pública de bens e serviços. Em todos estes processos, além dos ganhos de eficiência, há ainda a registar, na vertente de sustentabilidade, a poupança de enormes quantidades de papel. Além deste conjunto de plataformas e processos referidos, estão ainda a ser lançadas as bases para a criação de um edifício digital integrado que permita a gestão do património bibliográfico e museológico existente na UC, obviando à dispersão de sistemas nos diversos sectores da Universidade.

Este período foi particularmente exigente no que respeita à robustez das contas da instituição, o que se deve a uma significativa redução de receita própria, resultante da quebra da atividade do turismo e da maior dificuldade na captação e retenção de estudantes internacionais, bem como ao significativo acréscimo de despesa com medidas de segurança relativas à pandemia. Também os Serviços de Ação Social (SASUC) registaram dificuldades análogas, dada a grande redução de atividade sofrida. É de assinalar que, ao contrário de outros sectores da economia, as universidades não beneficiaram de qualquer apoio do estado pelos prejuízos desta conjuntura. Não obstante, com o esforço de todos os sectores da UC foi possível manter uma situação de equilíbrio

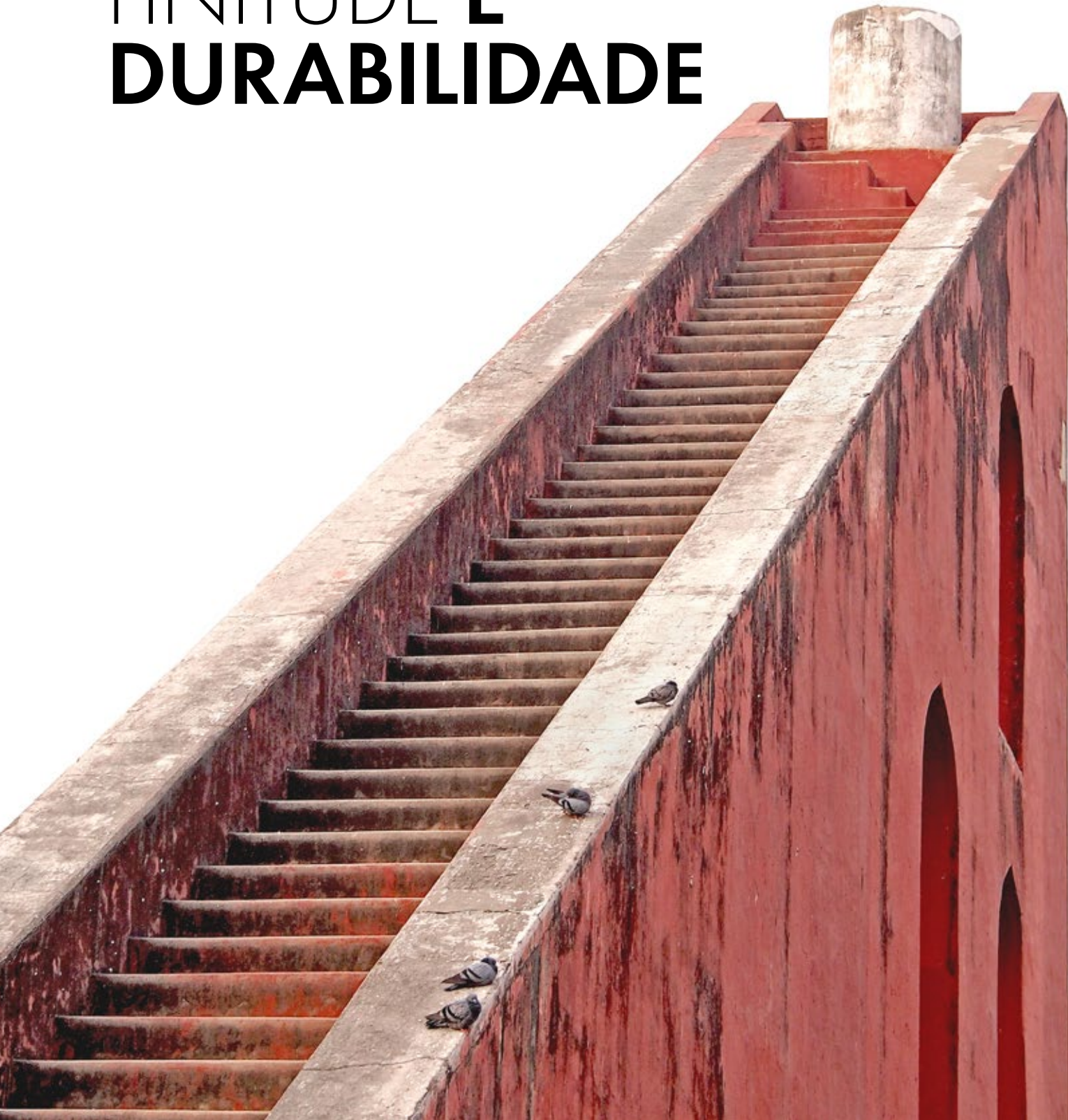
financeiro e assegurar bases sólidas para o futuro da Universidade. Salienta-se o contínuo crescimento da atividade de investigação e transferência de conhecimento com financiamento externo, mesmo em período de pandemia.

Ainda que com moderação, prosseguiu o recrutamento de docentes e técnicos essenciais ao bom funcionamento estrutural da instituição, bem como de investigadores e técnicos no âmbito de projetos e atividades com financiamento externo. Foram concluídos os processos de avaliação do corpo docente e do corpo técnico, assim como efetuadas as subseqüentes alterações de posicionamento remuneratório; salienta-se, no caso do pessoal técnico, a avaliação SIADAP do ciclo de 2019-2020, decorrida integralmente através da definição de objetivos e competências. Publicada a norma habilitante, sob a forma do DL 112/2021, a UC irá evoluir o seu quadro docente em 2022 para o cumprimento do rácio legal mínimo de 50% de professores catedráticos e associados, através da abertura de mais de 80 concursos de promoção interna para a categoria de professor associado, em paralelo com a abertura de alguns lugares de professor catedrático em áreas disciplinares necessitadas desse reforço. A UC será seguramente das primeiras, se não a primeira IES, a atingir a meta referida. No que respeita ao corpo técnico, salienta-se a continuação da aposta na sua valorização, designadamente através do mecanismo de mobilidade intercarreiras, que abrange já cerca de 90 colaboradores na UC e nos SASUC.

As atividades presenciais, entre as quais se destacam a formação profissional do corpo técnico, ficaram prejudicadas neste período, não tendo sido possível a execução de um vasto programa que se encontrava preparado pelo Serviço de Gestão de Recursos Humanos. Ficam os votos de que seja possível em 2022 corrigir aspetos como este, na sequência de um desejado regresso à normalidade.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para as Finanças e os Recursos Humanos

TEMPO, FINITUDE E DURABILIDADE



A relação com o Tempo é um dos grandes signos portadores de sentido, por iluminar a compreensão da existência pessoal e a sua inserção no devir cósmico, por tornar mais premente a consciência incontornável da humana efemeridade, mas também por instilar no espírito a inquietação necessária à busca da eternidade. Por este conjunto de razões — a que qualquer indivíduo poderia juntar múltiplas expressões particularizadas da sua própria percepção existencial —, refletir sobre o Tempo é uma tarefa tão sedutora quanto difícil. O mesmo se poderia dizer a respeito de outros grandes temas, igualmente vinculados por comparáveis laços de vivência singular e coletiva: o amor, a morte, o dilema da finitude, a esperança na perenidade redentora ou no esmaecido aceno da eternidade. A evocar algum autor-testemunha de um partilhado batimento existencial, que a prioridade seja dada ao criador (singular ou coletivo) desse primeiro grande *monumentum* literário da cultura ocidental que é a *Iliada* de Homero, que aqui se evoca em toscos versos lusos, destilados a partir da singela beleza do grego original (*Il.* 6.146-149):

Tal como a geração das folhas das árvores, assim é a geração dos homens:

as folhas, derrama-as o vento pelo chão, mas logo a floresta luxuriante outras faz brotar, quando chega a estação da primavera.

Assim brota uma geração de homens e logo outra deixa de existir.

Esta despreziosa passagem, sobejamente conhecida como «símile das folhas das árvores», exprime, na essência, algumas das preocupações com que nos debatemos no acelerado séc. XXI: a noção de caducidade humana, que tal como as folhas das árvores está destinada a estiolar e fenecer, assim que sobrevém o inverno da vida; e a inscrição dessa efemeridade num devir cósmico mais amplo, que no texto homérico faz equivaler a substituição anual das folhagens das árvores às gerações humanas que se vão sucedendo em silente obediência a uma superior e irrevogável determinação. A isso poderia juntar-se, em linha ainda com as atuais preocupações climáticas, a inserção da vida humana num equilíbrio emanado da própria natureza. No entanto, há que reconhecer também que, na maioria das vezes, esse ideal de harmonização vital com as lentas badaladas das estações constitui mais um arrimo filosófico do que uma real e duradoira resolução. De resto, já os antigos, bem cientes da rapidez com que se escoava na ampulheta existencial a areia de

cada jornada, não hesitavam em apelar à sua fruição total, notavelmente imortalizada pela expressão latina *carpe diem* — também ela afinal radicada numa metáfora agrícola (à letra, «colhe o dia»), que nos reconduz, ainda que no extremo polo oposto, à necessidade de alinhar a nossa existência com o ritmo da natureza nutriz.

Ao eleger o Tempo como tema da XXIV Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC), procura-se assim convocar a sua ação e a sua força pendulares: o Tempo e as várias fases da vida; a memória coletiva e o Tempo pretérito comum; o Tempo presente e os desafios que coloca ao ímpeto criador, para que o Tempo futuro seja marcado pela confiança num Tempo melhor. Não apenas o «Tempo cronológico» (*chronos*), que deixa um traço indelével de «Tempo escultor» (*monumentum*, que não disfarça o humano desejo de «perdurar no Tempo»), mas também o «Tempo oportuno» (*kairos*) que marca o discernimento para agir no momento certo, pela causa mais justa — ou então, na impossibilidade de assim atuar, que escolhe, porventura erradamente, não atuar de todo. Numa instituição com a duração da UC, que muitas gerações viu chegar e muitas outras se prepara para acolher, cada novo ano traz quase sempre consigo a oportunidade (e também a obrigação institucional) de celebrar acontecimentos variados. Ainda assim, o ano de 2022 destaca-se pela riqueza das comemorações que necessariamente irá estimular. Com efeito, será um período assinalado por marcos temporais de profundo significado para a história da UC e para a sua projeção lusófona: entre outros, os 250 anos da Reforma Pombalina, os 200 anos da proclamação da Independência do Brasil, e os 20 anos da Independência de Timor. Mas esse mesmo ano será também, segundo se espera, o Tempo da pós-pandemia e o Tempo da expectativa na renovação criadora, pelo que as comemorações não se poderiam nunca esgotar no simples registo memorialístico (e menos ainda nostálgico). Pelo contrário, o momento de revisão histórica tem de trazer em si o *momentum* que nutre e anima a inovação contínua.

O ano de 2022 será, por isso e sobretudo, o nosso Tempo e a ocasião para construirmos um futuro Tempo melhor: com arte, com intelecto, com paixão, e ainda com a serena confiança na durabilidade.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DA UC: 20 ANOS A PROMOVER INTERDISCIPLINARIDADE

O termo «Interdisciplinaridade» tem sido usado desde meados da década de 1920, mas apenas no final do século XX começou a fazer parte da estratégia de diversas universidades de referência mundial¹. O mesmo se passou na Universidade de Coimbra (UC) que, há 20 anos, com o objetivo de reforçar a interdisciplinaridade na dimensão da investigação e da formação avançada, criou o Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC (IIIUC). O IIIUC é uma Unidade Orgânica de investigação e

ensino e, como se refere nos seus estatutos, «promove investigação e formação avançada interdisciplinares, fomentando o cruzamento fértil entre áreas de saber e agregação de equipas, no sentido de garantir capacidade de afirmação internacional da investigação científica da UC, e colabora na concretização das decisões estratégicas da UC em matéria de I&D.» Para cumprir esta sua missão, o IIIUC tem desenvolvido e apoiado diversas estratégias e atividades, ficando aqui resumidas apenas algumas.

De forma a reforçar a investigação interdisciplinar na UC, o IIIUC apoiou o lançamento da iniciativa interdisciplinar «Efs — Energia para a Sustentabilidade», que conta já com 18 anos, e lançou, em 2021, duas novas iniciativas interdisciplinares: «UC.Space» e «Patrimónios e Desenvolvimento». O IIIUC tem ainda

1. Wernli, D., Darbellay, F. and Maes, K. (2017). Interdisciplinarity and the 21st-century research-intensive university. LERU position paper. URL: <https://www.leru.org/publications/interdisciplinarity-and-the-21st-century-research-intensive-university>.





contribuído para a dinamização das áreas estratégicas de investigação interdisciplinar da UC (AEUC), que fazem parte do Plano Estratégico da UC 2019-2023. Esta nova forma de organização da investigação em áreas estratégicas de investigação tem como objetivo estimular a atividade científica numa abordagem de cruzamento de saberes — interdisciplinar, portanto —, estimulando e fortalecendo o envolvimento da comunidade científica da UC em projetos e redes científicas internacionais, promovendo a excelência da investigação.

No que diz respeito à componente Formação Avançada, assente em atividades de investigação de natureza interdisciplinar, o IIIUC coordena oito² programas de doutoramento interdisciplinares, envolvendo diversas Unidades I&D, frequentados por cerca de 300 estudantes de doutoramento. Ainda na componente de formação avançada, o IIIUC tem também organizado e gerido Cursos Não Conferentes de Grau ligados às atividades de investigação, como é o caso do Curso de Gestão de Ciência.

Outras atividades de reforço da investigação na UC, promovendo a internacionalização e a excelência, têm sido apoiadas pelo IIIUC, nas quais se destacam duas iniciativas inovadoras: GendER@UC e ERC@UC. A primeira tem como objetivo reforçar a integração da perspetiva de género em todos os processos e conteúdos da investigação científica conduzida na UC. Pretende-se, assim, reforçar a igualdade de género na investigação da Universidade, no recrutamento, nas equipas, na organização de congressos científicos, na liderança científica, na submissão de projetos competitivos, e até nos resultados gerados, que dão origem a publicações científicas, garantindo investigação de maior qualidade e com maior impacto. Esta iniciativa, que tem sido apontada e reconhecida internacionalmente, contribui para a estratégia da UC na aplicação

do Plano de Igualdade, Equidade e Diversidade da UC (PIED@UC), na componente da investigação. Já a iniciativa ERC@UC tem como objetivo aumentar o número de investigadores e investigadoras na UC com as bolsas de excelência European Research Council (ERC), da Comissão Europeia, e que se pretende que tenham uma matriz interdisciplinar. A ERC@UC inclui um plano individualizado de apoio a cada investigador/a, apoiando todos os passos no processo de desenho da proposta e potenciando a interação com todo o ecossistema científico da UC. Esta iniciativa começa a dar os primeiros resultados em atrair mais talentos e apoiar a comunidade científica que já está na UC a conseguir este selo de excelência.

O IIIUC tem ainda como missão divulgar e comunicar a investigação científica realizada na UC, apoiando e dinamizando diversas atividades de Comunicação e Divulgação de Ciência, das quais se destacam as seguintes: o apoio às atividades do Rómulo — Centro Ciência Viva da UC (que conta já com 13 anos), a organização da competição internacional de comunicação de ciência entre estudantes de doutoramento «Competição Tese de Doutoramento em 3 minutos», o apoio a eventos ou atividades de Promoção da Cultura Científica, a organização da Noite Europeia dos Investigadores (NEI), entre outras. O IIIUC tem organizado ações de formação (Formações IIIUC — Ferramentas de apoio à investigação) que mobilizaram mais de cinco mil participações no ano 2020.

Não será possível aqui enumerar todas as iniciativas realizadas ou apoiadas pelo IIIUC ao longo destes 20 anos, mas estas só foram possíveis com o apoio e contributo de muitas pessoas, com especial relevo para os três últimos reitores da UC. Assim, só nos resta agradecer a todos e todas que têm contribuído para que o IIIUC seja uma referência nacional e internacional na promoção da interdisciplinaridade e no reforço da Investigação na UC.

2. Cursos de Doutoramento do IIIUC: Biologia Experimental e Biomedicina; Estudos Contemporâneos; História das Ciências e Educação Científica; Território, Risco e Políticas Públicas; Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas, e Design de Media Computacionais.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para a Investigação e o 3.º Ciclo

PATRIMÓNIO UC

— PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO



O Património, material e imaterial é, regra geral, um dos mais importantes ativos das instituições, em particular das que, como a Universidade de Coimbra (UC), contam com séculos de existência.

Ao longo dos seus 730 anos, a UC foi acumulando um Património muito vasto e diversificado, contemplando, não só Edifícios Históricos, mas também edifícios mais recentes, alguns dos quais construídos já neste século. Marca importante desse Património foi a classificação — de uma parte significativa deste — como Património da Humanidade, no âmbito da Classificação do Bem Universidade Alta e Sofia, por parte da UNESCO. Com este valor vem uma responsabilidade, um constante encargo com a preservação e valorização não só da componente material, mas também da componente imaterial, estreitamente ligada com a primeira. A prossecução deste objetivo exige a definição de uma estratégia clara, suportada num planeamento rigoroso, complementado por uma adequada alocação de recursos, de dimensão proporcional ao valor e extensão do Património em causa.

Esta estratégia tem necessariamente de englobar tanto o edificado propriamente dito, como toda a sua envolvente e enquadramento urbanístico. Neste sentido, foi definida como prioritária a conclusão dos processos do Polo III e do Polo II, por forma a viabilizar o desenvolvimento de projetos atuais e futuros, de que o projeto MIA Portugal — Centro de Excelência em Investigação Científica é um excelente exemplo. Destaca-se, aqui, o licenciamento do loteamento do Polo III ter sido essencial para iniciar a construção do edifício UC — Biomed, componente central para o desenvolvimento do projeto.

O plano de intervenção no edificado considera a tipologia de intervenções necessárias, bem como as zonas prioritárias, sendo que, neste particular, foi identificado o Polo I, não só pelo valor patrimonial do edificado em causa, mas também pelo estado de conservação do mesmo. A análise das necessidades funcionais, patologias e estado de conservação conduziu a um plano de requalificação de carácter marcadamente estrutural, no que diz respeito a coberturas, fachadas e infraestruturas. De entre os processos em curso, é de ressaltar a recuperação do Paço das Escolas, em fase adiantada de empreitada. Ainda neste âmbito, podem referir-se alguns projetos que decorrem em paralelo, como a requalificação do Edifício 2 da Faculdade de Psicologia (lavandaria do antigo Hospital da UC), em fase de concurso; o projeto global do Colégio das Artes, em fase de licenciamento; ou o projeto global do antigo Edifício da Faculdade de Medicina, em fase final de conclusão. Como parte de um processo de melhoria contínua, têm ocorrido intervenções específicas, corretivas e preventivas, na generalidade dos espaços da UC, nomeadamente no Polo II, Polo III, Estádio Universitário, Observatório Geofísico, Palácio de S. Marcos e Faculdade de Economia.

A preservação e valorização do edificado e infraestruturas é absolutamente essencial para o cumprimento da missão da Universidade. A Reitoria da UC continuará a assumir o desafio da preservação e valorização do seu Património, em estreita ligação com a sua academia e a sociedade em geral.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para o Património, o Edificado e as Infraestruturas

ESTUDAR NA UC:

○ TEMPO

PARA CONHECER,

○ TEMPO

PARA EXPERIMENTAR,

○ TEMPO PARA SER...

«Nós somos tempo. Compreender aquilo que nós somos é compreender o tempo que nós somos, aquilo que o tempo exterior, o tempo da história, o tempo da sociedade é em nós. Não se faz essa aprendizagem sem que ela seja uma metamorfose permanente daquilo que nós somos.»

Esta frase, proferida por Eduardo Lourenço, concretiza bem as transformações osmóticas que, ao longo do tempo, se inscrevem, indelével e sub-repticiamente, em cada pessoa, pela formação adquirida e pelas experiências vividas na universidade. O mote essencial para uma formação integral e profunda que a universidade deve assegurar é, na verdade, a construção dessa compreensão de si e dos outros, dessa «metamorfose permanente» no modo de sentir, de olhar, de escutar, de (inter)agir, de se desafiar e de se perceber, como parte de um tempo que passa e de um tempo que fica na fotografia difusa das memórias e na prova viva das aprendizagens, das emoções revisitadas e dos caminhos percorridos.

A Universidade de Coimbra (UC) integra um passado de que se orgulha e olha, no presente, para o futuro que quer ajudar a construir. O acesso a áreas de formação inovadoras, a abordagens inter e transdisciplinares, a oportunidades de cocriação de projetos (por exemplo, com a recente constituição do Laboratório de *Design Thinking* e da Academia de Criadores, no *Student Hub*), a processos de voluntariado (com o programa UC Transforma), a experiências em contexto laboral (através das iniciativas desenvolvidas pelo Núcleo de Promoção

da Empregabilidade), a possibilidades de conexão intercultural e mobilidade internacional, entre muitas outras dimensões nas quais a UC tem vindo a apostar, permitem dar substância ao tempo de formação académica e agregar o *chronos* ao *kairós*. Em inúmeras iniciativas da UC, nomeadamente no âmbito da empregabilidade e da inovação pedagógica, tem vindo a ser sublinhada a mensagem, junto dos estudantes, de que a verdadeira aprendizagem pressupõe um efetivo envolvimento nas atividades académicas, dentro e fora da sala de aula. O aproveitamento de oportunidades curriculares e extracurriculares, que a UC vai gerando ou difundindo, permite a abertura de novos horizontes para a edificação de um percurso enriquecedor e para uma formação que se pretende cada vez mais inspiradora e integral, nos diversos planos da cidadania: científicos, cívicos, culturais, desportivos e associativos. Emerge, deste modo, a dimensão do tempo significativo, do momento oportuno para escolher e para agir e, sobretudo, da vontade perene e renovada de aprender.

Aprender a aprender ao longo da vida constitui-se, de facto, como um elemento fulcral nas sociedades atuais e é o fator mobilizador para a proposta de um conjunto alargado de novos cursos não conferentes de grau, e de uma maior aproximação da UC ao universo empresarial, organizacional e territorial. No mundo atual, globalizado e reticular, o paradigma do trabalho encontra-se sujeito a profundas transformações, com impacto, não apenas nos sistemas produtivos, mas também nas vivências e expectativas individuais e coletivas. A própria conceção de tempo — linear, previsível e mensurável — inerente à sociedade salarial fordista transmuta-se. O tempo de trabalho perde o estatuto de marcador das demais temporalidades sociais. O ciclo de vida deixa de ser concebido como um processo contínuo e relativamente previsível, logo, controlável aprioristicamente, para se tornar cada vez mais flexível, aleatório e fragmentado.

O desafio atual é, pois, o de gerir a flexibilidade dos percursos e a construção da «melhor» empregabilidade (e já não a mera manutenção do emprego),

assumindo a incerteza como dimensão substantiva. A formação de cidadãos e profissionais pró-ativos, capazes de desenhar soluções inteligentes e sustentáveis para problemas concretos é, neste quadro analítico, particularmente relevante, e um catalisador de mudanças, já efetivadas e a efetivar, na forma de conceber a formação na UC e a relação com o mercado de trabalho e o contexto societal. Este desafio con-substancia-se quer na criação, a breve prazo, de mestrados mais curtos e com um foco de aplicabilidade, em articulação com empresas e organizações, quer em transformações pedagógicas capazes de assegurar, cada vez melhor, uma preparação efetiva para o pensamento crítico, a decisão contingente, a adaptabilidade, a comunicação como base de respeito pela troca de ideias mutuamente enriquecedoras, a aceitação da diferença como dever ético e fator de criação, a cooperação como eixo de ação, a responsabilidade como parte integrante da liberdade e o risco como elemento inerente a propostas concretas e a contextos em mutação rápida.

A reflexão sobre os conteúdos a lecionar, mas sobretudo sobre como fazê-lo, coloca-se, pois, em primeiro plano no desafio de um presente em acelerada transformação e à necessidade de traçar os roteiros mais adequados para navegar o futuro. Uma navegação previsivelmente mais dificultada para pessoas com necessidades específicas, que não são deixadas para trás, assumindo-se os valores matriciais da UC de humanismo e de respeito como bússolas de sentido na atenção ao outro, em diversas medidas concretas e adaptadas (nomeadamente as integradas no programa UCforAll e na Ação Social). Constrói-se, desta forma, o «tempo para ser» em comunidade e são criadas possibilidades (nomeadamente através de bolsas e incentivos) para transmutar um destino numa história e contrariar «profecias autorrealizadas». «Nós somos tempo»...

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e a Atratividade de Estudantes Pré-graduados

UC E TEMPO(S): UMA INDISSOCIABILIDADE

Em boa hora a Universidade de Coimbra (UC) optou pela temática «Tempo» na sua XXIV Semana Cultural, marcando, assim, indelevelmente esta edição da revista *Rua Larga*.

Com efeito, o «tempo» assume, contemporaneamente, uma bivalência mediática incontornável — quer seja interpretada pela emergência climática, quer seja vista na nova perspetiva cronométrica para que as nossas vidas se viram empurradas pela entrada abrupta numa era digital sem precedentes, em muitos casos, sem a devida preparação.

No entanto, este ambiente induzido pela pandemia revestiu-se, também ele, de uma dicotomia dada pela adversidade e pela oportunidade. A primeira mostrou-se, fundamentalmente, através das inúmeras dificuldades geradas pelo abandono abrupto de práticas, em muitos casos, de uma vida, induzindo as angústias que todos conhecemos quando lidamos com o desconhecido. A segunda, além da tenacidade demonstrada pela comunidade UC, aconteceu muito devido à perspetiva reformista por que a UC se está a orientar, para aproveitar o avanço inexorável no âmbito da digitalização e desmaterialização, dando um salto em frente, de muitos anos, nestas dimensões e em tudo que gravita em torno delas.

O desempenho de todos tem sido determinante para que a nossa UC atravesse esta fase de forma bem-sucedida. Corpo docente, investigadores, estudantes e corpo técnico demonstraram, no geral, uma resiliência e espírito de missão absolutamente avassaladores. Na verdade, só isso permitiu à vetusta UC estar hoje em franco processo de ajustamento para patamares qualitativamente superiores, após a passagem

intempestiva deste fenómeno que assolou o mundo. No seguimento da manutenção de toda a atividade da UC, gostaria de deixar algumas notas relativas à atuação dos pelouros que se encontram mais diretamente sob a minha tutela: Qualidade, Desporto e Ação Social. O primeiro tem assumido um papel preponderante através do Gabinete de Promoção da Qualidade no que à otimização dos procedimentos da UC diz respeito. Neste âmbito, merece destaque a submissão do guião de autoavaliação do Sistema Interno de Garantia da Qualidade da UC, com vista à renovação da sua certificação pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. Este extenso e exigente exercício de autoavaliação permitiu confirmar os pontos fortes e identificar alguns aspetos a melhorar, com o intuito de reforçar o ciclo anual de planeamento, monitorização, avaliação e melhoria das atividades desenvolvidas em toda a instituição, das áreas de missão às áreas de suporte. Ainda no âmbito das certificações, foi preparada e realizada uma nova auditoria externa, que teve como objetivo renovar e alargar a certificação do SIGQ segundo o referencial internacional ISO 9001:2015, essencial para a competitividade nacional e internacional da UC. Cumulativamente a estes mecanismos de regulação, sublinha-se ainda a realização de várias melhorias em alguns instrumentos de monitorização e avaliação do desempenho, nomeadamente inquéritos pedagógicos a estudantes e docentes, relatórios anuais de autoavaliação dos cursos/ciclos de estudo, inquéritos à satisfação, caracterização bibliométrica da produção científica e procedimento de auditorias internas da qualidade. Estas evidências demonstram bem a relevância da gestão da qualidade na UC, definida

estatutariamente como princípio de governação e com lugar de destaque no Plano Estratégico da nossa universidade.

O Desporto tem-se pautado por um apoio incondicional a um estilo de vida ativo e saudável para toda a comunidade UC, assim como prestado um contributo inexcelsível à criação de um ambiente relacional de elevada qualidade entre todos aqueles que a ele recorrem, quer seja através da prática dos programas que têm à disposição (Experimenta, Grupo Caminhada e corrida, etc.), quer seja através dos Jogos UC. Recentemente, foi criada uma nova imagem e identidade para o desporto na UC — Desporto UC —, que muito tem contribuído para melhorar o contacto com todos. A este propósito deve ser referido o desenvolvimento de uma plataforma e uma *app* para reservas de espaços no Estádio Universitário e para a inscrição nos programas do Desporto UC, instrumentos digitais estes que se mostraram altamente facilitadores de rotinas e, também por isso, indutores da prática desportiva. Ainda no âmbito da coordenação do Desporto UC, torna-se incontornável a referência ao programa *Healthy Campus*, sob a égide da Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU), a qual atribuiu à UC a certificação Platina (o mais elevado) pela abordagem que esta realiza em prol do bem-estar físico e mental da sua comunidade.

Já desde 1966, ano em que a ação social passou a ser assumida por um serviço (à data, Serviços Sociais da UC), os agora Serviços de Ação Social da UC (SASUC) sempre se constituíram como um pilar do funcionamento da Universidade, já que esta nunca abdicou do apoio aos seus estudantes e colaboradores na busca

de uma rotina quotidiana o mais adequada possível. No entanto, se houve um período que colocou à prova os SASUC foi, definitivamente, aquele que agora todos cremos estar a terminar. Com efeito, a resposta dos SASUC ao ambiente pandémico foi digna dos mais elevados elogios e orgulho da comunidade UC. Esta atuação foi construída num ambiente de inúmeras incertezas e dúvidas operacionais, associadas ao inevitável receio a que globalmente assistimos. A adaptação às restrições impostas a espaços de residência e de alimentação (para não falar de mais) constituiu-se como um desafio que implicou o reclamar de um espírito de missão absolutamente esmagador e ao qual todos devemos estar reconhecidos. Além desta realidade mais logística e operacional, os SASUC rapidamente atuaram através da criação de apoios complementares, para dar apoio e conforto àqueles que deles mais necessitaram, como foram os casos do Fundo de Apoio Social — Apoio de Contingência, do Apoio Social Pontual Santander UC e do apoio em meios tecnológicos a estudantes bolsheiros ou abrangidos pelo Fundo de Apoio Social.

O passado recente foi ainda o «tempo» para preparar e iniciar a execução do Plano para a Igualdade, Equidade e Diversidade da UC (PIED@UC). Este documento norteador vem sublinhar a motivação intrínseca que a UC tinha (e tem) para definir objetivos a curto e médio prazo, de forma a colmatar enviesamentos para os quais — mesmo que transversais a toda a sociedade — urge traçar uma trajetória de correção na UC.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Qualidade, o Desporto e os Serviços de Ação Social

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, INTERNACIONALIZAÇÃO E ALUMNI: **TEMPO DE ESPERANÇA**



Comemoramos 732 anos da nossa Universidade (ainda) sem debelar a pandemia do século... *Tempo* sombrio para a Humanidade, mas também *tempo* para repensar prioridades e projetar futuro apropriado às novas circunstâncias, sem abdicar da identidade (de valores).

Hoje, a Universidade de Coimbra (UC) aposta crescentemente na sustentabilidade ambiental e na transição digital, convertendo a crise em oportunidade e reforçando as notas de dinamismo e de capacidade de adaptação que caracterizam as instituições históricas de prestígio.

Naturaliter, a abertura ao mundo constitui, em qualquer *tempo*, o ADN da nossa *Alma Mater*, referência mundial pelo cosmopolitismo, pela tolerância e pela

dimensão integradora. Não obstante as dificuldades causadas pelo circunstancialismo sanitário em matéria de internacionalização, não podemos deixar de estar à altura da responsabilidade social que se coloca à mais internacional das Universidades portuguesas: a formação de excelência, não apenas técnica, mas sobretudo humana, de indivíduos que possam devolver a *esperança* num mundo melhor, menos desigual, mais fraterno.

Quando assistimos à emergência de populismos e de extremismos políticos que põem em causa a sobrevivência do próprio regime democrático, a matriz axiológica da UC, no coevo contexto civilizacional, reveste importância capital para a construção de uma sociedade mais justa, solidária, inclusiva e humanista.

Neste quadro geral, importa descrever no essencial a ação, presente e futura, da equipa reitoral em exercício no respeitante ao designado pelouro das «Relações Externas e *Alumni*».

Na aldeia global em que vivemos, a UC deve reforçar o seu papel de *Universidade da língua portuguesa* por excelência, não olvidando a necessidade de ampliar a oferta de cursos em inglês em determinadas áreas científicas ou em específicos ciclos de estudo (*v.g.* protocolo com a *City University* de Macau para realização de Pós-Graduação com a Faculdade de Economia da UC). Salientamos a atividade da *Academia Sino-Lusófona*, pela relevância no aprofundamento das relações com os países lusófonos e, assim, na afirmação mundial do prestígio da UC.

Além dos dois ciclos de palestras «Diálogos Intercivilizacionais: Ásia, Europa e Países de Língua Oficial Portuguesa» — atividade cultural financiada pela Fundação Eurasia (com sede em Tóquio), com o objetivo de dinamizar o diálogo académico sobre as mais diversas temáticas da atualidade entre a Ásia, a Europa e o mundo lusófono —, cumpre destacar a realização de conferências internacionais com relevantes parceiros brasileiros (*v.g.* Superior Tribunal de Justiça do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil, Academia Brasileira de Direito Civil) e chineses (*v.g.* Academia de Ciências Sociais da China), amplamente participadas, com envolvimento de oradores de todas as paragens lusófonas e em língua portuguesa.

No quadro de um conjunto importante de protocolos celebrados com instituições estratégicas da África lusófona (*v.g.*, Procuradorias Gerais da República de vários PALOP, Ministérios da Justiça e Direitos Humanos de Moçambique e Timor-Leste, Ministério do Mar, da Cultura e Artes Criativas de Cabo Verde), impõe-se recordar as ações de qualificação avançada presenciais para altos magistrados angolanos (sobre Direito Penal Económico e *Compliance*), a co-organização com a ONU do XVIII Encontro de Procuradores Gerais da CPLP, a realização de perícias técnicas de apoio a investigações da Procuradoria Geral da República de São Tomé e Príncipe (pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC) e a formação ministrada no âmbito da Medicina Forense e da proteção de crianças neste país (através da Faculdade de Medicina da UC).

Por outro lado, as (18 edições de) *Conversas da Casa da Lusofonia*, conferências com oradores de relevo operacionalizadas pela Divisão de Relações Internacionais, têm permitido o envolvimento da comunidade académica e dos Antigos Estudantes, concretizando também por esta via, em língua portuguesa, o cumprimento da responsabilidade universitária de abertura à sociedade civil em geral para debater as mais candentes temáticas da atualidade.

Não podemos também deixar de realçar a comemoração, na Sala do Senado, do Dia Mundial da Língua Portuguesa, em parceria com a Câmara de Comércio

Portugal/Moçambique e com intervenções (a distância) do Presidente Joaquim Chissano e do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, com a atribuição de importantes distinções a Antigos Estudantes da UC (o Prémio *Alumni* Chissano a Anabela Chambuca, anterior Presidente da Bolsa de Valores de Moçambique, e a Menção Honrosa a Leonel Tomo, alto quadro do mundo financeiro moçambicano).

Corolário da estratégia de valorização da língua portuguesa foi a eleição por unanimidade da UC para a presidência do Conselho de Administração da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) durante o triénio de 2021/2024. Fundada em 1986 — 10 anos antes da própria CPLP, da qual é Observador Consultivo —, a AULP é constituída por 140 instituições de ensino superior (universitário e politécnico) dos oito países de língua oficial portuguesa e Região Administrativa Especial de Macau, e tem desenvolvido (desde 2019) um importante programa de intercâmbio de alunos e docentes entre cerca de 70 dos seus membros (um verdadeiro Erasmus Lusófono com mais de 100 participantes, mesmo em tempo de Covid).

Numa perspetiva de médio/longo prazo, o *campus* universitário europeu (EC2U) deve ser destacado, não obstante os constrangimentos transversais ao projeto das alianças europeias no espaço do ensino superior do Velho Continente (*maxime* assimetrias no que diz respeito ao financiamento nacional

e à falta de processo de acreditação pan-europeu), salientados, aliás, por todas as instituições portuguesas envolvidas em colóquio organizado recentemente pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior no Auditório da Reitoria.

No entanto, o caminho faz-se caminhando e no próximo ano letivo, o mestrado em Cidades Sustentáveis, coordenado pela UC, já estará em funcionamento, reforçando-se assim o nosso compromisso com o ideal europeu, algo que o lançamento em breve da Rede *Alumni* BENELUX, pela mão dos Embaixadores *Alumni* UC Rui Faria Cunha (Presidente da Câmara de Comércio Belgo-Portuguesa), Maria Manuel Leitão Marques e Lídia Pereira (EuroDeputadas), seguramente ampliará.

Na verdade, a valorização dos nossos Antigos Estudantes — com o lançamento de novas Redes (em São Tomé e Príncipe e Moçambique, por exemplo, ou nas nossas Faculdades de Economia, Farmácia, Medicina e Desporto) e o apoio às existentes (fora e dentro do país) ou a divulgação do cartão *Alumni* com mais de uma centena de novas parcerias, com benefícios a permitir a construção de uma base de dados mais fiável e atualizada — será, seguramente, a esperança de uma UC mais cada vez mais aberta e forte no mundo pós pandémico.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para as Relações Externas e *Alumni*

TEMPO: ANDAR À RODA, À VOLTA DO SOL



O tempo é, aparentemente, apenas isto: 24 horas por dia a girar sobre nós próprios e 365/366 dias por ano a dar voltas ao Sol. Inventámos que isso é o passar do tempo e decidimos que é isso que governa as nossas vidas — que medimos em anos e sentimos em segundos.

Poucos temas terão sido tantas vezes tão glosados, ao longo dos séculos — na literatura, na pintura, na música, no teatro, em todas as artes e em todas as ciências — como o tempo.

Todos os jogos de palavras sobre tempo já foram feitos, todas as nuances do seu significado já foram analisadas, todas as perspectivas de análise já foram apreciadas, todas as blagues já foram escritas, todas as medidas de relatividade ou de absoluto já foram exploradas — fazemos (quase) todos de conta que percebemos a mente brilhante de Einstein e sossegamos as nossas almas dizendo ou pensando que *tempus fugit* e que «lá virá o tempo» e que «há que dar tempo ao tempo» e que se pode «perder tempo» ou «ganhar tempo».

Nunca ninguém deixou de escrever ou de falar (ou de pintar) sobre o tempo: a sério, a rir, com graça, com sarcasmo, com sentimento de perda, com ganho óbvio, com satisfação, com dor.

E os filósofos? Todos, consagrados ou aspirantes, já pensaram e peroraram sobre tempo... e arrastaram palavras infundáveis por páginas intermináveis, sem poupança de ideias nem aforro de tempo.

E até me atrevo a pedir aos leitores o esforço — e a graça — de apelar a todos as semânticas que a nossa vida quotidiana consegue atribuir ao tempo: se chove pouco, o tempo é bom; se chove muito, o tempo é mau; se se demora, estamos a perder tempo; se acelera, fica tudo atabalhoado; se temos muito que fazer, o tempo nunca nos chega; se temos falta de ocupação, o tempo custa a passar; se é mal, o tempo acaba por se acabar; se é bem, o tempo não dura sempre.

A verdade é que, sobre tempo, sabemos tão pouco como «o homem que, tendo dois relógios, nunca sabe que horas são»: vivemo-lo, vemos vivê-lo, por vezes até percebemos que é uma Quarta Dimensão, outras vezes não passamos de o compreender como uma linha contínua — ou nem conseguimos perceber a diferença entre *incipit* e *explicit*, entre começo e fim.

E, sim, já a todos nos ocorreu querer viajar no tempo, querer fazer «regressos ao futuro», avançar ou recuar, parar ou acelerar o tempo: ou para ir lá atrás comprar *bitcoins*, ou para ir lá à frente descobrir a cura do cancro, ou para ir ao passado evitar os desmandos dos regimes ditatoriais e as dores das pestes, ou para ir ao futuro erradicar a guerra e a fome... ou, simplesmente, «governar» o curso do tempo para garantir que conseguimos proteger os nossos familiares e amigos

do «abismo negro e assustador» que o futuro sempre constitui para o Homem.

Vem agora a Universidade de Coimbra (UC) dedicar a Semana Cultural de 2022 ao Tempo. Outra vez, e sempre, a UC volta a inovar — mesmo que o faça revisitando temas já tratados. Prova, de novo, que é capaz de solicitar, procurar e encontrar visões novas e leituras criativas de temas e de assuntos que se tomam por «arrumados»: toda esta edição da *Rua Larga* o comprova, uma e outra vez, em cada página, em cada palavra, em cada imagem.

Afinal, é sempre possível voltar a escrever sobre tempo e é sempre possível visitar «tempos passados» e criar «tempos futuros».

Por mim, do tempo que vivo na UC, nesta «Reitoria em Movimento», quero dar testemunho de que é tempo bom, tempo de qualidade, tempo de realização.

Nas aulas, nos textos produzidos, nos Planos Estratégicos, nos Programas de Acção, nas reuniões de órgãos da Universidade ou da Faculdade, nas conversas dos corredores, nas celebrações de datas solenes, nas decisões estratégicas, nos processos eleitorais, nos combates contra inimigos novos e desconhecidos como foi o SARS-CoV2, nas construções de respostas novas (como foi o LAUC), na redacção de normas de combate à pandemia, na adaptação ao ensino remoto, no regresso ao ensino presencial, nas palestras e tertúlias (que abrandaram, mas não pararam) — em tudo, nestes tempos, vivemos instantes, momentos, horas e dias fascinantes, dramáticos, emotivos, tensos... e, depois, semanas e meses mais calmos e mais serenos.

O tempo de 2020 e de 2021, na UC e na vida, foi sendo feito de instantes e emoções agitados e oscilantes como trajectos de montanha-russa ou como pêndulos: no topo, porque houve a descoberta das vacinas; junto ao chão, porque se perderam familiares ou amigos; no topo, porque se manteve a Universidade a funcionar; junto ao chão, porque tivemos de suspender algumas actividades presenciais; no topo, porque nunca fechámos; junto ao chão, porque deixámos de poder visitar ou de poder receber os nossos pares internacionais — umas vezes, o pêndulo aproxima-se de nós, e outras vezes, afasta-se, buscando e fugindo incessantemente da vertical.

Diferentemente da vida de cada um de nós, o tempo das instituições mede-se em séculos: 7,3 séculos de UC começa a ser uma promessa de eternidade. Que cuidemos de ganhar o respaldo para o tempo que nos assegure que a UC será «para mil anos e muitos mais!»

* Pró-reitor da Universidade de Coimbra para a Saúde e a Bioética

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.



RL #56

OFICINA DOS SABERES

35



ÁLVARO GARRIDO *

O TEMPO DA ECONOMIA E OS TEMPOS DA HISTÓRIA

O tempo é uma categoria ontológica fundamental, comum a diversas áreas do conhecimento. Se tomarmos a noção de tempo nos seus múltiplos significados e se atendermos à sua dimensão epistémica — não apenas ontológica —, o tempo não é exclusivo dos historiadores. E o que dizer dos economistas? Sempre ignoraram o tempo e as temporalidades, ou nem por isso?

Os historicistas alemães foram a última escola de economia que atribuiu à ideia de tempo alguma centralidade analítica, juntamente com uns poucos autores da escola austríaca. O divórcio entre a história e a economia, e a diluição das abordagens interessadas no tempo e na historicidade, deu-se, porém, com a «revolução marginalista» da economia, em finais do século XIX.

Eric Hobsbawm advertiu com ironia que os historiadores estão sempre a lidar com economias que não conheceram as leis do equilíbrio, nem a máxima racionalidade dos agentes, nem tão pouco afetações ótimas de recursos. O desenvolvimento económico implica outras dimensões da vida coletiva e carrega sempre a herança do passado.

Apesar da *episteme* determinista que hoje impera na economia dominante, o pensamento económico é um património de ideias onde avultam contribuições heterodoxas sobre o tempo. Alguns debates teóricos recentes, em especial aqueles que decorrem da visão crítica de autores que questionam a visão neoclássica da economia, têm apelado ao regresso da mesma à história e às suas noções de tempo. Esses apelos provêm de diversos quadrantes teóricos e de correntes marginais à

economia que impera nas universidades e nos *journals*, mas todos reivindicam a imersão da vida económica nas instituições, na história e na própria relação de forças que caracteriza o poder político.

Quando «o tempo das coisas passadas» é invocado no discurso económico, em regra limita-se a referências de contexto, sem espessura histórica, ou como mero apontamento. No entanto, tempo e incerteza, expectativas e instabilidade, flutuações e crises são temas centrais do pensamento económico e do modo como evolui a vida material.

Na segunda metade do século XIX, a economia que se declarou «ciência económica» adotou, em geral, o paradigma determinista da ciência newtoniana. Muito antes, já os fisiocratas acreditavam que a riqueza era governada por leis mecânicas naturais, tal como o resto do Universo, e que toda a vida social e económica assentava na instituição do mercado como mecanismo de *oferta-procura-preço*.

A predominância dessa visão determinista do tempo na economia — que hoje se mantém, apesar da pressão dos heterodoxos — é indissociável da adoção de modelos de equilíbrio geral e parcial, cujas noções de tempo tomam a vida económica como processo intemporal, mecânico ou estritamente lógico, assente no princípio da «concorrência perfeita». Em regra, a economia convencional subscreve uma conceção estática do tempo, onde a contingência, as relações de poder e as formas de interação humana não têm lugar. Evadido o tempo, extingue-se a história.

RL #56
OFICINA DOS SABERES
RETROVISOR

37



O que anseiam conhecer a história e a economia (aquela economia que quer saber do tempo) acerca do tempo em si mesmo?

No essencial, pretendem distinguir a *continuidade* da *mudança* e identificar os mecanismos que conduzem uma e outra, ou seja, captar a sua *fenomenologia*. Como lembrava Marc Bloch, «da antítese desses dois atributos — a continuidade e a mudança — procedem os principais problemas da investigação histórica e os seus dilemas teóricos». Acresce que todas as categorias heurísticas que costumamos usar para traduzir ideias de tempo carregam a sua própria temporalidade.

Nos séculos XVIII e XIX, a ordem mundial liberal dominada pelas nações e impérios europeus via a nação como força motriz da história. Ostensivamente, associou-lhe uma teoria da modernização, cuja legitimação incluiu elementos de economia política, e daí as infusões de discurso entre os historicismos oitocentistas e a economia política liberal. De forma acutilante, no seu *Anjo da História* (1940) Walter Benjamin, um marxista singular, insurgiu-se contra a ideia da história como «processo contínuo». Num libelo contra a «noção liberal de progresso», Benjamin considerou que a «teoria social-democrata do progresso», como lhe chamou, assentava na falsa ideia da perfeitibilidade humana, caminho inexorável que havia de preencher um tempo homogêneo e vazio, e acamar o conformismo burguês nas dinâmicas do capitalismo.

Parecendo ignorar estas conceções e interações do tempo nas suas diversas categorias, que são simultaneamente ontológicas e epistémicas, o discurso histórico da contemporaneidade acabou por enquistar uma gramática previsível e de sentido linear, servida por um arsenal de noções temporais cheias de si: *progresso, evolução, revolução, crescimento, atraso, estagnação, convergência*.

Apesar da crise das temporalidades a que assistimos, marcada por um *presentismo* insidioso, o tempo da história é outra coisa: é uma realidade concreta e vivíssima, por natureza contingente e dinâmica. Num momento em que se alteram mansamente as representações fundacionais do passado, pressionadas por um revisionismo persistente, há que reclamar a categoria da historicidade e trazê-la de volta ao discurso científico, incluindo à economia.

Prestes a comemorar 50 anos de vida, momento jubilar que se assinala a 2 de dezembro de 2022, a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra vai mobilizar a imaginação multidisciplinar da sua comunidade académica para trazer a debate estas e outras questões que se encontram de algum modo encapsuladas. O programa suculento que iremos propor interessa diversos domínios do pensamento económico e social, rasgando horizontes, de forma a contribuir para o debate das grandes questões do nosso tempo.

* Diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

A FCTUC E OS SEUS TEMPOS



O tempo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) pode ser contado de duas formas distintas: (i) com a denominação e, essencialmente, o formato atual, foi criada em 1972; (ii) no entanto, a FCTUC é considerada a herdeira natural da Faculdade de Ciências, criada em 1911, e que resultou da fusão da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Matemática, ambas criadas com a Reforma Pombalina. É, aliás, em referência à criação destas faculdades Pombalinas que se comemora o dia da FCTUC em 12 de outubro, assinalando a data da lição inaugural proferida pelo Padre Monteiro da Rocha.

É reconhecida a preocupação fundamental da Reforma Pombalina em introduzir e fomentar o ensino experimental das Ciências. Esta intenção encontrou alguma relutância inicial da parte dos estudantes, registando uma muito baixa adesão à formação baseada na observação da Natureza e no rigor da abstração matemática. Isso não impediu o desenvolvimento de atividade científica que acompanhava de perto o estado da ciência contemporânea como, por exemplo, as experiências para a utilização de raios X, muito pouco tempo depois da sua descoberta no final do século XIX. É assinalável a preocupação com a atualidade científica da época, sobretudo na área das ciências físico-químicas acompanhadas parcialmente pela atividade nas ciências naturais e na matemática. Em todas estas áreas apareceram, neste cerca de século e meio de desenvolvimento Pombalino, figuras com predominância científica e algum impacto na comunidade internacional. A evolução do formato dos cursos ao longo deste período revela a preocupação com as áreas referidas atrás. O ensino da Engenharia, hoje uma das áreas prioritárias de formação de estudantes, só aparece em Coimbra mais tarde e limitado aos cursos preparatórios, devendo os estudantes de Engenharia completar os graus académicos no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, ou na Universidade do Porto. A criação da FCTUC, em 1972, constituindo-se como a primeira faculdade portuguesa que integra as

Ciências e a Engenharia, altera esta situação, passando a ser possível obter em Coimbra formação completa em seis áreas de Engenharia: Civil, Eletrotécnica, Mecânica, Metalúrgica, Minas e Química, a que se acrescentava a Engenharia Geográfica, desde sempre associada à Matemática. Segue-se uma fase de expansão e de afirmação destas novas áreas face às já bem estabelecidas matérias de ciências mais clássicas. Este crescimento, traduzido em número de estudantes e em atividade de investigação, foi em boa parte suportado pela expansão do sistema educativo em Portugal, decorrente do processo de democratização que o país atravessou nos anos subsequentes à criação da FCTUC, e que originou também um forte desejo de internacionalização, especialmente entre os investigadores mais jovens. A Faculdade acabou por integrar, anos mais tarde, também a Arquitetura, tendo sido pioneira em Portugal na inclusão desta junto das áreas de Engenharia, contribuindo assim para um perfil de formação característico. No que diz respeito à sua organização, a FCTUC tem-se mantido relativamente estável, com pequenas adaptações fruto do desenvolvimento de áreas emergentes ou de alterações legislativas.

Os anos mais recentes trouxeram consigo a necessidade de diversificação da formação especializada, respondendo aos interesses e procura dos estudantes por novas áreas de conhecimento e suas aplicações, como as que abordam questões de impacto ambiental, da gestão e planeamento de sistemas complexos ou a interação entre pessoas. A coexistência, dentro da FCTUC, de uma diversidade de áreas científicas permite responder às solicitações decorrentes da evolução científica moderna, que coloca uma ênfase particular na miniaturização, desmaterialização e automação de processos e procedimentos. Esta resposta assenta num impressionante aumento da produção científica e na preocupação em pôr à disposição da sociedade as melhorias e inovações que resultam da atividade de investigação. Entre as contribuições com participação

ativa da FCTUC com impacto na sociedade, está o desenvolvimento de várias metodologias de apoio ao tratamento das doenças que têm preocupado a Humanidade, de que é exemplo o combate ao cancro ou o desenvolvimento de fármacos de última geração, com contribuições com origem em sectores distintos e respostas diversas. Outros campos de investigação em que a presença da FCTUC é notória incluem a criação e modelação de materiais com capacidade de interação inteligente, questões de impacto ambiental, novas e competitivas abordagens inteligentes a questões de

reconhecimento e identificação, ou o estudo abstrato de propriedades e modelos que descrevem fenómenos não lineares.

A FCTUC continua a responder aos desafios dos tempos, adaptando-se e mantendo a presença na linha da frente da atualidade científica, evoluindo e reorganizando-se para melhor acomodar a interdisciplinaridade que a investigação atual torna imprescindível.

* Diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



ALEXANDRE DIAS PEREIRA *
MARIA JOÃO CASTRO **

OS 250 ANOS DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Reforma Pombalina visou dotar a Universidade de Coimbra (UC) de uma Oficina Tipográfica que pudesse, nos termos do alvará d'El-Rei, «ser útil e fazer-se respeitável pela perfeição dos seus caracteres, e pela abundância e asseio das suas impressões». A dita Oficina foi denominada Imprensa Régia. Sucedeu à *Real Officina da Universidade*, com o respetivo espólio tipográfico, tendo ficado instalada nos claustros da Sé Velha até se mudar para a sua nova casa edificada na Rua da Ilha.

A Reforma Pombalina reforçou o papel da UC na impressão de livros. A tecnologia dos caracteres móveis fora outrora novidade para uma universidade fundada ainda num tempo em que os livros eram escritos e cosidos à mão. Com a nova «fábrica» de livros, a Universidade poderia imprimir os manuais da Reforma Pombalina, obras relativas a cada faculdade, e outras publicações, além de livros de utilização interna como livros de matrículas e dissertações. Por outro lado, à Imprensa seria atribuído o privilégio exclusivo de impressão das *Ordenações do Reino*.

No século XIX, a Imprensa sofreu tentativas de silenciamento, desde logo o projeto de Lei das Rolhas, contra o qual se pronunciou Vicente Ferrer Neto Paiva no seu



opúsculo dedicado à memória do Marquês de Pombal. Já no século XX, em 1934, o Estado Novo extinguiria a Imprensa, ficando a UC mais pobre, sem a sua casa editora de livros e revistas científicas.

Passado mais de meio século, os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra* de 1989 contemplaram a (re)criação da Imprensa, atribuindo-lhe como «missão específica, a definição da política editorial da Universidade, competindo-lhe igualmente programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico, bem como gerir a distribuição, a venda e o intercâmbio de publicações». À nova Imprensa regressaria parte do espólio da velha, que havia sido confiado à Imprensa Nacional — Casa da Moeda, incluindo gravuras em cobre, tipos em madeira, tipos em metal e vinhetas, sendo algumas destas presumivelmente restos do material sequestrado aos Jesuítas antes da reforma pombalina¹.

Atualmente, a Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) rege-se pelos *Estatutos da Universidade de Coimbra* de 2008 e pelo Regulamento n.º 657/2020, de 13 de agosto. A IUC é uma das sete unidades de extensão cultural e de apoio à formação da UC, sendo dotada de autonomia pedagógico-cultural e científica. São suas atribuições, nos termos do artigo 3.º do referido Regulamento: «a) Definir e executar a política editorial da UC; b) Programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico; c) Desenvolver atividades e promover iniciativas de índole cultural, científica, pedagógica e promocional que se enquadrem nos seus fins.»

Pretendemos continuar a missão de tantos (dos muitos) que se têm dedicado à Imprensa e «fazer da IUC a mais antiga, a maior e a mais inovadora das editoras académicas lusófonas», como apontado pelo Vice-reitor Delfim Leão aquando da passagem de testemunho. Trata-se de tarefa hercúlea, mas não impossível, já que a Imprensa conta com um riquíssimo catálogo e com um leque de notáveis autores, dispondo ainda de uma equipa de colaboradores altamente qualificados, competentes e dedicados, a quem se deve, só no ano de 2020, a publicação de cerca de centena e meia de volumes.²

1. Sobre a história da IUC vide Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes, Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal, Fernando J. Regateiro, *Imprensa da Universidade de Coimbra: uma História dentro da História*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2001; e https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/historia

2. <http://books.uc.pt/covers.php>

Não ousamos antever como será a Imprensa daqui a 250 anos. Mas já nos parece razoável pensar que, pelo menos nos próximos 25, as suas atribuições continuarão válidas. Desde logo, no que diz respeito à definição e execução da política editorial UC. A IUC pretende continuar a publicar obras de autores nacionais e de outros países, da nossa universidade e de muitas outras instituições científicas e culturais, de forma aberta e inclusiva. Promovendo o enriquecimento do seu vasto catálogo, com a edição de obras de natureza pedagógica e científica, mas também cultural, pois é na cultura literária e artística que a ciência encontra, amiúde, o seu húmus.

Pretendemos uma Imprensa empreendedora, fecunda e proactiva, no sentido de gerar dinâmicas de afirmação de novos saberes e de novos métodos de captação de novos públicos, continuando a apostar numa divulgação cada vez mais global, promovendo uma maior expansão e difusão das suas obras e dos seus autores, com as políticas de acesso aberto através das plataformas digitais, continuando, contudo, a manter o cuidado, o rigor e o carinho na *arte de bem imprimir*, na edição de livros no seu formato tradicional.

De igual modo, acreditamos que a Imprensa poderá ter um papel ainda mais relevante na transferência de saber, no que concerne à consultoria e formação avançada em estudos editoriais e assuntos conexos, como sejam questões legais relacionadas com investigação responsável, acesso aberto e direitos de autor.

Finalmente, a Imprensa deve continuar a sua ação valiosa na consolidação do português enquanto idioma não apenas científico, mas também literário e artístico, e na sua expansão além-fronteiras, em especial no Brasil, nos países africanos de expressão lusófona, como Angola e Moçambique, e nas muitas comunidades por esse mundo fora que falam a língua de Camões.

Boa parte da portugalidade (e da expansão global da Europa) foi cunhada pela Imprensa. E assim continuará. A letra de imprensa continuará viva, com ou sem papel. O livro, em papel, *e-book* ou áudio-livro, constitui a essência da Imprensa. O livro tem um papel central na história da Humanidade — e é ao serviço da Humanidade que a Imprensa se coloca no século XXI, contribuindo para a afirmação de Coimbra como Património Mundial da UNESCO e, oxalá, futura Capital Europeia da Cultura.

* Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

** Diretora-adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra



JOSÉ PEDRO FERREIRA *

TRINTA ANOS DE CIÊNCIAS DO DESPORTO EM COIMBRA



Dando cumprimento a uma aspiração diversas vezes manifestada pela Universidade, visando a criação de uma área de estudos no domínio da Cultura Física e do Desporto, o Senado da Universidade de Coimbra (UC), aproveitando as condições indispensáveis para o ensino e aprendizagem na área do Desporto e da Educação Física, proporcionadas pelas instalações desportivas existentes no Estádio Universitário de Coimbra, aprovou, por unanimidade, em 19 de Fevereiro de 1992, a criação do curso em Ciências do Desporto e Educação Física, que mais tarde viria a originar a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF).

A Faculdade estabelece, como orientação estratégica, a abertura à sociedade e uma política ativa de transferência de saberes e de inovação científica e tecnológica. A sua ação concretiza-se por intermédio de uma cultura de cidadania responsável, de igualdade de oportunidades, de responsabilidade social e de sustentabilidade que valoriza a liberdade de expressão, o pensamento crítico, a expressão das capacidades e talentos culturais, artísticos e desportivos, a complementaridade dos saberes e a diversidade de culturas. Ancorada nos princípios da solidariedade, autonomia, liberdade de ensinar, aprender, investigar, inovar e empreender, inscritos nos Estatutos da UC, a Faculdade valoriza o compromisso pedagógico e a qualidade de vida e de trabalho dos estudantes, reconhecendo o mérito e a necessidade de se comprometer com o desenvolvimento da sociedade.

Durante o final da década de 1990 e até ao início do Processo de Bolonha, em 2007, a FCDEF, além do curso de licenciatura, iniciou a sua oferta de formação pós-graduada com dois cursos de mestrado em Ensino da Atividade Física — Educação da Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico, e em Lazer e Desenvolvimento Local.

Após 2007, e no âmbito do Processo de Bolonha, a Faculdade passou a ministrar um 1.º ciclo em Ciências do Desporto, visando uma formação de banda larga de

cariz pluri-profissionalizado. A componente de formação prática encontrava-se igualmente associada a atividades de exterior, aproveitando a proximidade do rio Mondego, da serra da Lousã ou de Penacova, e mais recentemente os Centros de Alto Rendimento de Montemor-o-Velho e de Sangalhos, que continuam a constituir enormes mais-valias para assegurar a qualidade da formação ministrada.

Durante o Processo de Bolonha, e visando uma forte articulação entre a formação de 1.º e de 2.º ciclos, a Faculdade promoveu uma segunda geração de cursos de 2.º ciclo: Biocinética, Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Atividade Física em Contexto Escolar, Exercício e Saúde para Populações Especiais, e Treino Desportivo para Crianças e Jovens, alguns dos quais ainda fazem parte da sua oferta formativa.

Quanto ao 3.º ciclo, foi inicialmente oferecido um curso de doutoramento tutorial (pré-Bolonha) em Ciências do Desporto e Educação Física, nas especialidades de Educação Física, de Ciências da Atividade Física e de Ciências do Desporto. A FCDEF ministrou ainda, em conjunto com a Faculdade de Letras da UC, um curso de doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura. No período pós-Bolonha, a FCDEF criou um curso de doutoramento em Ciências do Desporto, com os seguintes ramos: Atividade Física e Saúde, Gestão do Desporto, Educação Física, Necessidades Educativas Especiais — Atividade Física Adaptada, e Treino Desportivo, quatro dos quais se mantêm presentemente em funcionamento. Já em 2020-2021, criou um curso de pós-doutoramento com a duração de um semestre.

No que diz respeito à investigação, a Faculdade sustenta toda a sua atividade formativa (pós-graduada e de investigação) no seu Centro de Investigação do Desporto e da Atividade Física (CIDAF), reconhecido e avaliado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e cujas condições foram recentemente ampliadas com a duplicação da área do seu Laboratório Integrado.

A Faculdade presta, ainda, serviços especializados nas áreas da avaliação e controlo do treino, e na prescrição do exercício/treino, prestando apoio técnico especializado a inúmeros atletas, clubes e federações desportivas, no âmbito da participação das diferentes equipas às seleções nacionais.

Em 19 de fevereiro de 2022, a FCDEF completará 30 anos de existência. Ao longo deste período, e de modo a potenciar a ligação à comunidade, a Faculdade foi reforçando o estabelecimento de múltiplas parcerias de cooperação com associações e federações desportivas, autarquias, empresas e instituições da sociedade civil, permitindo a organização de estágios, eventos, oportunidades de formação e de investigação, bem como ação no domínio da empregabilidade dos seus recém-diplomados. Tratando-se da mais nova Faculdade da mais antiga instituição de ensino superior em Portugal, e de uma das mais antigas do mundo, a FCDEF, promove veementemente o intercâmbio de docentes e estudantes, e o estabelecimento de projetos de cooperação e de investigação conjuntos, com base nos diferentes programas europeus. Destaque para o Horizonte 2020, Erasmus+ Sport e Leonardo da Vinci, e para outras *networks* como Coimbra Network of Sport Sciences e Rede de Coimbra das Universidade Brasileiras.

Nos próximos tempos, uma nova etapa se inicia na vida da FCDEF. Passados 30 anos da sua criação, entra-se num horizonte temporal de renovação e de necessidade de rejuvenescimento do corpo docente. Os próximos anos serão determinantes para o futuro da Faculdade, perante a responsabilidade acrescida de, tendo por base critérios de elevado rigor e exigência, selecionar docentes e investigadores de excelência, que possam contribuir para a afirmação e para o contínuo crescimento da FCDEF, nas suas diferentes valências.

* Diretor da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

TERESA GIRÃO *
JOANA CABRAL OLIVEIRA **

250 ANOS
DE HISTÓRIA
REFLETIDOS
NO CORAÇÃO
DO JARDIM
BOTÂNICO

Centro medular do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (UC), o Quadrado Central é reflexo das diversas modificações sofridas neste jardim nos últimos 250 anos, e serve, ainda hoje, para nos recordar este percurso reformador e parte integrante de um novo modelo de Universidade. Tendo a criação do Jardim sido formalmente consignada nos novos *Estatutos* da Universidade¹, em 1772, foi em 1774 que se assistiu à chegada das primeiras plantas, vindas por mar do Real Jardim da Ajuda, e acompanhadas por João Luíz Rodrigues Villar, que viria a ser o primeiro jardineiro do então chamado Horto Botânico. Foram recebidas pelo diretor Domenico Vandelli que, nomeado lente proprietário para a História Natural e Química na UC, pelo próprio Marquês de Pombal, organizava, então, os trabalhos de terraplanagem do terreno cedido pelos beneditinos, e murava o primeiro espaço do Jardim — o Quadrado Central. Foi aqui que se instalaram as plantas vindas de Lisboa, para que se desse início às aulas práticas e ao desejo do Marquês de estabelecer um Jardim onde se cultivasse «todo o género de plantas; e particularmente aquelas das quais se conhecer ou esperar algum préstimo na medicina; e nas outras artes; havendo cuidado e providência necessária para se ajuntarem as plantas dos meus domínios ultramarinos, os quais têm riquezas imensas no que respeita ao Reino Vegetal»¹.

Foi já com Félix de Avelar Brotero, diretor do Jardim entre 1791 e 1807, e com o contributo impulsionador de D. Francisco de Lemos, reconduzido como reitor em 1799, que o Quadrado Central atingiu o seu esplendor enquanto *Escola*. Finalmente terminadas as obras deste espaço, e instalado o pórtico dedicado a D. Maria I (onde ainda se pode ler a dedicatória *Largiss[ima] Scient[iarum] Fautrix* — Generosa Fomentadora das Ciências), pôde então Brotero debruçar-se sobre o cultivo e a disposição sistemática das plantas. Chegaram a ser mais de 3000, «metodicamente distribuídas, cientificamente nomencladas, indicando em relação a cada uma a sua aplicação prática»², em 60 canteiros retangulares ao redor do lago. As obras no Jardim, entretanto interrompidas pelas invasões francesas, foram retomadas em 1814 pelo diretor António Neves e Mello, que nos sete anos seguintes ali dirigiu obras de grande monta, em dimensão e em custo. Algumas vezes contestado por Brotero³, que havia sido seu mentor, por não constatar nele um empenho

na vertente científica original do Jardim, o seu mérito é mais tarde reconhecido por Júlio Henriques, que qualifica as obras levadas a cabo por António Neves e Mello como as mais importantes da história do Jardim até então². Do primordial Quadrado Central surgem, nesse período, novos patamares, fruto das novas terraplanações, e foi construído todo o imponente gradeamento de ferro que, proveniente de Estocolmo e assente em pilares de cantaria, passou a delimitar o Jardim. Estavam, enfim, lançados os alicerces para o Jardim tal como o conhecemos hoje.

Seguiram-se anos de constantes alterações na direção do Jardim, com muitos diretores a permanecer no cargo durante curtos períodos, o que contribuía, em larga medida, a par com os relatados escassos recursos de pessoal e de dotação financeira², para as dificuldades de administração e progressão na construção e plantação. Podemos encontrar, contudo, novos factos marcantes na história do Jardim, como a autorização para a construção da sua estufa já em 1856, sob a direção de Henrique do Couto d’Almeida que, como os seus antecessores, a reivindicava como elemento essencial, e que conseguiu concretizar, em 1865, com a incorporação das primeiras plantas. Foi também sob a sua direção, com o aumento de efetivos, e a contratação de Edmond Goeze, que se verificou a construção da *Escola* de plantas medicinais e se retomou o incremento de espécies no Jardim, por doações particulares ou recebidas de outros jardins. Muito relevante, também, para o reconhecimento do Jardim entre os seus congéneres europeus, foi a publicação do primeiro *Index Seminum*, em 1868, que possibilitou a troca de sementes (e não apenas o recebimento) e o estreitar de relações com estas instituições.

Regressemos ao Quadrado Central e aos capítulos seguintes da sua evolução. Júlio Henriques, diretor do Jardim entre 1873 e 1918, marcou profundamente a sua história, contribuindo para o seu reconhecimento, o seu papel no ensino prático da Botânica, a organização e enriquecimento do museu, herbário e biblioteca. Foi também com ele que foi planeada⁴ e depois executada^{5,6}, a reconfiguração dos canteiros do Quadrado Central, de forma concêntrica em torno do lago, e obedecendo a uma organização geográfica, em representação de «diversas regiões botânicas da terra»⁵. Não negligenciou, ainda, que o «efeito artístico»⁴ desta disposição «seria muito superior»⁴ à das *Escolas* existentes até então, para as quais, segundo ele, também

a qualidade da terra não era a mais adequada. A esta reconfiguração resistiram algumas das mais antigas árvores do Jardim, duas das quais ali permanecem até hoje: o feijoeiro-da-Índia (*Erythrina crista-galli*) e o cedro-do-Japão (*Cryptomeria japonica*). Luíz Carrisso, que lhe sucedeu, é reconhecido em larga medida pela ação na exploração botânica e pela recolha de espécies nas colónias portuguesas, mas é também ele que dedica particular empenho ao cultivo de plantas ornamentais e à usufruição pública do Jardim.

Na década de 40 do século XX, sob a direção de Abílio Fernandes, e durante a intervenção urbanística efetuada pelo Estado Novo na Alta da cidade, o Quadrado Central do Jardim Botânico sofreu grande renovação. Com projeto de Cottinelli Telmo e Armand Van Bellinghen⁷, concretiza-se a plantação de sebes de buxo em todos os canteiros, mantendo a sua forma concêntrica, e são criadas zonas de relva e flores vivazes. Foi também pensada por eles a colocação de uma estátua no centro do lago e, já no final da década, é ali instalada uma fonte em pedra de Outil, que se julga desenhada por Álvaro da Fonseca⁸. São restauradas cantarias, gradarias e portões, introduzidas novas espécies, e distribuídas novas placas para a sua identificação. Este período de transformações, que se estende até ao final da década de 1960, é marcado por outras obras no Jardim, como a construção de um depósito subterrâneo para solucionar os inúmeros problemas de rega, e as remodelações no então designado Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques de que o Jardim era parte integrante, com a construção de laboratórios e a nova requalificação do museu, herbário e biblioteca.

Chegados ao século XXI, para rematar este condensado relato de intervenções no Jardim Botânico, é incontornável a reabilitação da estufa tropical, com projeto do arquiteto João Mendes Ribeiro, um processo longo e de larga escala, promovido e acompanhado pelos diretores Helena Freitas, Paulo Trincão e António Gouveia. Terminados em 2018, os trabalhos permitiram adequá-la ao desenvolvimento de maior diversidade de coleções botânicas nas suas três salas, destacando-se as plantas aquáticas tropicais no lago aquecido criado na sala central.

Hoje, pedia-se que se recordasse a história dos últimos 250 anos. Presentes, e voltados para o futuro, pudemos também refletir sobre novos projetos⁹, que vos convidamos a rever noutro tempo.

1. Estatutos da Universidade de Coimbra 1772; Coimbra, Universidade de Coimbra, 1972.
2. Henriques, Júlio Augusto. O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra / Julio Augusto Henriques; Coimbra: Imprensa da Universidade, 1876.
3. «Representação, que fez no anno de 1816 o Dr. Felix Avellar Brotero ao reformador reitor da Universidade de Coimbra, sobre o estado em que se achava o ensino de botânica e agricultura, e o do Jardim Botânico da faculdade Philosophica» in *O Conimbricense*, Coimbra, 26 e 30 de março de 1872.
4. *Annuario da Universidade de Coimbra — 1881/1882*; Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882.
5. *Annuario da Universidade de Coimbra — 1891/1892*; Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892.
6. *Annuario da Universidade de Coimbra — 1892/1893*; Coimbra, Imprensa da Universidade, 1893.
7. Processo 198 da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) — Jardim Botânico (Projeto de remodelação). Arquivo da Universidade de Coimbra.
8. Processo 114B da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) — Jardim Botânico. Arquivo da Universidade de Coimbra.
9. Soares, Ana Luísa *et al.* Olhar ao futuro. In Espírito Santo, Dalila (coord.) *Jardins Botânicos Portugueses. O antes e o depois de 2020*. Edições Lisboa Capital Verde Europeia 2020. Coleção Portugal. ISAPress. pp. 224-243, 2021.

* Diretora do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra
** Serviço Educativo e Comunicação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

52

RL #56

OFICINA DOS SABERES
RIBALTA



O BRASIL NÃO É PARA AMADORES



As efemérides e os números redondos são importantes, porque a memória é importante. Nos obrigam a pensar no que aconteceu e porquê. Pode haver número mais auspicioso do que 2020? No entanto, vamos lembrar desse ano por motivos nada parecidos com o que esperávamos dele.

O Brasil vai «comemorar» os 200 anos da Independência com muito poucos progressos em relação à coisa pública. As mazelas seguem as mesmas. Por esse e por outros motivos é unânime que o Brasil não é para amadores.

No quadro de Pedro Américo sobre o grito da Independência como um sinal claro do projeto elitista não declarado da constituição de 1823, o caboclo, o povo brasileiro, é retratado como alguém a quem só resta a observação da cena. Icônica, a tela começou a ser pintada em Florença e foi finalizada no Brasil, pela imaginação do pintor, já que faltavam relatos de detalhes. Mesmo assim, Pedro Américo pesquisou seriamente o local do grito do Ipiranga: recolheu terra para estudar os pigmentos, investigou minuciosamente os uniformes da época e, influenciado por Jean Louis Ernest Meissonier, pintou uma cena onde D. Pedro I aparece como herói, de espada em punho, cortando os laços com Portugal. Como tudo na história, sabemos que não foi exatamente assim. D. Pedro não estava a cavalo e não havia soldados fardados. É arte, não é história, portanto não tem qualquer compromisso com o que quer que seja. O quadro ter sido encomendado ao pintor por D. Pedro II, pai de D. Pedro, retratado como herói montado da pátria, é que talvez explique o ponto de vista eleito por Pedro Américo. Há outro quadro famoso sobre o mesmo fato histórico, que retrata um D. Pedro I menos bélico e mais perto do povo, mas a imagem que vem à cabeça de qualquer brasileiro ou brasileira quando o assunto é o Sete de Setembro vem sendo essa. A tela onde o caboclo assiste ao grito de independência diante de seus olhos sem saber o que acontece com o destino de seu país, ou o que venha a ser um país, ou mesmo que ele seja um «brasileiro».

A cena retrata um grito de Independência de uma república provisória, no entanto, que só passa a valer em 1825 e que se manteve provisória até 1889. Nosso imaginário sobre não só a proclamação da República, mas também sobre a República *per se* vem mudando lentamente, mas essa imagem, por exemplo, ainda não foi atualizada — a peça de propaganda da Independência, «Independência ou morte», de Pedro Américo.

De certa maneira, somos sebastianistas, queremos que alguém apareça saindo da bruma, levante uma espada, dê um grito, e tudo se resolva num passe de mágica. Por essa fantasia o Brasil já elegeu presidentes lamentáveis, mas parece que tão cedo não será diferente.

A dívida de Portugal com Inglaterra motiva nossa identidade — fomos exportadores de pau-brasil para que a dívida fosse paga, e não foi. Exportamos, usando a tecnologia dos indígenas, diga-se. Brasileiro é como eram chamados os traficantes de pau-brasil. Brasileiro é aquele que trafica a árvore que dá nome ao seu país, esses e essas somos nós. Disso somos chamados até hoje, brasileiros, e certamente fala muito de nós. País com a péssima fama de ter sido o último a abolir a escravidão, e que se a aboliu em texto, não deixou de praticá-la, não mudou de mentalidade, racista e extrativista. O Brasil manteve a escravidão por três séculos. País que mais recebeu escravos na história da humanidade. País negro que espanca até à morte meninos negros em supermercados da classe média, por serem negros. Os povos indígenas têm suas populações e seus direitos originários dizimados desde o século XVI, e hoje talvez mais do que nunca. Dessa vez, não que os eleitores não estivessem avisados, Jair Bolsonaro, em campanha à presidência dessa mesma república, fez promessas de não demarcar território e de ignorar quilombolas, povos indígenas e seus problemas. Os brasileiros elegeram essa proposta. Mesmo José Bonifácio achava que os indígenas não davam para ser cidadãos. Então, o mesmo indígena usado como símbolo do país, assim como o seu nome, é aquele a quem os direitos civis são negados. Os assassinatos de indígenas são permanentes e não há grande espanto. Por essa visão eurocêntrica de que os indígenas foram sempre considerados não-brasileiros, incapazes, preguiçosos e inferiores culturalmente, muito sangue tem sido derramado. A floresta amazônica está sendo carcomida pelo garimpo e pelas queimadas. Até há pouco tempo, o ministro do Meio Ambiente «brasileiro» estava contrabandeando madeira ilegal da Amazônia para fora do país, «passando a boiada», segundo expressão dele mesmo. O projeto de deseducação do Brasil vai de vento em popa, e o Estado laico treme na base. É nesse cenário que vamos encarar agora o bicentenário de nossas independências. Sem o que celebrar. O Brasil não é para amadores.

PARA TIMOR, COM AMOR... DO GUERREIRO QUE DESCANSOU:

O PROJETO «CENTRO AUDIOVISUAL MAX STAHL TIMOR-LESTE» E A PARCERIA COM A UC

«[...] falo do tempo e de pedras, e, contudo, é em homens que penso. Porque são eles a verdadeira matéria do tempo, a pedra de cima e a pedra de baixo, a gota de água que é sangue e é também suor. Porque são eles a paciente coragem, e a longa espera, e o esforço sem limites, a dor aceite e recusada — duzentos anos, se assim tiver de ser.»

José Saramago,
«O Tempo e a Paciência»,
in: *A Bagagem do Viajante* (p. 222)





Tendo como mote o «Tempo», que, oportuna e pacientemente, dá o tema desta 56.ª edição da *Rua Larga*, associada à XXIV Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC), procuraremos destacar, humildemente, nestas breves linhas, uma personalidade e um (seu) projeto.

A personalidade

Max Stahl, de seu nome Christopher Wenner (1954-2021), filho de diplomatas, de nacionalidade britânica, foi um realizador e fotógrafo independente, que, como se manifesta em várias das suas notas biográficas, cobriu diversos conflitos políticos e sociais internacionais, em mais de um continente. Reconhecido em Timor-Leste como «homem de causas e valores» e também como «herói», pelo seu envolvimento na (e pela) causa timorense, os seus trabalhos, no plano jornalístico e humanístico, notabilizaram-se, adquirindo relevo e expressão na história recente daquele país e junto daquelas «terras e gentes».

As fotografias e as muitas e várias horas de filmagens realizadas por Max Stahl, em Timor-Leste, testemunharam o chamado massacre de Díli (12 de novembro de 1991) e provocaram mudanças políticas profundas que levariam, anos mais tarde, pelas palavras da UNESCO (2012), ao nascimento de uma nação independente e autodeterminada.

Max idealizou o projeto que deu origem ao Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste (CAMSTL), tendo sido seu diretor, dedicando-se, «de corpo e alma», à preservação de um acervo importantíssimo para o estudo e a interpretação da história daquela recente Nação.

Max permaneceu em Timor-Leste e foi feito cidadão nacional timorense em 2019, tendo ali vivido até ao



CAMSTL_facebook

agravamento das suas condições de saúde, quando então se transferiu para a Austrália, e acabou por falecer em Brisbane em 28 de outubro de 2021. Nas redes sociais timorenses, o seu falecimento foi anunciado com a seguinte frase: «O Guerreiro descansou.»

O projeto

O CAMSTL é um repositório temático que armazena recursos informacionais gerados no âmbito da descolonização, invasão da Indonésia e independência de Timor-Leste. As atividades que estão na sua origem iniciaram-se em 2003, com o projeto intitulado «Saving Max Stahl Historic Video Archive» (<https://www.shoalhaven.net.au/~mwsmith/aatlms.html>), que visava identificar e salvaguardar um acervo, cujas informações, em alguns casos, se encontravam em risco iminente de perda, armazenando-as, após a transferência de suporte, localmente, em Díli.

Em 2012, este conjunto foi submetido ao registo de Memória do Mundo, pela UNESCO. A sua inscrição ocorreu em 2013, o que fortaleceu e deu ânimo aos trabalhos de divulgação, iniciando-se a implementação, em Díli, de uma plataforma *online* destinada ao efeito.

Um pouco mais adiante, em 2016, o CAMSTL-Díli (<http://camstl.opsismedia.com>), através de Max Stahl e da Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL), estabeleceu um acordo de cooperação com a UC, visando a implementação do CAMSTL-Coimbra (<https://www.uc.pt/camstl>), que funciona como uma réplica dos conteúdos originalmente localizados na matriz, atualizados periodicamente e no sentido unidirecional Díli-Coimbra, potenciando o seu acesso no cenário internacional — o que



CAMSTL_facebook

se reveste de especial relevância, dadas as condições precárias ou adversas de funcionamento a que se encontra sujeita a plataforma original.

O protocolo estabelecido entre ambas as instituições (UNTL e UC) aponta para a consolidação das relações internacionais e interinstitucionais de cooperação e de amizade e assenta-se no pressuposto de reunir capital intelectual e soluções que garantam a continuidade das ações de segurança e de preservação de um precioso «legado» que valoriza e enriquece a cultura dos países de língua portuguesa.

Neste sentido, serão relevantes as ações que clarifiquem e melhorem as condições de acesso e de divulgação da «Coleção CAMSTL» (em ações concertadas, no âmbito da administração, preservação e descrição). De igual modo, imperativo será aumentar a visibilidade destes recursos (melhorando a sua acessibilidade na Web, promovendo a sua indexação

em motores de busca e em páginas especializadas na divulgação de conteúdos similares), proporcionando a sua maior integração em pesquisas científicas e em projetos educacionais, quer no âmbito das universidades que originalmente integram o projeto, quer no âmbito de entidades parceiras, que se venham juntar às iniciativas existentes.

Pela sua relevância histórica, social e cultural, considera a UC, através da sua Vice-reitoria para a Cultura e Ciência Aberta, ser estratégica a mobilização de recursos que melhorem e promovam este valioso e único património, especialmente numa altura em que, tendo em conta o «descanso do Guerreiro», será preciso continuar o seu trabalho. Será esta, inclusivamente, uma forma de lhe render a justa homenagem.

* Diretora do Arquivo da Universidade de Coimbra.



RL #56

OFICINA DOS SABERES
CIÊNCIA REFLETIDA

61



ISMAR DE SOUZA CARVALHO *
PEDRO PROENÇA CUNHA **
SILVÉRIO M. D. FIGUEIREDO ***

SOBRE AS PEGADAS DE DINOSSAUROS CARNÍVOROS DO JURÁSSICO SUPERIOR NO CABO MONDEGO (FIGUEIRA DA FOZ) E A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO CRONOLÓGICA E PALEONTOLÓGICA

O tempo geológico possui uma dimensão que em muito transcende o tempo da existência dos seres humanos. Aos milhares de anos da nossa espécie contrapõe-se uma história da Terra medida em milhares de milhões de anos, na qual muitas transformações biológicas, geográficas e climáticas afetaram o nosso planeta. Mares que se transformaram em grandes cadeias de montanhas, regiões frias que sucederam a desertos áridos e quentes, num processo contínuo e ininterrupto de transformações ambientais e, por conseguinte, dos ecossistemas e organismos que viveram na Terra.

Tudo aquilo que vive é produto do tempo, que gera condições para que se originem as diferentes formas de vida. Nos processos evolutivos, nada será igual àquilo que já existiu, pois a evolução biológica é irreversível e a existência mostra-se como uma manifestação complexa entre os agentes físicos e químicos do meio ambiente. Um dos aspetos da vida é a sua diversidade. Ao observarmos os ambientes naturais que nos cercam, encontramos uma multiplicidade de organismos que refletem longos processos de transformação no decorrer do tempo. Ao percorrermos o tempo profundo, encontramos esta pluralidade multiplicada pelos incontáveis intervalos temporais entre o surgimento e o desaparecimento de uma espécie. Um movimento contínuo de florescimento de novas possibilidades de formas, tamanhos e adaptações da vida. Um dos intervalos temporais de grandes transformações e inovações biológicas ocorreu há cerca de 252 milhões

de anos, quando todas as massas de terra então existentes se reuniram na formação de um supercontinente, a Pangeia. O amalgamamento das massas continentais, o vulcanismo e a nova configuração global levaram a grandes eventos de extinção em massa, tanto nos mares como nas áreas terrestres. O clima também sofreu uma profunda modificação, tornando-se mais quente e árido, com outros padrões de circulação oceânica e atmosférica induzidos pela nova configuração geográfica. Um ambiente inóspito para as antigas espécies, mas aberto a novas possibilidades para as transformações biológicas que então ocorreriam. Há cerca de 233 milhões de anos, nos finais do período Triásico, a sul da Pangeia, onde hoje se encontram os territórios do sul do Brasil e norte da Argentina, ocorreu uma grande inovação nos cenários de vida. O surgimento dos *Dinosauria*, um grupo de animais bastante diversificado e que se mostrou muito bem-sucedido

por muitos milhões de anos (Ma). Deste momento em diante, os dinossauros iniciaram a sua dispersão por todas as regiões da Pangeia. Posteriormente, durante o período compreendido entre 199 e 154 Ma, já se encontravam por todo o planeta, tornando-se um dos mais importantes grupos de vertebrados terrestres. Ocuparam, então, diversificados nichos ecológicos e atingiram as mais variadas proporções, desde o tamanho de um pombo até às dimensões colossais que ultrapassariam as de uma baleia azul adulta (com mais de 30 metros). Há cerca de 167 Ma, foram o grupo animal dominante nas áreas continentais. Quase todos os grupos taxonómicos de dinossauros extinguiram-se há 66 Ma; a exceção foi um pequeno grupo de dinossauros carnívoros, denominado «maniraptora», que se adaptou ao voo e deu origem às aves, há cerca de 150 Ma (Fig. 1). O termo *Dinosauria*, que define um diversificado grupo de vertebrados terrestres da Era Mesozoica,

foi proposto em 1842 por Richard Owen para classificar um conjunto de grandes vertebrados fósseis, que tinham sido recém-descobertos. A palavra significa «lagarto terrível», apesar de estes animais serem taxonomicamente distantes dos lagartos. Em Portugal, já foram descobertos fósseis de dinossauros em sucessões sedimentares do Jurássico Inferior ao Cretácico Superior, nas latitudes de Aveiro ao Cabo Espichel, mas o maior número de ocorrências é no Jurássico Superior (165 a 145 Ma) (Fig. 2). Têm-se encontrado restos ósseos, por vezes esqueletos quase completos, muitas pegadas e até raros ovos com embriões. A maior parte dos achados tem sido em camadas formadas em paleoambientes sedimentares de transição, tais como planícies de maré, lagunas costeiras e zonas litorais de deltas. Muitas pegadas de dinossauros resultam de deformações sin-deposicionais causadas por significativa

Fig. 1 — Evolução filogenética dos dinossauros (adaptado de Figueiredo, 2014).

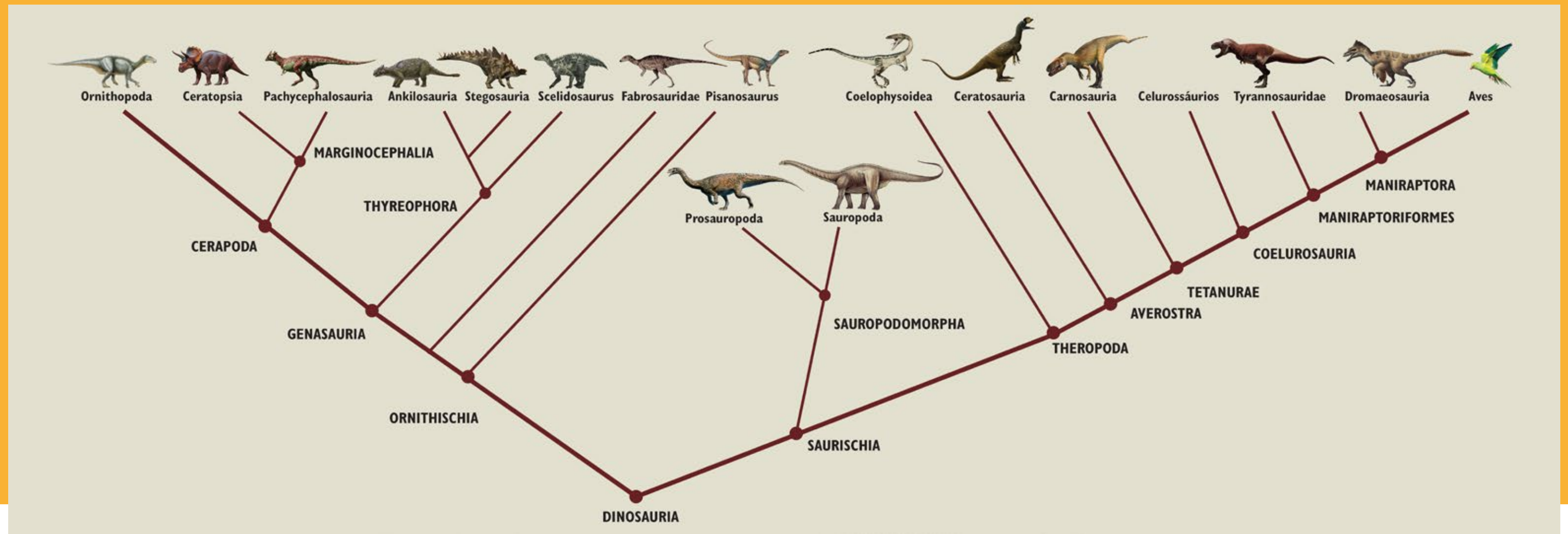




Fig. 2 — Localização dos principais sítios, em Portugal, onde foram encontrados fósseis de dinossauros (adaptado de Figueiredo, 2014).

penetração da pata no substrato sedimentar, este muitas vezes com um comportamento plástico. Contudo, as «verdadeiras» pegadas são as que se produzem somente no contacto entre a pata e uma superfície de sedimento não consolidado. O estudo das morfologias geradas em pegadas com deformação plástica em profundidade permite inferir muito sobre as características do leito sedimentar e do comportamento do animal que a produziu. Este tipo de pegadas é frequente gerar-se em superfícies de vasa plástica ou de areia saturada em água. Quando existe água sobre o leito sedimentar, os detalhes morfológicos podem esbater-se ou não ficar preservados. Para existir preservação de pegadas, é necessário que, logo após a sua formação, exista um curto período de exposição subaérea ou que ocorra um episódio de fraco hidrodinamismo que assegure a sua cobertura sem erosão.

Em Portugal, as primeiras pegadas de dinossauros foram descobertas em 1884 (Gomes, 1915-1916), em camada do Complexo Carbonoso, datável do Oxfordiano médio (base do Jurássico Superior) no Cabo Mondego, localizado imediatamente a norte da Figueira da Foz. As 15 pegadas, em camada de calcário margoso no sítio designado de Pedra da Nau, foram removidas e transportadas para o Museu Mineralógico e Geológico da Escola Politécnica (atual Museu Nacional de História Natural e da Ciência), em Lisboa. As pegadas foram identificadas como tendo sido produzidas por terópodes (carnívoros), do tipo megalossauro (Fig. 3).

Em 1957, Lapparent & Zybszewski descrevem cerca de 30 pegadas atribuídas a terópodes (o grupo dos dinossauros carnívoros). Estas pegadas foram encontradas em três camadas sucessivas, localizadas cerca de 50 metros estratigraficamente mais acima, no sítio chamado de Lage do Costado, também no Complexo Carbonoso. Apenas uma parte delas ainda se observa no local, pois as restantes foram transportadas para o Museu dos Serviços Geológicos (atual Museu Geológico), em Lisboa.

No Oxfordiano do Cabo Mondego, Santos (2008) identificou oito níveis com pegadas, incluindo os descobertos anteriormente. Mais recentemente, Carvalho *et al.* (2021) caracterizaram novos níveis com pegadas, quer em calcários da unidade Calcários Hidráulicos (provável Oxfordiano superior), quer em arenitos da unidade Arenitos da Boa Viagem (Kimeridgiano inferior). O estudo incide na caracterização dos aspetos morfológicos das novas pegadas e a sua relação com

as superfícies de ambientes sedimentares por onde caminhavam. Os resultados obtidos evidenciam condições de humidade variadas, associadas à génese das pegadas, e uma grande diversidade de dinossauros. Além disso, reconheceu-se que, no decorrer do intervalo de 160 a 156 Ma atrás (Oxfordiano médio a Kimeridgiano inferior), existiu uma modificação nos grupos de dinossauros produtores de pegadas: domínio inicial por herbívoros e carnívoros de grande porte e, posteriormente, domínio dos carnívoros de menor tamanho. Com esta descoberta de cerca de duas dezenas de pegadas ampliou-se o número de camadas com pegadas de dinossauro caracterizadas no Monumento Natural do Cabo Mondego, transformando-o num dos mais importantes marcos do registo icnofóssil ibérico, valorizando ainda mais o aspirante Geoparque do Atlântico.

Agradecimentos:

Os autores agradecem o tratamento gráfico das figuras 1 e 2 a Patrícia Boto e Fernanda Sousa, e a elaboração da figura 3 a Deverson Silva.

Referências:

- Carvalho, I. S., Cunha, P. P., Figueiredo, S. D., 2021. *Dinoturbation in Upper Jurassic siliciclastic levels at Cabo Mondego (Lusitanian Basin, Portugal): evidences in a fluvial-dominated deltaic succession. Paleoworld* 30 (3), DOI: 10.1016/j.palwor.2021.09.001
- Figueiredo, S. D., 2014. *Os Dinossáurios em Território Português*. Chiado Editora. Lisboa.
- Gomes, J. P., 1915–1916. Descoberta de rastros de saúrios gigantes no Jurássico do Cabo Mondego. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 11, 132–134.
- Lapparent, A. F., Zybszewski, G., 1957. *Les Dinosauriens du Portugal. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal* 2, 1–63.
- Santos, V. F., 2008. *Pegadas de Dinossáurios de Portugal*. Museu Nacional de História Natural, Lisboa, 124 pp.

* Departamento de Geologia, CCMN/IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; Centro de Geociências da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

** MARE — Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

*** Instituto Politécnico de Tomar, Centro Português de Geo-História e Pré-História; Centro de Geociências da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Fig. 3 – Reconstituição dos produtores das pegadas do Cabo Mondego e do ambiente sedimentar (arte de Deverson Silva).

PRETO É, GALINHA O FEZ?

Todos os alunos que passaram pela Academia sabem que o portão do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (UC) é a resposta certa à adivinha tradicionalmente contada em Coimbra «Qual é a coisa, qual é ela, preto é, Galinha o fez?». Com efeito, o magnífico e negro portão é obra de um serralheiro Galinha, assinado numa pequena placa de ferro fundido, onde se lê «M(anuel) B(ernar)des Galinha o fez em Coimbra.» Mas, em boa verdade, qualquer grade ou varanda de ferro, das muitas que existem na cidade e atribuíveis à família de ferreiros de apelido Galinha também podiam ser uma resposta acertada à adivinha, se acaso fossem tão pretos e tão conhecidos como o portão do Botânico.

A Biblioteca Geral da UC possui também um prelo tipográfico em ferro forjado, adquirido antes de 1874 para imprimir os catálogos de novas aquisições, até agora conhecido como «prelo do Galinha», por ostentar uma placa de bronze onde se lê: «M. Galinha em Coimbra.» Instalado durante dezenas de anos no piso térreo da Biblioteca Joanina, mal conservado e incompleto, foi recentemente restaurado para ocupar um lugar de evidência no renovado átrio do edifício da Biblioteca Geral, uma vez libertado da venda de bilhetes aos turistas, por meritória ação do Magnífico Reitor Amílcar Falcão.

O restauro do prelo obrigou ao seu estudo mais aprofundado, que confirmou a profunda ligação deste objeto com a cidade e com a Universidade, como já tínhamos insistido nas páginas da *Rua Larga*, n.º 23 (janeiro de 2009).

Joaquim Martins de Carvalho, jornalista e historiador da imprensa em Coimbra, fá-lo remontar a 1845, quando teria sido executado por Manuel Bernardes

Galinha (1810-1864) para equipar a tipografia de um jornal que nunca se chegou a fundar e que se teria chamado *Conimbricense*. Falhado o projeto desse periódico, impulsionado pelo industrial Augusto Valério Ferreira Pinto Basto (1807-ca.1902), o empreendedor, e o Doutor António Luís de Sousa Henriques Seco (1822-1892), o indigitado diretor do mesmo, venderam o prelo, em 1847, para com ele se fundar outro jornal (*O Observador*), no qual Joaquim Martins de Carvalho estava pessoalmente envolvido. E por causa desse envolvimento, não há como duvidar da origem que ele atribui ao prelo, pois saberia bem a quem o tinha adquirido para fazer a *Imprensa do Observador*, e saberia melhor a quem o tinha vendido depois de ter deixado de usá-lo para imprimir: sem uso nos últimos anos deste jornal, colocado no Colégio da Trindade, foi vendido em 1866 ao impressor Francisco dos Santos e Silva (ca.1820-1883), que por sua vez o haveria de ceder à Biblioteca da Universidade, por volta de 1873 ou 1874. Resumidamente, esta era a história bem conhecida do prelo, que devíamos integralmente às cuidadosas indagações de Joaquim Martins de Carvalho. A par dos trabalhos de restauro de 2019, tentámos detalhar ainda a história da máquina, desde que se encontra (há quase 150 anos) na posse da UC e precisar, da melhor forma possível, os escassos elementos biográficos disponíveis até agora sobre Manuel Bernardes Galinha e Augusto Valério Ferreira Pinto Basto, personagens essenciais desta história. Foram pesquisas de arquivo para as quais contámos com a ajuda preciosa da Mestre Maria Beatriz Matos França.

Do ponto de vista da engenharia tipográfica, o prelo, até agora dito do Galinha, é uma máquina singular,



TEMPOS E CULTURAS FRAGMENTADAS: PARA LÁ DE UM TEMPO IMPERIAL

desde logo por ser em ferro forjado e não em ferro fundido, como são todos os prelos metálicos industriais, desde o início do século XIX. Tão singular é ele que, ao contrário das velhinhas máquinas de madeira da Imprensa da UC, nem foi cobiçada pelo Museu da Imprensa quando este começou a constituir-se: por ser tão único, e «inclassificável», não terá, então, parecido útil para explicar a evolução dos prelos tipográficos na exposição de caráter didático que se queria construir no Porto.

Do ponto de vista do *design*, o prelo do Galinha apresenta soluções que os historiadores da tipografia chamam «*Stanhopean principles*», por andarem atribuídas aos desenhos de Charles Mahon, 3.º Lord Stanhope (1753-1816), divulgados a partir dos inícios do século XIX: construção inteiramente metálica, pressão aplicada por um inovador sistema de alavancas compostas e um batente para impedir que o entusiasmo do impressor sobre-pressionasse o quadro da prensa.

E aqui pode levantar-se a dúvida: onde teria o nosso Galinha — que não era um fabricante de prelos — encontrado em Coimbra um modelo com estas características para copiar? Ou, por outras palavras, como justificar que uma máquina produzida em 1845 mostre características já velhas de (pelo menos) 40 anos, sem apresentar nenhum dos melhoramentos entretanto introduzidos nos prelos tipográficos? Uma explicação possível e, porventura, a mais simples é a de que ele não tenha sido fabricado em 1845, que seja mais antigo e, portanto, que não seja do Galinha.

Apesar de intensamente buscada, não se encontrou documentação da encomenda original de Augusto Pinto Basto ao ferreiro de Coimbra; essa, em boa verdade, permanece apenas como a «narrativa» do vendedor. Mas uma narrativa que não ofereceu dúvidas a Martins de Carvalho, sabendo ele muito bem que a máquina tinha a «assinatura» de M. Galinha. Para um homem que tanto sabia de tipografia, talvez a seus olhos bastasse ser um produto artesanal, feito por um ferreiro de portões e de varandas, para explicar-lhe as singularidades. Quando o comprou, importante para ele é que funcionasse bem — e isso era garantido.

A hipótese que explicaria todas as particularidades deste prelo é que Manuel Galinha se tenha limitado a consertar e substituir algumas peças de uma máquina mais antiga comprada algures por A. Pinto Basto. Este capitalista tinha sido diretor da fábrica de vidros e porcelanas da Vista Alegre e, antes disso, tinha, como muitos outros liberais, vivido no exílio, em Inglaterra e em França. Enquanto diretor da fábrica, sabemos que foi a Sèvres (e a Meissen, na Alemanha?) estudar as pastas da porcelana, e que tinha sido ele a procurar e a contratar os mestres ceramistas estrangeiros que deram nomeada à fábrica de Ílhavo. Estaria, pois, na posse de todos os necessários contactos europeus para localizar e importar uma máquina própria para poder imprimir o jornal que queria fundar, em Coimbra, em 1845.

Para Robert Oldham, historiador dos primeiros prelos metálicos (europeus e americanos) e consultor científico do restauro do nosso «prelo dito do Galinha», o que hoje temos em Coimbra podia bem ser um dos prelos que Wilhelm Haas (filho) melhorou, por volta de 1784, partindo do protótipo criado pelo pai, em 1772.

Até hoje, não se conhecia nenhum sobrevivente destes fabricos, concebidos em Basileia, forjados em Zinsweiler (na Alsácia) e vendidos, pelo menos, na Suíça e na Alemanha. Mas as notícias que Wilhelm Haas-Decker (1766-1838) nos deixou das melhorias por ele introduzidas coincidem totalmente com as características do prelo de Coimbra.

Qualquer que seja a sua origem, a máquina que temos hoje é extraordinária: se acaso foi uma criação de Manuel Bernardes Galinha, é única, pois não se conhece mais nenhum prelo funcional em ferro forjado na Europa. Se Galinha apenas consertou uma velha máquina de Wilhelm Haas, e deixou a sua placa para atestá-lo, teremos um prelo a que poderíamos chamar «Haas-Galinha» e que será, tão somente, o mais antigo prelo metálico conservado no mundo, quase 20 anos anterior aos primeiros prelos *Stanhope*.

* Diretor-adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Apesar de muitos académicos definirem o nosso tempo como o momento da globalização, sinónimo de interconexões globais, é recorrente o retorno à complexidade do tempo e da história. Na década de 1970, peritos da UNESCO produziram uma densa taxonomia do tempo. Esta proposta integrou categorias como «a perceção empírica do tempo», «o tempo visto como uma série de pontos, como uma esfera», «a elaboração filosófica do tempo e da temporalidade», «a consciência do tempo recorrente e do tempo irreversível», «a patologia do tempo», «a relatividade do espaço-tempo, a assimetria do tempo (num universo em expansão) e o tempo cosmológico», «o tempo e metatempo: eternidade como duração interminável», «a visão temporal da história e da desalienação do Homem», «a visão escatológica da história e da história da salvação» e, talvez a mais instigante, a do «otimismo trágico» (Aguessy *et al.* 1977). Esta proposta

revela os esforços da UNESCO para definir um universalismo não-hierárquico adequado aos tempos atuais, onde uma compreensão intercultural global das culturas é fundamental à descolonização dos saberes e das mentalidades.

O tempo presente, em que a estrutura de poder colonial-capitalista insiste numa gestão sincrónica do tempo (apresentando as discrepâncias temporais como impedimentos à globalização), coloca impedimentos ao reconhecer da diversidade de temporalidades presentes. Pensar desde o Sul global, um Sul epistémico, ontológico e político (Santos, 2018), cujas experiências são ainda pouco conhecidas, assenta em reconhecer os diálogos entre as experiências temporais, fundamental às transformações emancipatórias.

A interação entre o tempo e o poder é fundamental à conformação das formações imperiais modernas. A imposição de uma noção linear do tempo apoia a



estrutura de poder colonial-capitalista, impondo uma hierarquia temporal singular que relega as outras temporalidades para um espaço-tempo anterior e local. Ultrapassar a monocultura do tempo sequencial, fundamental ao pensamento científico dominante, obriga a uma reflexão sobre a própria noção de conhecimento universal, refletindo sobre a distinção entre o que se entende por universal e a universalidade como proposta de poder (Santos e Meneses, 2019).

Muitos filósofos eurocêntricos têm assumido, desde Platão, que o saber é completamente traduzível, o que significa que é um primado semântico comum a todas as mentalidades e línguas. Apesar de as pessoas possuírem, em função das suas experiências culturais, intuições fundamentalmente diferentes sobre o conhecimento, a filosofia eurocêntrica insiste em negligenciar, de forma abissal, os outros saberes, incluindo a forma como as culturas interagem. Evidências contra uma noção universalmente partilhada de conhecimento sugerem que a epistemologia no sentido da epistemologia eurocêntrica e da ciência cognitiva é um exercício em como o Norte global fala do conhecimento, e não um empreendimento em descobrir os fundamentos ou métodos coerentes para justificar as suas certezas (Trouillot, 1995). Nesta perspetiva, o mundo globalizado moderno é o mundo que o Norte criou, e que tem procurado impor como a forma mais avançada de instituições, da ciência vista como a forma dominante de conhecer o mundo. A invenção do Norte global como o centro excecional trouxe consigo o surgimento das periferias. A construção destas tem de ser vista como um exercício político, epistémico e ontológico, com o objetivo de gerar um espaço-tempo geopolítico e epistemológico explícito: o Norte global como centro. Esta premissa interpretativa do mundo, ao procurar estabelecer-se como absoluta, continua a fraturar de forma abissal o mundo entre o Norte global e o Sul local — este último sinónimo de territórios cujos conhecimentos terão, supostamente, valor local, tradicional, sinónimo de atraso e subdesenvolvimento.

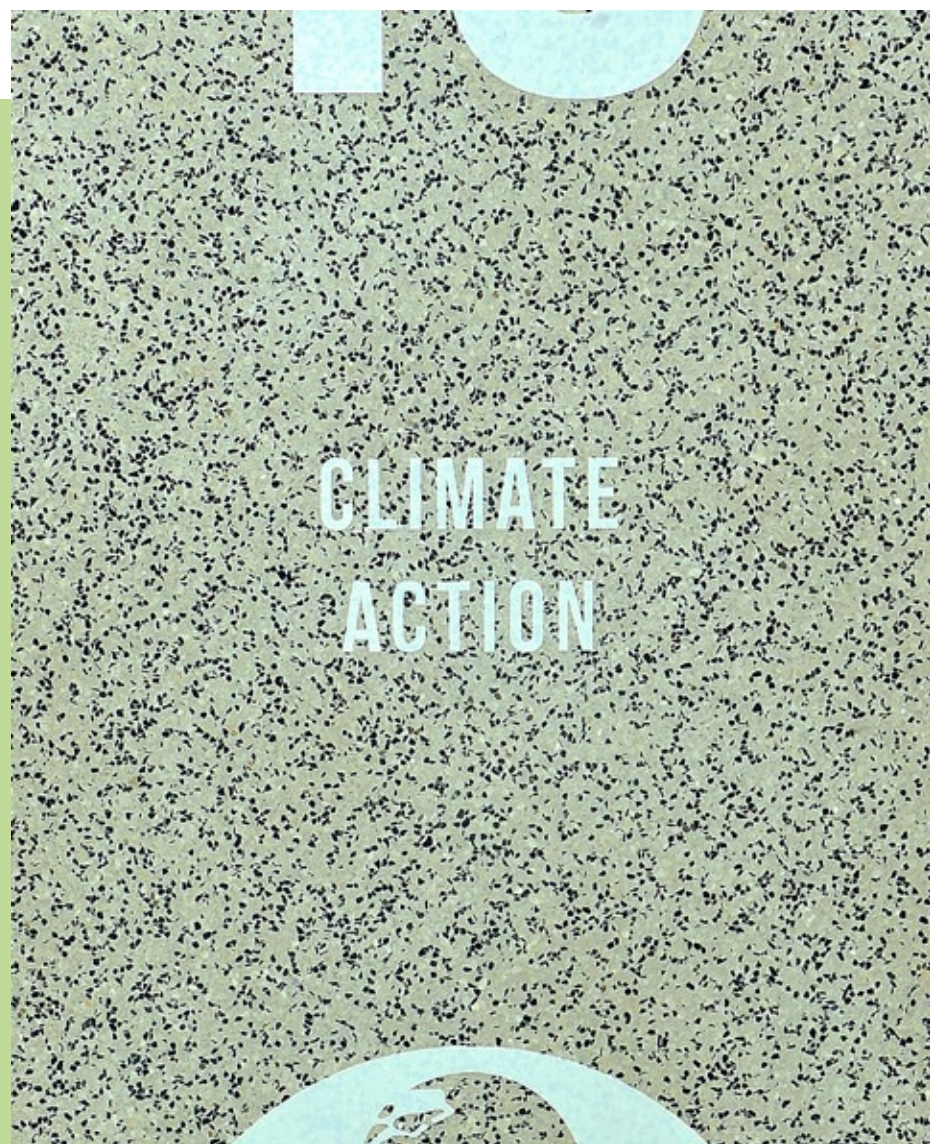
A grande divisão colonial entre a humanidade do Logos e do Antropos alimenta a distinção entre as línguas imperiais da civilização — ciência — e as línguas culturais que expressam a incomensurabilidade das formas de saber no mundo. O desafio de pensar com o Sul global exige o reconhecimento da pluralidade dos saberes que marcam o nosso mundo com

crises que colocam em questão a nossa sobrevivência. Em tempos marcados pela crise ambiental, é necessária uma linguagem diferente para ligar mundos díspares, interpretações diferentes, para pensar a partir do Sul, de forma holística, através de uma tradução transdisciplinar e intercultural em torno de questões-chave. Fundamental para uma tal abordagem é a questão do tempo. A crise ambiental expõe com acuidade como a história convencional tem ignorado o tempo natural. A emergência do Antropoceno revela como as ciências sociais perderam, em larga medida, o sentido dos longos ciclos da natureza e do tempo natural. Repensar as nossas sociedades significa recriar os conceitos vernáculos do tempo. Associado a um *kairós* de experiências, urge aprofundar as ecologias de saberes que ligam as ciências a estruturas mais vastas de conhecimento, para apreender um significado mais pleno de humanidade e vida. Em suma, uma proposta que celebre o otimismo trágico das experiências humanas como um elemento-chave para um universalismo alternativo e horizontal.

Referências:

- Aguessy, H. et al. (1977) *Time and the Philosophies*. Paris: UNESCO.
Trouillot, M.-R. (1995) *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press.
Santos, B. S. (2018) *The End of the Cognitive Empire: The Coming of Age of Epistemologies of the South*. Durham: Duke University Press.
Santos, B. S.; Meneses, M. P. (2019), «Introduction — Epistemologies of the South-Giving Voice to the Diversity of the South», in Santos, B. S.; Meneses, M.P. (org.), *Knowledges Born in the Struggle Constructing the Epistemologies of the Global South*. New York: Routledge, xvii-xliii.

* Investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra



ANTÓNIO CARVALHO *

O TEMPO DO ANTROPOCENO

A contemporaneidade parece encontrar-se num estado generalizado de anomia, ilustrado por eventos disruptivos como as alterações climáticas e a pandemia de COVID-19 — parafraseando *Hamlet*, «o Tempo está fora dos seus eixos». O termo Antropoceno, formulado para caracterizar a época geológica atual — marcada indelevelmente pelas ações humanas sobre o planeta —, suspende as fronteiras entre tempo geológico e humanidade. Emissões de dióxido de carbono, desastres nucleares e extinção em massa de espécies não-humanas colocam em causa cronologias lineares, remetendo-nos para um *kairós* emergencial que nos obriga a responder a sucessivas e intermináveis crises.

O Tempo está inevitavelmente colonizado por múltiplos dispositivos políticos e tecnológicos, e a crise atual é articulada através de visões e imaginários heterogêneos acerca de como construir o futuro. O projeto TROPO: Ontologias do Antropoceno em Portugal — Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Tecnologias Emergentes, atualmente em curso no Centro de Estudos Sociais (CES), visa mapear como distintas entidades mobilizam a crise climática para imaginar formas específicas de construir o futuro, envolvendo uma diversidade de intervenções sociopolíticas, práticas e tecnológicas no contexto português.

O Movimento de Transição, uma rede internacional criada em Totnes, Reino Unido, em 2006, visa levar a cabo transições para a sustentabilidade em âmbito local, enfatizando uma abordagem colaborativa entre todos os agentes sociais e políticos, reconhecendo a importância das dimensões micropolíticas e de alterações de estilos de vida para enfrentar a crise climática. Já o Roteiro para a Neutralidade Carbónica, aprovado pelo Conselho de Ministros em 2019, consiste na estratégia portuguesa para atingir a neutralidade carbónica em 2050, incluindo a total descarbonização da produção de eletricidade e do sistema de transportes urbanos. Por outro lado, a geoengenharia diz respeito a uma série de tecnologias emergentes — como a Gestão da Radiação Solar e a Remoção de Dióxido de Carbono — que visam evitar os efeitos nefastos do aquecimento global, através, por exemplo, do aumento da capacidade dos oceanos enquanto sumidouros de carbono.

Estes estudos de caso consistem em múltiplas formas de imaginar e governar o futuro, reforçando o caráter profundamente político do Antropoceno e ilustrando a heterogeneidade de atores, abordagens e esferas recrutadas para enfrentar a crise climática. O Tempo do Antropoceno é, nesse sentido, um dispositivo fluído, em permanente negociação, interdependente,

não-linear — as intervenções do presente estão inevitavelmente indexadas aos seus potenciais impactos nos Sistemas Terrestres, incluindo a atmosfera e os oceanos; o futuro é sujeito a uma multiplicidade de intervenções sociopolíticas e tecnológicas, por sua vez articuladas com distintas «visões» e formas de conceptualizar as relações entre humanos e não-humanos; e o passado reproduz-se enquanto intensidade mimética, inculcando marcas das emissões poluentes e de explosões nucleares em agenciamentos tectónicos, atmosféricos e biológicos.

O Antropoceno convida-nos a uma reflexão acerca das políticas e ontologias do Tempo. Na realidade, é um conceito altamente controverso, pois naturaliza desigualdades históricas no acesso à tecnologia e a combustíveis fósseis, reificando os processos de industrialização enquanto fenómeno global. De forma a salientar as desigualdades históricas e globais articuladas com a crise climática, formulações alternativas — como Capitaloceno — têm sido propostas. O Tempo do Antropoceno remete-nos para processos de aceleração de uma relação dualista e extrativista com a natureza, frequentemente associada a uma visão instrumental que reduz os não-humanos a matérias-primas. O espírito desta tecnologia moderna e extrativista, que Martin Heidegger designou como *Gestell*, é contraposto a abordagens que primam por uma relação simétrica, interativa e não-dualista com os não-humanos. Estas novas ontologias, articuladas com os desafios do Antropoceno, abarcam não só a ciência e a tecnologia, mas também a arte, a subjetividade e a política.

O conceito de «tecnologias de humildade», proposto por Sheila Jasanoff, tem vindo a ser mobilizado para reconhecer as complexidades, incertezas e invisibilidades associadas às controvérsias sociotécnicas e ao papel desempenhado pela ciência e tecnologia nas sociedades globais contemporâneas. O Antropoceno torna premente a imaginação de um «Tempo da Humildade» além da húbri da tecnociência e governação modernas. De facto, é urgente não só o reconhecimento da interdependência entre humanos e não-humanos, mas também o desenvolvimento de políticas sensíveis à multiplicidade de Tempos em emergência e conflito, mobilizando uma consciência ecológica para que possamos escutar e responder aos diversos Antropocenoses em construção.

* Coordenador do projeto TROPO: Ontologias do Antropoceno em Portugal — Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Tecnologias Emergentes (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

MIGUEL CARDINA *

CRUZAR AS MEMÓRIAS DA GUERRA COLONIAL E DAS LUTAS DE LIBERTAÇÃO

Como é que os Estados e as sociedades lidam com os eventos disruptivos do seu passado? De que forma se constroem representações públicas sobre esses mesmos acontecimentos? Que atores sociais, e através de que meios, interferem nesses processos? Como é que o passado se vai modelando historicamente nos sucessivos presentes?

Estas são algumas das questões que animam a investigação feita no projeto *Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-liberation Wars in Postcolonial Times* (CROME). Financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC), e sediado no Centro de Estudos Sociais (CES), o projeto CROME toma como referente as guerras coloniais e de libertação que, entre 1961 e 1974, envolveram o Estado português e os movimentos africanos apostados em alcançar a independência dos territórios colonizados. Como é sabido, os longos 13 anos do conflito acabariam por criar as condições para o 25 de Abril de 1974 e definir o fim ao império português em África. No continente, por seu turno, a luta anticolonial seria a antecâmara do surgimento de cinco novas nações: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

O projeto procura indagar as reverberações deste passado nos sucessivos presentes. Deste modo, visa contribuir para uma história da memória da guerra colonial e das lutas de libertação, atenta à sua modelação diacrónica em função de dispositivos de natureza social, política, ideológica, cultural e económica. Ao mesmo tempo que se pretende analisar a produção discursiva e simbólica deste passado em cada contexto nacional, busca-se igualmente surpreender semelhanças, efetuar paralelismos e propor diálogos sobre uma história comum que, passados mais de 60 anos, permanece incómoda.

A nossa proposta de investigação filia-se numa ainda sub-teorizada literatura que se dedica a estudar os modos como os passados coloniais e as suas ramificações pós-coloniais modelam tanto os novos países que emergem das lutas de libertação como as antigas potências colonizadoras. Na verdade, se nos focarmos nas reminiscências imperiais em Portugal e nas antigas colónias africanas, obteremos dois modos substancialmente distintos de inscrever na memória pública o processo de rutura com o colonialismo.

Em Portugal, tende ainda a prevalecer, apesar de crescentemente desafiada, uma «política do silêncio» relativamente à guerra e à violência colonial que resulta na manutenção, em significativos sectores da população,

da imagem de um país de «brandos costumes» e de uma benevolente presença ultramarina. Como resultado dessa representação dominante, transforma-se a guerra, a escravatura, a dominação colonial ou o racismo em temas com débil inscrição pública. O imaginário do império ainda apresenta em Portugal fortes traços de nostalgia, explícitos ou implícitos, e também de ressentimento quanto ao modo abrupto como se processou o corte com o colonialismo. Ao invés, nos países africanos, apesar das suas diferenças, foi predominando uma memória da luta de libertação que reconhece a centralidade e justeza do combate anticolonial e que objetivamente servirá para reforçar a legitimidade política e simbólica dos movimentos que conduziram as guerras de libertação, tornados partidos únicos nos diferentes pós-independência.

Nos trabalhos desenvolvidos, temos vindo a pensar a *guerra* e a *luta* como significantes mnemónicos descoincidentes. Com efeito, a guerra remete para o conflito armado entre o Estado português e os movimentos de libertação; a luta surge como expressão de outras resistências, nas quais têm lugar narrativas mnemónicas sobre os processos de construção da diferença colonial, sobre micro e macro violências, sobre modalidades de contestação à presença portuguesa, sobre os modos, nem sempre unívocos, de construção de identidades e pertenças.

Trata-se, assim, de proceder a um cruzamento de memórias que assume múltiplos sentidos. Em primeiro lugar, cruzam-se diferentes tempos históricos, percebendo de que forma as imagens públicas da guerra/luta foram sofrendo mutações históricas. Em segundo lugar, atende-se ao modo como essas representações se plasmam em distintas práticas e processos mnemónicos. Por fim, observa-se o cruzamento entre diferentes países e histórias nacionais, cujo poder de enunciação sobre o passado tem sido determinante na definição de regimes memoriais.

Hoje, num contexto em que se fala das tarefas inerentes à descolonização da história e à importância dos diálogos interculturais, urge colocar em confronto crítico estas dinâmicas, simultaneamente apartadas e conexas, de representação social de um passado que, de modos distintos, continua a ecoar em Portugal e nos antigos territórios colonizados. Interpretá-lo, pô-lo em evidência, compará-lo, discuti-lo, é um desafio fundamental para uma universidade que se quer global e (auto)reflexiva.

* Coordenador do projeto CROME
(Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

O TEMPO: SEGUINDO OS SEUS TRACÇOS NA TERRA E NO CÉU



O Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra (OGA), criado em 2013 por fusão do Observatório Astronómico e do Instituto Geofísico, tem sede em Santa Clara. Aí estão localizadas as infraestruturas de divulgação: telescópio Monteiro da Rocha, Planetário e coleção museológica. As estações de observação encontram-se distribuídas por três polos, ocupando uma área total de cerca de dez hectares. Em Santa Clara, recolhem-se imagens diárias da atmosfera do Sol com o espectro-heliógrafo (desde 1926) e existe uma estação meteorológica automática a funcionar desde 2019. Na Av. Dias da Silva, encontram-se a estação meteorológica mais antiga (desde 1864) e a estação sísmica (desde 1903). A estação magnética funciona desde 1866, tendo estado no início

localizada na Av. Dias da Silva, de onde foi transferida para o Alto da Baleia (nas imediações do Hospital Pediátrico), em 1932.

O OGA constitui um terreno propício para a reflexão sobre «Tempo». À palavra «Tempo» associamos, por um lado, a contínua sucessão de instantes com que podemos datar os acontecimentos astronómicos e geofísicos. Mas «Tempo» é também utilizado para designar o estado momentâneo da atmosfera, neste caso em Coimbra, caracterizado pelos valores das variáveis meteorológicas como a temperatura do ar, a pressão, a humidade, o vento ou a precipitação, que medimos nas duas estações meteorológicas (tempo meteorológico).

Aqui, discorreremos sobre a primeira acessão de «Tempo». Como definição operacional, podemos dizer que se trata da grandeza medida por um relógio (tempo cronológico). Encontramos grande



variedade de relógios a que recorrer — todos tiram partido de um processo periódico, seja ele o movimento de um pêndulo ou do balanço de um relógio mecânico, a vibração de um cristal de quartzo, o batimento cardíaco, a translação da Terra em torno do Sol ou a rotação própria da Terra. O número de ciclos decorridos num certo relógio é, assim, uma medida do «tempo que passou». Como observam o Céu e os ciclos dos astros, os observatórios astronómicos são, por tradição, guardiões da hora. Em Portugal, é ao Observatório Astronómico de Lisboa que cabe manter e divulgar a hora legal.

O OGA, por associar as áreas da astronomia e da geofísica, é depositário da ciência dos relógios naturais astronómicos, mas também dos relógios naturais geofísicos, menos precisos. É interessante a sincronização que existe entre relógios astronómicos e geofísicos, e que nos alerta para os diferentes processos físicos de interação entre a Terra e os astros vizinhos. Muito em particular, para a interação com o Sol. Se o telescópio Monteiro da Rocha, em Santa Clara, permite seguir a Terra na trajetória que descreve em torno do Sol, por observação da disposição das estrelas distantes, ano após ano, os termómetros, barómetros, higrómetros, pluviómetros e anemómetros das estações meteorológicas registam a sucessão cíclica das quatro estações do ano. Se com o astrolábio ou o sextante da coleção museológica podemos marcar o meio-dia local pela altura máxima do Sol, dia após dia, os magnetómetros do Alto da Baleia registam uma curva magnética de variação diurna. E até o período de crescimento e declínio do número de manchas na fotosfera do Sol, que seguimos com o espetro-heliógrafo de Santa Clara ao longo de ciclos de cerca de 11 anos, encontra par no período de crescimento e declínio do número e intensidade das tempestades geomagnéticas registadas na Baleia.

Não é prático, como sabemos, utilizar os relógios naturais para medidas de precisão e intervalos de tempo pequenos, abaixo do segundo ou mesmo do minuto. Essas medidas são, contudo, essenciais no funcionamento do equipamento de astronomia e geofísica. Por essa razão, o OGA possui uma interessante coleção de instrumentos de medição do Tempo, que foi sendo atualizada desde 1772, data da criação do Observatório Astronómico. Nessa coleção, podemos encontrar, entre outros, um relógio de pêndulo concebido e mandado contruir pelo cientista português João Jacinto de Magalhães, em Londres (c. 1785), e um relógio de Sol de 1809, construído por Jacob Hass. De destacar, também, o cronómetro de tempo sideral construído na casa londrina DENT (fundada em 1814), cuja marcha dos ponteiros era insensível ao movimento do instrumento, permitindo transportar a hora de um local com exatidão, durante longas viagens no mar.

O OGA é ainda testemunho da sucessão de grandes eventos da história de Portugal e do mundo, nas últimas centenas de anos (tempo histórico). Com a Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, foram adquiridos os seus mais antigos livros, mapas e instrumentos. A primeira e a segunda guerras mundiais ficaram registadas na interrupção das séries de dados ocasionada por escassez de consumíveis. Em 2022, terão decorrido 250 anos sobre os Estatutos Pombalinos e com eles a criação do Observatório Astronómico. Também o OGA, observatório da Terra, do Céu e, porque não, do Tempo, está de parabéns.

* Diretora do Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra

** Coordenador do Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de Coimbra

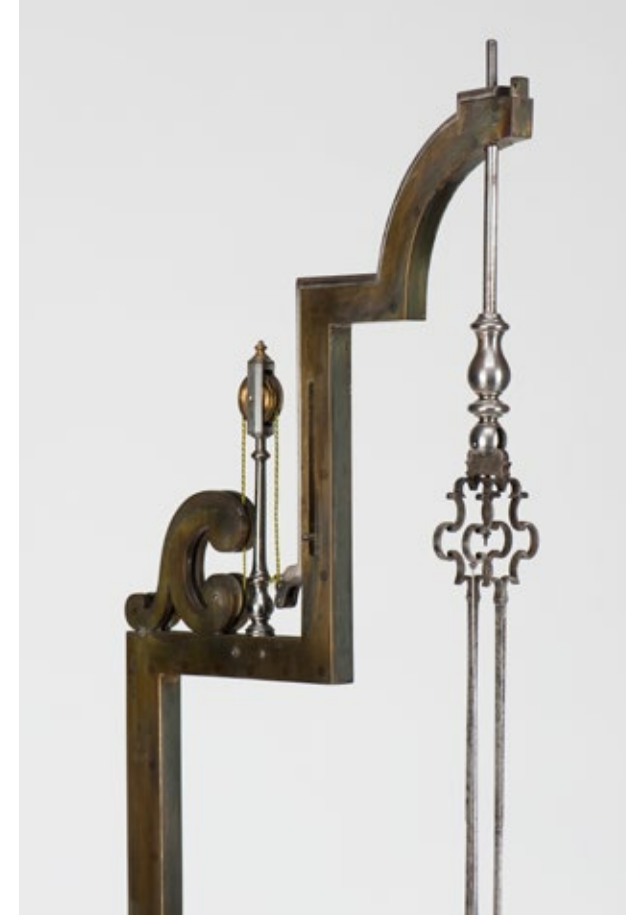
UM ACASO NA
CONSERVAÇÃO
DE **UM ESPAÇO**
NO TEMPO





Por vezes consideramos que tudo é eterno, mas, tal como os seres humanos, os edifícios e os objectos também «morrem», desaparecem e dão origem a outros, nos mesmos lugares ou com a reciclagem dos seus materiais. O Gabinete de Física oitocentista da Universidade de Coimbra (UC) é um desses lugares que, por diversas vezes, esteve na iminência de ser transformado e que, por circunstâncias felizes, pode ser hoje contemplado. O Gabinete de Física da UC foi criado com a Reforma Pombalina de 1772 e tinha a função de acolher a colecção de instrumentos que aportou em Coimbra em 3 de Fevereiro de 1773. Nesse dia, chegaram a esta cidade 562 objectos que tinham sido reunidos no Gabinete de Física do Colégio dos Nobres de Lisboa e que, por decisão de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Marquês de Pombal, foram transferidos para a UC, destinados ao ensino prático da Ciência, preconizado pelos estatutos universitários de 1772. No final da década de 30 do século XX, esta colecção de instrumentos científicos — organizada por João António Dalla Bella (1726-1823) no século XVIII — estava obsoleta, dispersa e esquecida por várias salas do Colégio de Jesus. O espaço oitocentista encontrava-se descaracterizado. O responsável pela recuperação deste espólio único e pela sua preservação, até à actualidade,

foi Mário Augusto da Silva (1901-1977). Sem ele, pouco restaria. Depois do seu regresso de Paris (1929), onde realizou um doutoramento sob a supervisão de Marie Skłodowska Curie (1867-1934), tentou infrutiferamente dedicar-se a projectos que não vingaram por inúmeros entraves externos: o Instituto do Rádio de Coimbra e a Emissora Universitária. Perante as dificuldades de prosseguir com estes projectos, em 1937 decidiu iniciar a reorganização do «Real Gabinete de Physica da Universidade de Coimbra», trabalho que concluiu por volta de 1940. Perante a desordem em que se encontrava este espaço, começou por identificar, recuperar e restaurar o material sobrevivente. O trabalho de identificação e reconstrução destes objectos científicos só foi possível em toda a sua amplitude devido à existência do *Index Instrumentorum*, o inventário dos instrumentos do Gabinete de Física Pombalino, manuscrito em latim, em 1788. Além disso, recuperou instrumentos que se encontravam fora das instalações da UC, nomeadamente no Museu de Machado de Castro, no Liceu D. João III e na posse de particulares (na sequência de um leilão em 1912). Uma das preocupações declaradas de Mário Silva foi deixar testemunho escrito sobre as intervenções de restauro efectuadas no espólio, criando fichas próprias para o efeito. Realizou também o registo



fotográfico dos instrumentos e dos espaços, tendo mobilado o gabinete com mesas e cadeiras da época. Após a recuperação do Gabinete Pombalino de Física por Mário Silva, ocorreram dois acontecimentos que poderiam ter ditado o desaparecimento deste espaço enquanto museu: o primeiro diz respeito às obras da nova Cidade Universitária, processo durante o qual foi equacionada (em 1944) a hipótese de se transferir o Gabinete de Física (instrumentos e mobiliário) para o edifício do Laboratório Químico, onde seria criado um Museu da Universidade; o segundo foi a transferência do Departamento de Física para o novo edifício, no ano lectivo de 1974/1975. Nesta data, este desocupou todas as suas instalações no edifício do Colégio de Jesus, excepto as duas salas do Gabinete Pombalino, que ficaram fechadas, contendo no seu interior a colecção histórica. O novo Departamento de Engenharia Electrotécnica, que ocupou os espaços vagos, também ambicionava estas duas salas que, no entanto, nunca lhe foram cedidas. Em 1991, com a realização da exposição «Les Mecanismes du Genie» em Charleroi, Bélgica, durante a Europália, a colecção pombalina foi novamente redescoberta e valorizada. O impacto mediático deste evento culminou com a abertura ao público do

renovado Museu de Física, em 29 de Janeiro de 1997, que foi, juntamente com os restantes núcleos museológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, integrado no Museu da Ciência da UC, em 2009. Em virtude da raridade destes instrumentos e espaços, e da sua importância para a História da Ciência, o Gabinete de Física foi distinguido, em 26 de Agosto de 2014, como «Sítio Histórico da Física» pela European Physical Society. A sessão comemorativa desta distinção realizou-se somente no dia 11 de Março de 2016, tendo sido afixada uma placa comemorativa no anfiteatro que antecede o Gabinete de Física — anfiteatro esse que, desde 1997, tem o nome de Mário Silva. Podemos assim afirmar que o Gabinete de Física resistiu às obras da Cidade Universitária e à transferência do Departamento de Física para as novas instalações, devido inequivocamente ao labor de Mário Augusto da Silva.

* Conservador do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra;
Membro do Centro de Física da Universidade de Coimbra.

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico,
por vontade do autor.

O TEMPO DA ESCRITA

Em 2021-2022 teve início na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) a primeira edição do mestrado em Escrita Criativa. Acreditado pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) pelo período de seis anos, este curso não tem equivalente em Portugal, tanto no sistema de ensino superior público como no privado. Pretende ocupar um lugar fundador em sintonia com os cursos de graduação existentes em universidades estrangeiras, onde a escrita criativa tem uma tradição prestigiada em contexto académico. Com este novo curso, criam-se as condições necessárias para o desenvolvimento sustentado do ensino e investigação da escrita criativa.

Em Portugal, a oferta de formação nesta área expandiu-se consideravelmente nas duas últimas décadas, quase sob a forma de cursos intensivos de curta duração, em regime presencial ou a distância, ou de cursos de pós-graduação. Seja no âmbito de instituições privadas ou públicas, no âmbito de centros de formação ou de associações culturais diversas, a oferta de oficinas de escrita — particularmente de ficção narrativa, escrita para palco ou de argumento — indica a procura e o interesse crescentes por este domínio de formação. Também na Universidade de Coimbra (UC), o desenvolvimento curricular desta área, existente desde meados da década de 1990, se manteve limitado a algumas

unidades, como «Oficina de Poesia», «Poética e Escrita Criativa» ou «Dramaturgia e Escrita Teatral».

Com este mestrado, a FLUC pretende desenvolver o seu próprio modelo de ensino da escrita criativa, concebendo-a como uma prática transversal às artes e humanidades, ou seja, não estritamente vinculada à chamada escrita literária. Este modelo assenta nos três princípios seguintes: a escrita é um dos principais instrumentos e manifestações da criatividade humana; a «escrita criativa» designa práticas que existem num *continuum* com as restantes práticas de escrita (do artigo científico ao ensaio filosófico e à reportagem jornalística); a pedagogia da escrita implica uma retroação entre prática e teoria que contribua para um entendimento crítico dos modelos de linguagem e de escrita usados nos processos criativos e comunicacionais.

A retroatividade entre prática e teoria pode observar-se num plano de estudos que integra Estudos Literários, Estudos Fílmicos, Estudos dos Média, Estudos Teatrais e Estudos de Tradução com a produção de escrita literária, escrita para os meios audiovisuais e escrita para as artes performativas. Além disso, o mestrado em Escrita Criativa procura incorporar o conhecimento das práticas profissionais através do Laboratório de Escrita, no qual participam regularmente escritores que trabalham em diferentes domínios, entre os quais, Afonso Cruz, Ana Luísa Amaral, Charles Bernstein, Djaimilia Pereira de Almeida, Erín Moure, Fernando Aguiar, J.R. Carpenter, John Mateer, Kate Pullinger, Leonard Schwartz, Luísa Costa Gomes, Michael Franco, Miguel Castro Caldas, Patrícia Portela e Rachel Blau DuPlessis. À inovação da sua estrutura curricular e do seu modelo de ensino, o mestrado acrescenta a oferta de uma formação bilingue (português e inglês). A possibilidade de apresentação de projetos de escrita em inglês abre o curso a estudantes com esta língua como língua materna ou segunda língua. A bolsa de escritores-convidados do programa reforça este perfil internacional e convida a intercâmbios com sistemas universitários internacionais onde esta área se encontra consolidada, designadamente nos Estados Unidos da América e no Reino Unido. Refira-se também a futura participação na Associação Europeia de Programas de Escrita Criativa (EACWP) e em redes de investigação e ensino neste domínio.



Entre os seus pontos fortes, deve destacar-se a diversidade do corpo docente, que combina competência pedagógica e científica em distintas áreas disciplinares (Estudos Literários [Poesia e Narrativa], Estudos Artísticos [Teatro e Cinema], Ciências da Comunicação [Rádio, Televisão, Plataformas Digitais]) com experiência profissional e de criação em diversos domínios, incluindo escrita para teatro, poesia, ficção narrativa, não-ficção, escrita digital, narrativa audiovisual, cinema documental, tradução literária, e programação cultural e artística. O cruzamento entre disciplinas e a interação entre práticas de investigação e de criação, que constitui a matriz do curso, caracteriza também o perfil dos docentes.

O alargamento da experimentação com a escrita a múltiplos géneros e formas valoriza a criatividade no âmbito das humanidades e contribui para a inovação pedagógica nas Faculdades de Letras através da chamada investigação baseada na prática. O desafio que este novo ciclo de estudos constitui passa pelo equilíbrio entre a reflexão teórica e crítica, por um lado, e as metodologias de ensino e avaliação orientadas para a produção criativa e informadas pelas práticas profissionais, por outro. Se for bem sucedido, contribuirá para mudar o lugar e a função das práticas,

formas e géneros de escrita no âmbito das Faculdades de Letras em Portugal e estabelecer um modelo crítico e reflexivo de escrita que possa ter implicações nos campos literário, artístico e dos média.

O mestrado em Escrita Criativa constitui ainda uma oportunidade de definição de novos processos de profissionalização e de reconhecimento de perfis de competências no sector das artes e da cultura. A expansão da chamada «economia criativa» depende, em muitos dos seus sectores (livros, média, artes do espetáculo), do trabalho de inúmeros profissionais da escrita. A explosão de argumentistas para canais de *streaming* ao longo da última década é um exemplo recente daquele crescimento. A implantação de um novo modelo de ensino da escrita criativa representa também uma tentativa de traduzir este contexto económico de produção para o contexto da formação universitária atual. O tempo da escrita na UC procura assim sincronizar-se com o tempo da escrita que é, cada vez mais, o nosso tempo.

* Professor Catedrático no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

O TEMPO DA UNIVERSIDADE...



Henrique Patrício

● ● ● tem mais do que um modo. Primeiro, é o tempo curto, que se mede em anos, das tarefas quotidianas que preenchem a vida do estudante: o sino do relógio que toca para as lições (às sete e meia até domingo de ramos, às seis e meia, daí em diante), meio quarto de hora depois dos campanários da cidade, o assueto a meio da semana, a leitura do professor que é preciso captar e fixar por escrito na apostila, o ir à feira comprar os frescos, ao açougue a carne e o peixe, o habitar em grupo — com a ama a moderar a ritmo dos dias, o moço de recados e a lavadeira, auxiliares indispensáveis —, os ritos iniciáticos, os convívios, as ansiedades que precedem os exames, as disputas das conclusões e a apressada preparação (de um dia para o outro) das lições de ponto, a alegria dos graus conseguidos; de permeio, as viagens: a inicial, tímida, para Coimbra, e as outras, no vai e vem das férias. Foram mudando as circunstâncias — que os tempos não são sempre os mesmos — e a apostila fez-se sebenta, depois apontamentos; os códigos e as sumas deram lugar aos compêndios e depois às listas bibliográficas; as disputas cederam o lugar às dissertações mais ou menos longas; acabou o assueto e veio o fim de semana; as viagens multiplicaram-se...

Contudo, se olhado sob o ângulo do percurso biográfico de cada estudante (e em todas as épocas), este tempo curto avoluma-se e torna-se imensamente grande — pela marca indelével que grava no espírito, pelos laços afetivos que tece e, muito mais, pela transformação que opera: o graduado educou o olhar com que interpreta o mundo e a sociedade e enfrenta os desafios da vida munido do reconhecimento formal de competências que lhe permitem ser parte ativa na construção e no ordenamento da cidade.

Depois, há um tempo médio, o dos professores, que se mede em vidas, em duração de carreiras. De acesso difícil — implicando muitas vezes pacientes esperas —, eram normalmente engendradas no seio de poderosas instituições protetoras, como os colégios; excepcionalmente, sobretudo em momentos de reforma, emanavam diretamente da vontade do poder político que, em todos os casos e em última análise, decidia admissões e progressões, jubilava, reconduzia, aposentava ou exonerava. Muitas dessas carreiras ficaram confinadas ao múnus universitário; muitas outras, sobretudo de juristas, fizeram dele uma etapa transitória e trampolim para o exercício de poderes mais amplos.

Estatutos e programas delimitavam as áreas do saber e estipulavam os textos que constituíam a base do ensino: aos professores, contudo, ficou sempre a incumbência de aclarar e explicitar, escolher o que de mais relevante devia ser comunicado, acrescentar o que «por seu talento e trabalho» pudessem entender e alcançar, serem

inventores e autores, incorporarem o que de novo se fosse descobrindo, associarem estruturalmente docência, investigação e publicação.

Cabia-lhes, além disso, um poder único: o de aferir e julgar, promover ou reter. Joeirar. E articulavam-se com o poder régio, durante séculos, informando do mérito final dos graduados em Direito (e depois de todos os graduados), critério importante para o acesso a carreiras futuras, ou mesmo dirimente para o ingresso na magistratura. No âmbito doméstico, e através dos conselhos e congregações, deliberavam sobre os aspetos científicos, pedagógicos, administrativos, económicos, e constituíam o núcleo decisor de uma Universidade que primeiro foi senhorial e depois geriu o hospital, os gabinetes, os museus.

Há ainda o tempo longo, que se conta por séculos, no qual se inscreve a missão perene da Universidade. A formulação dos *Estatutos* de 1772 é, a este respeito, exemplar: a concessão de graus, além de ser «testemunho público e significação autêntica da habilitação para o magistério», é também a «regra» pela qual os «supremos poderes espiritual e temporal» se governam e regem «no provimento das dignidades, benefícios, ministérios e empregos», os de «maior gravidade e importância». Já anteriormente, os *Estatutos Velhos* afirmavam que na Universidade se professavam «as ciências necessárias para o bom governo e conservação da república cristã»; e em 1911, na radical mudança de regime, se lhe atribui «um tríplice fim: fazer progredir a ciência [...]; ministrar o ensino geral das ciências e suas aplicações [...]; promover o estudo metódico dos problemas nacionais [...]». Ou seja, no tempo longo, sempre se considerou que a apropriação do saber, mais do que a promoção individual, era uma preparação para servir; e que a Universidade era um instrumento: de transmissão, mas também — e sempre mais — de criação e inovação que se projetaria em frutos de bem comum.

É nesta linha contínua que se inscrevem as reformas — a humanista, a iluminista, a republicana —, momentos de ajustamento e superação, que, ao ultrapassarem-no, não destroem o legado anterior. E é por isso que, conjugando todos os modos do seu tempo, a Universidade se constitui como a grande e permanente placa giratória para a qual convergem de todo o Reino e do Império os que buscam o saber — e também o poder que lhe está inerente —, e donde se disseminam pelo Reino e pelo Império para moldarem a política e a sociedade.

* Professor associado com agregação aposentado do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



THE GLOBAL GOALS

Metas Globais para o Desenvolvimento Sustentável

2
지속가능한 발전을
위한 글로벌 목표
DGREANO / KOREAN

KESTÄVÄN KEHITYKSEN
MAAILMANLAAJUISET TAVOITTEET
FINLANDÉS / FINNISH

Die globalen Ziele für
nachhaltige Entwicklung
ALEMÃO / GERMAN

3
GLOBALE DOELSTELLINGEN VOOR
DUURZAME ONTWIKKELING
HOLANDES / DUTCH

持続的な開発のため
の「グローバル目標」
JAPONÉS / JAPANESE

5
OBIETTIVI GLOBALI PER LO
SVILUPPO SOSTENIBILE
ITALIANO / ITALIAN

Οι Παγκόσμιοι Στόχοι για
την Αειφόρο Ανάπτυξη
GRECO / GREEK

6
GLOBALA MÅL FÖR
HÅLLBAR UTVECKLING
SWECO / SWEDISH

Malengo ya Ulimwengu kwa
Maendeleo Endelevu
SWAHILI / SWAHILI

Tujuan Global untuk
Pembangunan Berkelanjutan
INDONESIA / INDONESIAN



CRISTINA ALBUQUERQUE *
ALFREDO DIAS **
JOSÉ DIAS ***

STUDENT HUB DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO, INOVAÇÃO E INSPIRAÇÃO



O espaço Student Hub, recentemente inaugurado na Universidade de Coimbra (UC), concretiza um novo paradigma relacional e funcional assente na compreensão de que o verdadeiro potencial, de cada pessoa e do conhecimento que transporta, se evidencia e potencia através de oportunidades de conexão, de experimentação e de inspiração partilhadas. Nesse sentido, o projeto concretiza não apenas uma nova forma de prestar serviços, de modo integrado, eficaz e sustentável, aos candidatos, requerentes e estudantes da UC, mas também, espaços de interação, de mediação — entre pares, com a comunidade, com escolas e organizações e com o mercado de trabalho — e de criatividade, para ousar pensar, dizer e fazer diferente. Profundamente enraizado nos valores essenciais da qualidade na prestação de serviço público e no respeito pelas pessoas, o Student Hub constitui-se como um espaço em co-construção permanente e de abertura à inovação social e pedagógica. Para o efeito, conta com diversos serviços.

Em primeira instância, o Student Hub pretende ser um circuito integrado de serviços e informações para a melhoria da qualidade do acolhimento e da assistência a estudantes, pautado por um modelo inovador em que serviços internos e externos à UC se encontram centralizados e disponíveis física e digitalmente: Serviços de Gestão Académica, Serviços de Ação Social, Divisão de Relações Internacionais, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos. Os ganhos de escala resultantes desta junção num local único são, no nosso entendimento, fundamentais para a prestação de um serviço com uma crescente qualidade e eficácia, permitindo a articulação entre todas as partes, desburocratizando e simplificando a vida académica da comunidade estudantil.

Mas o Student Hub serve igualmente o propósito de estimular a diversificação de competências e valorização de percursos para estudantes, por via da criação de programas de voluntariado, projetos disruptivos de ligação cívica/territorial e iniciativas colaborativas com impacto social. Por isso, podem também ser encontrados um Laboratório de Design Thinking e uma Academia de Criadores promotores de atividades que organizam as áreas científicas para responderem a desafios societais, bem como a UC Transforma, a plataforma de agregação e divulgação de ofertas de voluntariado, e o Núcleo de Promoção da Empregabilidade para a criação de pontes com o mercado de trabalho. Gerar talentos, acompanhando-os e aconselhando-os, flexibilizando os seus percursos e conectando a diferentes comunidades junto de instituições, entidades, organizações e empresas locais é também objetivo desta nova estrutura da UC.

Contudo, além de agilizar e potenciar a vida estudantil, o Student Hub pretende ser também uma porta de

entrada para o público pré-universitário, dando acesso por igual a todas as mais-valias disponíveis e acessíveis no espaço para estudantes universitários. Um ponto de convergência em que escolas, alunas/os e famílias podem obter informações e esclarecimentos, envolvem-se em projetos de cariz universitário e constituírem uma interface Sociedade-Académia, capaz de potenciar o interesse e o acesso dos jovens ao ensino superior.

Uma concretização com um carácter inovador e disruptivo tão marcado exige soluções específicas, nas mais variadas categorias, nomeadamente no que diz respeito a instalações e infraestruturas. Identificada a localização, numa zona central, num edifício classificado, foi necessário atender aos requisitos concretos do projeto. Para tal, foi definido um programa, sobre o qual foi realizada uma profunda intervenção, no âmbito construtivo e funcional, que cumpre com os exigentes requisitos de sustentabilidade e inclusividade de uma instituição líder nesta área, como é a UC. O programa definido teve ainda como linha orientadora a associação aos espaços de uma imagem inovadora, consentânea com o fim a que se destinam, mas sempre empenhadamente respeitadora e valorizadora do património existente. A própria conceção e decoração do espaço traduz uma preocupação de sustentabilidade, na linha de um dos princípios de atuação ética e social centrais para a UC. Desde a utilização de materiais naturais, permitindo a concretização de uma reforma, ao mesmo tempo moderna, respeitadora das características originais do edifício e ecologicamente sustentável, até às acessibilidades para estudantes com necessidades especiais e à disponibilização de informação clara, adequada e acessível, pressuposto básico de cidadania e de qualidade de serviço. Encontram-se, assim, plasmadas, neste novo local para os estudantes, docentes, colaboradores, investigadores, candidatos e graduados da UC, as diversas dimensões da sustentabilidade social, económica, ecológica e axiológica, nomeadamente ancoradas nos eixos da interação, impacto social, informação e cultura, participação, minimização de impactos climáticos e, sobretudo, co-construção de comunidade. Uma comunidade que só adquire verdadeiramente sentido e relevância se plenamente preenchida e assumida por todos os membros da UC.

O Student Hub é um espaço de todos e para todos.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e a Atividade de Estudantes Pré-graduados

** Vice-reitora da Universidade de Coimbra para o Património, o Edificado e as Infraestruturas

*** Coordenador do Student Hub

«NOS
GABINETES DE
CURIOSIDADES
EXISTE
**HORROR AO
VAZIO...**»

«A Curiosidade, instinto de complexidade infinita, leva por um lado, a escutar às portas e por outro a descobrir a América, mas estes dois impulsos, tão diferentes em dignidade e resultados, brotam ambos de um fundo intrinsecamente precioso, a atividade do espírito.»

Eça de Queiroz



Tudo começa no objeto, sujeito omnipresente, que de tão íntima convivência permanece, contudo, muitas vezes desconhecido. A palavra objeto é de origem latina, *objectu*, lançado adiante.

Do ponto de vista da filosofia, o objeto é definido como «aquilo cuja existência é considerada como independente do conhecimento que dele tem o sujeito pensante».

Ao interagir com este conceito, quase sempre de uma forma intuitiva, o Homem tem vindo a olhar, questionar, recolhendo, guardando e preservando objetos.

É difícil garantir com precisão as motivações que levaram o Homem a iniciar a recolha de objetos, sendo as mais óbvias as necessidades utilitárias, uma vez que lhe eram necessários para fazer (ou melhorar) o que as suas mãos não faziam com eficácia.

Outra razão central que sempre levou o Homem a selecionar objetos foi o seu poder de atração do ponto de vista sensorial.

Bazin, em 1968, afirma que «[...] o gosto pelas coleções é sem dúvida muito antigo: no paleolítico, o Homem já reunia uma série de conchas, ossos de animais, etc., que podiam servir de adornos às suas vestes. Estes objetos constituíram os seus primeiros tesouros [...]».

A utilização de objetos, amuletos (trabalhados ou não), durante a vida e *post mortem*, acompanham de uma forma quase paralela a evolução humana.

Nas civilizações antigas, a atividade colecionista tinha duas preocupações fundamentais: o conforto na «vida» depois da morte ou a demonstração pública de poder através da exposição de troféus, fundamentalmente de guerra. Os egípcios chegaram a formar enormes depósitos de objetos preciosos que são verdadeiros museus funerários.

Nabucodonosor, Imperador da Mesopotâmia, possuía uma grande coleção de peças de guerra para

serem observadas por todos os povos, que recebeu o nome de Bît Tavrât Nixim (Gabinete de Maravilhas da Humanidade) (Fernández, 1999). Talvez tenha sido a primeira vez que as palavras «gabinete de maravilhas curiosas» tenha sido usada! Durante séculos, os bens patrimoniais históricos permaneceram como propriedade e uso exclusivo do(s) seu(s) possuidor(es) — reis, nobreza, Igreja —, sendo a sua visualização e exposição pública muito restritas. Naquele tempo, e de acordo com as características dominantes do colecionismo barroco, os principais esforços colecionistas dirigiam-se para as obras de arte em geral, para as pinturas em particular, e para arqueologia e medalhística.

Efetivamente, apenas da segunda metade do século XVIII em diante, os valores culturais, políticos e pedagógicos dos museus (entenda-se coleções de objetos organizados) começaram a ser realçados.

No século XVIII, os museus cresceram e começaram a expandir-se por todo o mundo.

Brigola afirmava, em 2003:

«Às palavras e à iconografia dos livros, amassados em bibliotecas (fonte tradicional do conhecimento), junta-se agora a exposição cénica das espécies, inventariadas e reconstituídas, sem lacunas, na grande cadeia dos seres. Utilizar, pois, a visibilidade de um objeto integrado numa coleção como prova científica da sua existência e das suas propriedades naturais, tornar-se-ia rotina.»

No fenómeno cultural setecentista, os naturalistas e colecionadores europeus encaravam o nosso país e o seu vasto Império — terra ignota e inexplorada, porque geograficamente e culturalmente excêntrica — como campo privilegiado para as viagens científicas, alimentando igualmente outro veio da pulsão naturalista: aquisição de espécies novas para as coleções dos gabinetes de *naturalia*.

Segundo o mesmo autor «[...] não se pode encontrar, porventura, de mais ilustrativo desta corrente museológica, iniciada ainda nos finais do século XVII, do que o pedido dirigido pela Academia de Ciências de Bolonha ao goveno português, através do nosso representante diplomático em Roma, Manuel Pereira Sampaio. Os académicos italianos, contando com os bons ofícios do Papa Bento XIV, solicitavam curiosidades naturais para o seu *museo di storia naturale*».

Apesar desta tendência, é possível documentar o crescente interesse pela aquisição de objetos da natureza e, por outro lado, a permanência da cultura da curiosidade, o acumular desordenado de objetos maravilhosos; a *naturalia et mirabilia*.

O ambiente da coleção, fruto de recolhas não especializadas vive de uma grande ideia, de um grande desígnio utópico: reconstruir o universo numa só sala.

A aspiração a síntese perseguida desde a antiguidade, entre a arte e a natureza, conduz estes gabinetes de curiosidades (a *wunderkammer* alemã e as *camera di meraviglie* e o *studiolo* italianas) ao entesouramento extravagante de objetos raros e monstruosos.

A cultura da curiosidade nelas revia as anomalias da natureza, explorando um efeito visual que exaltava o prodígio da criação. Alguns julgavam vislumbrar, afinal, neste olhar maravilhado, um dos momentos altos do conhecimento, a grande aventura intelectual do encontro da arte e da ciência.

Certos gabinetes especializavam-se na recolha de monstruosidades, embora a maioria incluísse todos os objetos considerados invulgares e enigmáticos, de origem animal, vegetal, mineral ou, mesmo, de criação humana.

A exposição que o Museu de Ciência está a preparar não pretende reconstruir nenhum gabinete de

curiosidades que alguma vez tenha existido em qualquer parte de mundo. Pretende ser um «acumular desordenado» de objetos maravilhosos.

A exposição procura criar o ambiente e captar o espírito que estes espaços possuíam, de forma a libertar, nos visitantes de todas as idades, a curiosidade nata que o ser humano possui. A vontade de conhecer e saber mais é desafiada e incentivada neste espaço.

O objeto central clássico de um gabinete de curiosidades clássico foi mantido: ser um *Theatrum mundi*, uma grande ideia, de um grande desígnio utópico, reconstruir o universo.

Aproveitando uma sala revestida a cerca de 50 armários dos inícios do século XX, a exposição reúne alguns milhares de objetos que, em grande parte, nunca tinham sido expostos, organizados com um critério acentuadamente artístico.

Toda a parte central da sala estará livre de objetos, podendo ter futuramente múltiplas utilizações.

As vistas terão uma organização induzida pela alternância da iluminação dos armários: é esta que guiará o visitante no percurso a seguir.

A sala será, depois, um desafio ao visitante para descobrir o resto do museu, onde a organização e a informação sobre as peças será apresentada de uma forma mais clássica.

«A curiosidade aparece como um móbil de grande potência na mitologia, na literatura, na ciência, na filosofia, na política e na vida das mulheres e homens. É ela que faz procurar, indagar, descobrir, saber, imaginar, criar, bisbilhotar, transgredir, pecar, perigar, agir, progredir.» (José Manuel dos Santos e António Soares).

* Diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

103 | RL #56 | AO LARGO

O CONTRIBUTO DE PAUL RICOEUR PARA O PENSAMENTO DO TEMPO VIVIDO

É a problemática do tempo vivido o núcleo da meditação ricoeuriana de *Temps et Récit*¹. A sua grande tese é a de que não há um acesso perceptivo ao tempo: este faz parte de nós, é invisível em si mesmo, o que impossibilita uma observação; exige, pelo contrário, a mediação da linguagem narrativa.

Sem narrativa não há compreensão do tempo; a hipótese fundamental de *Temps et récit*, é a seguinte: existe entre a atividade de contar uma história e o carácter temporal da experiência humana uma correlação não accidental, mas representativa de uma urgência transcultural. O tempo só se torna humano quando é articulado sob o modo narrativo, e a narrativa alcança a sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal. Ricoeur procura mostrar-nos que só a poética narrativa pode responder às dificuldades de uma descrição do tempo. Para sustentar a sua tese, o filósofo apoia-se na análise augustiniana do paradoxo ontológico do tempo, mostrando como esta mesma solicita a linguagem e a narração para não cair no absurdo. Sto. Agostinho rebate, de facto, a argumentação céptica que afirma que o tempo não tem ser, na base de uma confiança apoiada no uso quotidiano da linguagem que o leva a dizer, de maneira ainda indeterminada, que o tempo existe. Conhecemos o argumento céptico: o tempo não tem ser, uma vez que o futuro ainda não é, o passado já não é e o presente está a deixar de ser. No entanto, falamos do tempo como tendo um ser. Dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas já foram e que as presentes passam. O próprio facto de passar nada é. É admirável que seja o uso da linguagem que fundamenta a resistência à tese do não ser.

Sto. Agostinho, recordemos, resolveu o paradoxo ontológico do tempo mediante recurso à experiência do triplo presente, isto é, situando o modo paradoxal de ser do tempo na *distensio animi* e fazendo corresponder cada um dos momentos do tempo a uma faculdade da alma. Argumentou da seguinte maneira: mesmo que não saibamos dizer exatamente o que é o tempo, fazemos sempre a experiência íntima e quotidiana da expectativa, da atenção e da recordação. É pois na distensão do espírito que encontramos a noção tempo: por meio da recordação, fazemos a experiência do presente do passado; a atenção situa-nos no presente do presente; e a expectativa no presente do futuro. Claro que surge aqui um novo problema ontológico — o do triplo presente ou da distensão da alma, cuja dilucidação Agostinho só consegue fazer recorrendo ao exemplo da recitação de um poema ou de um salmo, que apresenta a atividade da alma como uma interação entre expectativa, memória e atenção. É que, de facto, quando começo a recitar, tenho o poema inteiro na minha frente, sob o modo da antecipação; à medida que a récita progride, o futuro antecipado encolhe e o passado cresce à custa do futuro. É pois no seio das referências intencionais da alma que se situa a *distensio*, reveladora de que o tempo só tem ser na experiência vivida de uma consciência, capaz de o sentir como a passagem do futuro para o passado através do seu presente.

Isto significa que uma solução poética e narrativa pode ser dada à aporética do tempo vivido; de acordo com Ricoeur, é este o caminho que nos indica a reflexão de Agostinho: o exemplo da recitação de um poema contém a exposição do paradoxo do tempo. É na estrutura narrativa do discurso que deve ser procurada a inteligibilidade do tempo vivido. Esta é a verdadeira intenção de Ricoeur: perceber como a poética narrativa permite fazer da nossa condição temporal, condenada à *distensio*, uma experiência positiva. É preciso então clarificar o modo como o discurso humano traz à linguagem uma experiência vivida que, de outro modo, permaneceria muda ou condenada ao absurdo. É necessário situar o vivido mais confuso no seio do universo dos signos, símbolos e narrações que permitem uma ordenação de dimensões da realidade humana que, sem eles, nada seriam. Como poderíamos, de facto, pergunta Ricoeur, aceder aos dramas temporais da vida humana, se não existissem as narrativas das suas ações e paixões?

Ricoeur será assim levado a realizar uma meditação sobre a dimensão simbólica e metafórica da linguagem humana, isto é, sobre o modo como o discurso poético diz o real e que tipo de natureza ou realidade diz. É a tríade *mimesis-muthos-catarsis* da *Poética* que lhe vai interessar.

O núcleo da apropriação ricoeuriana da tríade da *Poética* aristotélica é este: são as intrigas (*muthos*) que inventamos que conseguem reconfigurar a nossa experiência do tempo, informe e no limite muda. Talvez aconteça mesmo, diz-nos Ricoeur que o processo temporal só seja reconhecido na medida em que é contado. De facto, tudo o que contamos acontece no tempo, leva tempo e desenrola-se no tempo; e o que se desenrola no tempo pode ser contado. A aptidão do *muthos* para criar algo novo, é o que Ricoeur valoriza na relação *mimesis-muthos* da *Poética*, já que ela faz nascer a função configuradora da narrativa que transforma os vários incidentes discordantes numa história singular, estabelecendo uma mediação entre os acontecimentos isolados e a história tomada como um todo. O *muthos*, dizia já Aristóteles, é a «combinação de factos e representação de uma ação». Não é uma estrutura, mas uma operação dinâmica que consiste em representar a ação, segundo regras muito próprias e que se caracteriza por conseguir reunir e integrar numa história, com sentido, acontecimentos múltiplos e dispersos, que sem ela seriam meras ocorrências e careceriam de inteligibilidade. Ele tem, enquanto composição ou fábula, um papel de síntese, capaz de transformar meras sequências cronológicas numa história passível de ser seguida; gera, assim, um tempo narrativo próprio, feito simultaneamente de tempo cósmico e tempo vivido. Compor uma intriga é extrair uma configuração possível de uma sucessão e é justamente a união da ficção e da ordem na mesma operação, a *poiesis* do poema, que interessa a Ricoeur na *Poética*, já que tal união reflete e resolve, de maneira poética, o paradoxo do tempo. A narrativa dos acontecimentos excede a simples reprodução da realidade; distingue-se da crónica ou da descrição: enquanto nestas os episódios se seguem um após o outro, de acordo com a ordem irreversível do tempo comum, a construção da intriga é feita de acordo com uma temporalidade específica que permite até abolir a cronologia. Além disso, a simples sucessão de episódios, baseada numa visão linear de tempo, não tem fim, enquanto qualquer narrativa tem por definição um começo, um meio e um ponto final. Uma solução para o paradoxo da *distensio* temporal reside no próprio ato poético de configuração e nova figuração engrandecida da sucessão. E é no campo da ação e dos seus valores temporais, e não no das coisas inertes, que a narrativa pode exercer um novo poder figurador. É, de facto, a *mimesis*, diz-nos Ricoeur, o conceito central da *Poética*, que Aristóteles define como a arte de compor intrigas. A *mimesis*, cujo teor consiste na organização de intrigas, é *mimesis praxeos*, quer isto dizer que tem como referente único, de acordo com Aristóteles, a *praxis* ou o fazer humano, que este último subordina na *Poética* ao

primado do dizer. Para o Estagirita é a tragédia a *poiesis* por excelência, de tal modo que para ele a essência desta reside no *muthos* do poema trágico e a intenção deste é apenas uma: a *mimesis* da ação humana. É então por meio do *muthos* (enredo) que a tragédia imita, sendo esta definida por Aristóteles como a imitação dos homens que agem. O que significa que é a ordenação e a estruturação da «fábula a imitação da ação»; e que esta é, por sua vez, a alma real da tragédia que, deste modo, se coloca numa franca proximidade com a Ética, «apesar de representar ações e não homens ou qualidades morais». Com efeito, a *Poética* de Aristóteles considera que a própria compreensão dos caracteres ou virtudes dos agentes se subordina à estruturação da ação, conseguida pela ordenação própria do *muthos*. A tragédia e a comédia não descrevem os homens e as suas características mentais, mas representam, mediante a ordenação de factos, conseguida pelo *muthos*, um acontecer, a ação, a vida e a felicidade, que justamente residem nesta. A tragédia supõe sempre uma ou várias ações — o seu objeto não é um dado inerte, é uma decisão, algo que interrompe o curso natural do tempo cronológico e inicia uma nova ordem no mundo, enquanto o referente das descrições científicas é um estado ou uma coisa. E Aristóteles frisa-o: uma sucessão de ações não constitui só por si uma tragédia ou comédia. Só a intriga permite perceber o sentido trágico ou cómico da ação e esta é muito mais do que uma simples reprodução da realidade. Ela exige uma seleção e ordenação das ações, por meio da construção do mito, o núcleo da *mimesis*, que imita não o que é, mas o que foi ou está a ser. Uma intriga apenas se constitui pela narração de ações que têm um efeito na sequência da história e é porque a ação narrada é fechada que pode constituir-se numa narrativa. Nesta, a ordenação dos episódios, longe de ser puramente cronológica, deve ser lógica (necessária ou verosímil) e conduzir, enquanto tal, a algum lado, a partir de aquilo a que se chama um começo. Ora, este só é um verdadeiro início da história, quando não é determinado por nenhum acontecimento anterior e quando permite que a história progrida, por meio de toda uma sequência lógica de episódios que conduzem de forma aceitável para um fim, que não poderia ser diferente.

Daí a importância da *Poética* para Ricoeur: enquanto a *mimesis* platónica tinha um sentido desvalorizado, a *mimesis* aristotélica refere claramente o conceito de imitação da natureza ao âmbito de uma ciência da composição poética que diz o tempo vivido mediante a narrativa histórica e a de ficção.

* Professora Catedrática do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1. Paul Ricoeur, *Temps et récit*, I (Paris: 1983); *Temps et récit*, II, (Paris:1984); *Temps et récit*, III (Paris: 1985)

7 POEMAS

Formas

Reconstruo a metafísica
que há na trepadeira à janela.

Sonho-a repetidamente: um acto de nomeação
e uma compreensão cega. Uma impressão

de familiaridade que se repete.
Tudo é desequilíbrio entre semelhança e diferença.

Assim é a trepadeira à janela, imagem
que se desloca veloz

destruindo a negra fértil memória
onde se precipitam as formas.



Sombras

Era muito cedo.
Caminhava na aflição da luz.
Caminhava dentro do corredor
de tílias.
As folhas caíam à minha frente.
Não caíam verdadeiramente.
Suspendiam-se.
O sonho era maior do que a gravidade.

Da sombra atravessada não falarei.
Não sei falar de sombras.

Tinta

Não toquei a luz. A lâmina de sombra
decepcionou o meu querer, o vazio contemplava-me.
Tinha olhos, como um bicho, e no seu olhar
uma voracidade sem medida e sem filtro
prometia destruições às quais me sujeitaria
a seu tempo.

Por agora, eu revisitava a escrita, as anotações,
a marginália dos dias e das noites incumpridos.
Eu descobria lirismos, iluminações e herbários
na tinta densa que preenchia a página, e sorria.

Floração

A paciência é tudo. Esperamos
pela precisa estação, esperamos e esperamos.

Luz rubra de bordos incendiando-se,
que flores ardem no centro da espera?

Haverá ainda, depois do fogo, uma floração sem tempo?
Quero acreditar que a linguagem é essa floração.



Linguagem

1

Descrevo a sala, os objectos
sobre a secretária, a luz do candeeiro
no seu percurso sobre a pele das coisas.

2

Fotografias de Duarte criança aos seis
e depois aos nove anos, o marcador
de livros com o nome de uma livraria
de Lisboa há muito desaparecida,
a tesoura rubra, assemelhada a um pássaro
morto, a pedra que é uma rosa da Amélia,
o que se antecipa e acaba retrospectivamente
no drama, o rosto gravado desse jovem Hölderlin
de colarinhos imaculados e olhos submersos
por uma serenidade que o mundo haveria de trair.
Trair é a palavra.

3

Amanhã tudo surgirá a uma outra luz.
Os meus gestos não serão de novo
prisioneiros desta propensão para a mudez
essencial da matéria, das formas consignadas
à justa elevação dos artefactos.

4

Anoto: é de noite que a soberania da linguagem se desfaz.



Fotografia

Para a Vanda

Somos tão pequenos, ali:
1969, larga cronologia,
duração certa na qual transbordamos.

Sentados na relva
e ao fundo uma fita negra
a grafite desenhada: árvores,

uma moldura de árvores
irreconhecíveis que antecipam
o perímetro das nossas vidas.

Deus desenhará a grafite?
Eu à tua frente, a preto e branco,
irmão mais novo, bebé ainda.

Uma sombra cola-se ao meu rosto,
à altura dos olhos. Uma sombra
indelével na intenção e na memória.

Tu espreitas sobre o meu ombro direito.
Respondes obediente ao pai.
És uma exigência de quietude,

o que não será, o que não pode ser,
o que não tem substância, o que não
se vê, o que não se pode ver.

Os poemas são a exasperação imaginada,
e é assim que te imagino.
Os teus braços envolvem-me.

Braços, pernas, tronco, és uma enseada, um lugar
no qual estamos, suspensos numa recíproca ternura
que não é poder, energia, violência,

mas antes aquilo que se subtrai
ao poder, à energia, à violência: eterna delícia
a que nos furtámos, a que nos furtaram.

A vida antes de ser fuga é furto. Depois do sonho
a gravidade desfaz-nos. Não reconheço
a mão que nos desfaz. Não reconheço

o peso, a energia, a violência, o furto.
Em nós há a enseada de inviolável graça
que é paraíso perdido, na terra prometido.



Cy Twombly, *Night Watch*, 1966

A tela

é a ardósia,
a mais densa rede
que a Noite,

sudário do início,
contém.
O traço

é o declínio da forma,
hesitação
exasperada a giz

onde uma luz fóssil,
a do pensamento,
se irá precisar.

Serei póstumo
depois,
entre sono e vigília.

* Antropólogo, poeta e ensaísta, leciona no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Como antropólogo, tem publicado ensaios em diversas revistas da especialidade sobre as implicações sociais e culturais do conhecimento biomédico, em particular sobre a psiquiatria e seus contextos. Desenvolve atualmente investigação sobre as interações entre biotecnologias, arte e cognição. Como poeta, já publicou livros como *A Imprecisa Melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso Antigo* (2001), *Angst* (2002), e *Duelo* (2004), obra a que foram atribuídos o Prémio Pen Clube de Poesia e o Prémio Luís Miguel Nava — Poesia 2005. A coletânea de poesia completa *Arrancar Penas a Um Canto de Cisne* venceu o Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes APE/C.M. de Amarante 2015-2016.



PRÉMIO JOAQUIM DE CARVALHO 2021

Título:

Psiquiatria em Portugal nas primeiras décadas do séc. XX: Protagonistas

Autor: José Morgado Pereira

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2020

MARIA JOÃO PADEZ *

A obra *Psiquiatria em Portugal nas primeiras décadas do séc. XX: Protagonistas*, de José Morgado Pereira, é a vencedora da 12.^a edição do Prémio Joaquim de Carvalho, instituído pela Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC). Trata-se de uma obra de síntese sobre a institucionalização da psiquiatria em Portugal, em contexto académico e de política de saúde, que, partindo dos contributos dos dez protagonistas que mais marcaram essa institucionalização, analisa o impacto deles resultante nas reformas dos cuidados de saúde mental e na humanização das instituições psiquiátricas em Portugal. A obra não só revela um conhecimento profundo e bem fundamentado sobre a história da psiquiatria e, em geral, da saúde mental na modernidade ocidental, como aborda uma problemática de enorme atualidade, como é a dos cuidados de saúde mental, ainda à procura de respostas eficazes, tal como o fizeram os pioneiros estudados.

José Morgado Pereira é médico psiquiatra. Doutorado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC). Ex-Diretor do Hospital Sobral Cid. Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares



do Século XX da UC, afeto ao Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia. Um dos seus interesses de investigação é a história e sociologia da medicina e, em particular, a história da psiquiatria e da saúde mental em Portugal. É autor de livros, capítulos de livros, artigos científicos, entradas de dicionários e estudos divulgativos no domínio da história da psiquiatria e da saúde mental no nosso país, publicados em Portugal e no estrangeiro. Tem participado em diversos congressos nacionais e internacionais sobre o tema e tem colaborado com diversas instituições portuguesas e estrangeiras, lecionando matérias de âmbito histórico-médico. É ainda presidente da Assembleia Geral da Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde.

* Diretora-adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra

LIVROS

Plutarco. Vidas Paralelas:

Aristídes e Catão Censor
Joaquim Pinheiro
2021
10.14195/978-989-26-2080-0

Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos: (Livro XI)
Carlos A. Martins de Jesus
2021
10.14195/978-989-26-2056-5

Corps Ému / Corpo Abalado: Ensaios de Filosofia Biraniana
Luís António Umbelino
2021
10.14195/978-989-26-1992-7

O Discurso Inaugural do Real Colégio dos Nobres (1766)
Ana Isabel Correia Martins;
Adriano Scatolin
2021
10.14195/978-989-26-1938-5

Áreas Protegidas e Gestão Territorial: o Caso da Serra da Lousã
Paulo Carvalho; Luiz Alves
2021
10.14195/978-989-26-2026-8

Sob a Lente da Ciência Aberta: Olhares de Portugal, Espanha e Brasil
Maria Manuel Borges; Elias Sanz-Casado
2021
10.14195/978-989-26-2022-0

O Príncipe Ideal no Século XVI e a Obra de D. Jerónimo Osório
Nair de Nazaré Castro Soares
2021
10.14195/978-989-26-2114-2

O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo III: De Caelo — Parte I
Manuel de Góis; António Guimarães Pinto; Mário Santiago de Carvalho; Sebastião Tavares de Pinho
2021
10.14195/978-989-26-1833-3

Mesa dos Sentidos & Sentidos da Mesa: Vol. I
Carmen Soares; Anny Jackeline Torres Silveira; Bruno Laurioux
2021
10.14195/978-989-26-2061-9

Direitos Humanos: Novas Abordagens, Velhos Desafios
Isabel Maria Freitas Valente; Eliane Cristina da Silva Nascimento
2021
10.14195/978-989-26-2098-5

Apolónio de Rodes. Argonáutica, Livros I e II. Estudo Introdutório, Tradução e Notas
Ana Alexandra Alves de Sousa
2021
10.14195/978-989-26-2136-4

A Coleção Numismática do Museu Nacional de Machado de Castro
Isabel Pereira; Teófilo Silva; António Pacheco; Ricardo Costeira da Silva
2021
10.14195/978-989-26-1562-2

História Augusta. Vol. II: Vidas de Hélvio Pertinaz, Didio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábal
Nuno Simões Rodrigues; Cláudia Teixeira; Francisco de Oliveira; José Luís Brandão
2021
10.14195/978-989-26-2076-3

D. Francisco de Azevedo e Ataíde: Subsídios para a sua Biografia
Augusto-Pedro Lopes Cardoso
2021
10.14195/978-989-26-2104-3

Cancro da Cabeça e Peçoço: Aspectos Particulares do Cancro Oral
Isabel Marques Carreira; Ilda Patrícia Ribeiro; Joana Barbosa de Melo
2021
10.14195/978-989-26-1858-6

Walking & Cycling. Uma Nova Geografia do Turismo
Paulo Carvalho
2021
10.14195/978-989-26-2084-8

A Fabricação de Alexandre Magno: Habilidade Política e Genialidade Militar nas Fontes Antigas (336-331 AEC)
Henrique Modanez de Sant’Anna
2021
10.14195/978-989-26-2100-5

Políticas e Dinâmicas Educativas
Sara Dias-Trindade; António M. Rochette Cordeiro; Maria Isabel Festas; Luís Alcoforado
2021
10.14195/978-989-26-2054-1

Retórica e Poética
Belmiro Fernandes Pereira; Marta Isabel de Oliveira Várzeas
2021
10.14195/978-989-26-2078-7

Cultura e Sociedade na Europa pós-1945
Maria Manuela Tavares Ribeiro; Maria Fernanda Rollo; Isabel Maria Freitas Valente; Alice Cunha
2021
10.14195/978-989-26-2139-5

Correspondência — Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge
Maria Manuela Gouveia Delille; Isabel João Ramires
2021
10.14195/978-989-26-1821-0

Mesa dos Sentidos & Sentidos da Mesa: Vol. II
Carmen Soares; Anny Jackeline Torres Silveira; Bruno Laurioux
2021
10.14195/978-989-26-2060-2

História da Ciência no Ensino. Revisitando Abordagens, Inovando Saberes
Ana Luísa Santos; Ana Isabel Simões Rola; Carla Morais; Clara Vasconcelos; Elsa M. C. Gomes; Isilda Teixeira Rodrigues; Jorge Azevedo; Sérgio P. J. Rodrigues
2021
10.14195/978-989-26-1780-0

A Poética Calimaquiana e sua Influência na Poesia Epigramática
Fernando Rodrigues Jr.; Breno Battistin Sebastiani; Bárbara da Costa e Silva
2021
10.14195/978-989-26-1950-7

Geografia, Turismo e Território: Homenagem à Professora Fernanda Delgado Cravidão
Lúcio Cunha; Paula Santana; Luciano Lourenço; Norberto Santos; Paulo Nossa
2021
10.14195/978-989-26-2058-9

Uma Campa é um Buraco Difícil de Tapar: e Outros Textos
Jorge Palinhos
2021
10.14195/978-989-26-2000-8

Testemunho, Atestação e Conflito: Balizas da Antropologia Hermenêutica de Paul Ricœur
Maria Luísa Portocarrero
2021
10.14195/978-989-26-2094-7

Sertões e Outros Mundos
Joel Carlos de Souza Andrade
2021
10.14195/978-989-26-2140-1

Excellence in Teaching and Learning in Higher Education: Institutional Policies, Research and Practices in Europe
Isabel Huet; Teresa Pessoa; Fátima Teresa Sol Murta
2021
10.14195/978-989-26-2134-0

Ver Mais Longe: Dois Pequenos Ensaios sobre Ciência
Pedro Urbano
2021
10.14195/978-989-26-2090-9

Livros que Respiram: Pensamento Ecológico e Solidariedade nas Literaturas em Português
André Corrêa de Sá
2021
10.14195/978-989-26-2165-4

Passado, Presente e Futuro dos Direitos Humanos: Após as Comemorações dos 70 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948-2018
João Proença Xavier; Cristina Pinto Albuquerque; Jacob Simões; Maria Teresa Lopes Cruz
2021
10.14195/978-989-26-2024-4

Serviços Ecolossistêmicos e Direito: Delimitamentos para uma Teoria Jurídica Geral e uma Tipologia
Alexandre Altmann; Isabel Maria Freitas Valente; José Blanes Sala
2021
10.14195/978-989-26-2143-2

Design de Serviços: Atividades e Modelos
Paula Alexandra Silva
2021
10.14195/978-989-26-2189-0

La Gestión de Intangibles en el Espacio Iberoamericano: Construcción de Marcas Responsables y Sostenibles en la Economía de la Reputación
João Figueira; Luis Mañas-Viniegra
2021
10.14195/978-989-26-2082-4

1876-1952: Lourenço Chaves de Almeida: Mestre Ferreiro de Arte Vida e Obra
Afonso Chaves de Almeida
2021
10.14195/978-989-26-2163-0

Vida da Faculdade de Letras 2019-2020
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
2021
10.14195/978-989-26-2207-1

Vida da Faculdade de Letras 2018-2019
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
2021
10.14195/978-989-26-2209-5

Reinventar o Social: Movimentos e Narrativas de Resistência nas Américas
Isabel Caldeira; Maria José Canelo; Gonçalo Cholant
2021
10.14195/978-989-26-2126-5

Limites e Limiares: contributos para pensar a sociedade complexa
António Rochette Cordeiro; Sara Dias-Trindade; António Pedro Pita
2021
10.14195/978-989-26-2066-4

Intervenções e Mediações com Idosos
Clara Cruz Santos; Mónica Teixeira
2021
10.14195/978-989-26-1788-6

Diálogos Multidisciplinares: Investigação em Perspetiva
António Rochette Cordeiro; Sara Dias-Trindade; Dina Sebastião
2021
10.14195/978-989-26-2020-6

Experiência, Saúde, Cronicidade: um Olhar Socioantropológico
Reni Barsaglini; Sílvia Portugal; Lucas Melo
2021
10.14195/978-989-26-2030-5

Cura Psicossomática e Cura Política em Platão
Luciano Coutinho
2021
10.14195/978-989-26-2102-9

Manual de Comunicação Clínica
Manuel João Quartilho
2021
10.14195/978-989-26-2112-8

A UC e a Transferência de Conhecimento e Tecnologia no Contexto Histórico
André Pedro Oliveira; Luís Saraiva Silva; Nuno Mendonça
2021
10.14195/978-989-26-2152-4

Conimbriga Diripitur: Aspetos das Ocupações Tardias de uma Antiga Cidade Romana
José Ruivo; Virgílio Hipólito Correia
2021
10.14195/978-989-26-2149-4

A Ilíada Latina
Priscilla Adriane Ferreira Almeida
2021
10.14195/978-989-26-2205-7

Vidas Paralelas. Címon e Luculo
Ana Maria Guedes Ferreira; Manuel Tröster
2021
10.14195/978-989-26-2215-6

A Investigação e a Escrita: Publicar sem Perecer
Paula Sequeiros; Maria José Carvalho; Graça Capinha
2021
10.14195/978-989-26-2156-2

O Jornalismo e a História: Homenagem a Isabel Nobre Vargues
João Figueira; Ana Teresa Peixinho
2021
10.14195/978-989-26-2203-3

Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa: Volume III
João Marinho dos Santos
2021
10.14195/978-989-26-2087-9

Magia e Superstição no Mediterrâneo Antigo
Maria do Céu Fialho; Maria Regina Candido; Nuno Simões Rodrigues
2021
10.14195/978-989-26-1552-3

Magia e Superstição no Mediterrâneo Antigo
Maria do Céu Fialho; Maria Regina Candido; Nuno Simões Rodrigues
2021
10.14195/978-989-26-1552-3

RL #56
LUGAR DOS LIVROS

119



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 56
MARÇO 2022

A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.



XXIV SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1 – 15 MARÇO 2022

A relação com o Tempo é um dos grandes signos portadores de sentido, por iluminar a compreensão da existência pessoal e a sua inserção no devir cósmico, por tornar mais premente a consciência incontornável da humana efemeridade, mas também por instilar no espírito a inquietação necessária à busca da eternidade.

Ao eleger o Tempo como tema da XXIV Semana Cultural, procura-se convocar a sua ação e a sua força pendulares: o Tempo e as fases da vida; a memória coletiva e o Tempo pretérito comum; o Tempo presente e os desafios que coloca ao ímpetu criador, para que o Tempo futuro seja marcado pela confiança num Tempo melhor. Não apenas o «Tempo cronológico» (*chronos*), que deixa um traço indelével de «Tempo escultor» (*monumentum*), mas também o «Tempo oportuno» (*kairos*) que marca o discernimento para agir no momento certo, pela causa mais justa.

O ano de 2022 será assinalado por marcos temporais de profundo significado para a história da UC e para a sua projeção lusófona: entre outros, os 250 anos da Reforma Pombalina, os 200 anos da proclamação da Independência do Brasil, os 20 anos da Independência de Timor. Será também, segundo se espera, o Tempo da pós-pandemia e o Tempo da expectativa na renovação criadora.

O ano de 2022 será, por isso, o nosso Tempo e o momento de construirmos um futuro Tempo melhor: com arte, com intelecto, com paixão, com a serena esperança da eternidade.



TER.01_MAR. — 21h30
Teatro Académico Gil Vicente

Concerto de Abertura da XXIV Semana Cultural da UC As Voltas do Tempo

CONCERTO
Orquestra Académica da Universidade de Coimbra

TER.01_MAR. — 17h
Galeria de Acesso Livre disponível na página web da FPCEUC e na plataforma digital www.ArtSteps.com

PRIDE, é Tempo! Pessoas, Histórias e Memórias

EXPOSIÇÃO
Projeto Cans/Unilvers@is – Gabinete de Apoio a Estudantes da FPCEUC

TER.01_MAR. — 18h
Colégio de São Bento – Piso Intermédio

Ecas Coloniais: História, Património e Memória

EXPOSIÇÃO
Centro de Estudos Sociais

TER.01_MAR. — 12h
Museu da Água de Coimbra

À procura da Tal Viagem
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Associação Cultural Videolab

TER.01_MAR. — 11h
Student Hub

Tempo a Meias: (Des)instalar Infâncias

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra

QUA.02_MAR. — 17h30
Departamento de Física da UC (piso 0)
Rómulo – Centro Ciência Viva da UC

O Laboratório de Física da UC: 1900-1975

EXPOSIÇÃO
Rómulo – Centro Ciência Viva, Departamento de Física da UC

QUA.02_MAR. — 14h30
Capela do Colégio da Trindade

Direito e Princípio da Congruência no Tempo da Ciência

EXPOSIÇÃO
Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da UC

QUA.02_MAR. — 18h
Atelier A Fábrica – Centro Cultural de Coimbra

Homenagem a Max Stahl

EXPOSIÇÃO
Associação Inclusão Contacto

QUI.03_MAR. — 15h
Exploratório – Centro Ciência Viva Coimbra

Transversalidades. Diálogos imagéticos entre Portugal e o Brasil

EXPOSIÇÃO
Centro de Estudos Ibéricos

SEX.04_MAR. — 17h
CAPC Sede

Do Movimento das Coisas

EXPOSIÇÃO
CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

SEX.04_MAR. — 21h30
Teatro Académico de Gil Vicente

Concerto 36º Aniversário da RUC com Luca Argel

MÚSICA
Rádio Universidade de Coimbra

SEX.04_MAR. — 22h
Salão Brazil

Baile Perfumado

ESPECTÁCULO PERFORMATIVO
Aquarela Brasileira Multimedia

Sáb.05_MAR. — 20h
Grémio Operário de Coimbra

Buffet Dada

PERFORMANCE
Associação Cultural e Recreativa e Memória Grémio Operário de Coimbra

Sáb.05_MAR. — 10h
Jardim Botânico de Coimbra

A Procura do Ai (Harmonia) no Tempo da Mãe Natureza

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS

Associação Tenchi Coimbra

Sáb.05_MAR. — 15h30
Claustro e Corredor Poente, 1º Andar, FPCEUC

Contatos ConTEMPorâneos: da Distância ao Encontro

EXPOSIÇÃO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Laboratório de Investigação e Ação Pedagógica/CE5

Sáb.05_MAR. — 16h
Anfiteatro Professor Doutor Joaquim Ferreira Gomes – FPCEUC

O Sol Não Anda

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS
Conservatório de Música da Felgueiras/José Carlos Pereira

DOM.06_MAR. — 19h
Grémio Operário de Coimbra

Tertúlia de Performance: sobre a Perda (de Tempo)

ESPECTÁCULO MULTIMÉDIA
Associação Kazumba

DOM.06_MAR. — 11h
Casa da Esquina

Pelo Espaço Fora Até... Ups!

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS
Camaleão – Associação Cultural

SEG.07_MAR. — 17h
Sala de Exposições do Departamento de Arquitetura da FCTUC

Mãos em Obra

EXPOSIÇÃO
Departamento de Arquitetura – Disciplina de Desenho II

Ter.08_MAR. — 12h
Museu da Ciência da UC – Laboratório Químico

Entre desenhos e pontos de vista num Museu em movimento

EXPOSIÇÃO
Museu da Ciência da UC

QUA.09_MAR. — 21h
Sala D. Afonso Henriques (antiga igreja do Convento de São Francisco)

Um Sopro de Vida

MÚSICA
Caro Misto da Universidade de Coimbra

QUA.09_MAR. — 10h-12h | 14h-17h
Jardim de infância SASUC

Mundo na Escola

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS
Centro de Estudos Cinematográficos AAC

QUA.09_MAR. — 17h
Museu Nacional de Machado de Castro

Recital de piano por Fernanda Canaud

MÚSICA
Música no Museu Internacional

QUA.09_MAR. — 21h45
Teatro-Estúdio Bonifrates

Quero Dançar o Poente

TEATRO
Repeto dia 11 de março.
Bonifrates – Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais

QUI.10_MAR. — 21h30
Teatro Académico de Gil Vicente

Caos™

TEATRO
Caixa Negra – CITAC

SEX.11_MAR. — 19h
Claustro do Colégio das Artes

O Tempo Não Para! Brasil 200 Anos

ESPECTÁCULO MULTIMÉDIA
Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

SEX.11_MAR. — 21h30
Teatro Académico de Gil Vicente

História do Fado de Coimbra na Voz de Uma Mulher

ESPECTÁCULO MULTIMÉDIA
Associação CAIXAPUM

SEX.11_MAR. — 18h
Espaço HAB – Rua Eduardo Coelho, 36

Dentro da Vida

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Associação Há Baixa

Sáb.12_MAR. — 21h30
Teatro de Bolso do TEUC

Criação Coletiva – TEUC

TEATRO
TEUC

Sáb.12_MAR. — 10h30
Baixa de Coimbra – Início na Praça 8 de Maio

Tempo de Memória – Narrativas de Outrora – Ventos do Deserto

PERFORMANCE
Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra (APBC)

Sáb.12_MAR. — 21h30
Grémio Operário de Coimbra

Raizes (Partilhar o mesmo Sono)

PERFORMANCE
Motivos alternativos – Associação Cultural

Sáb.12_MAR. — 14h
Atelier A Fábrica – Centro Cultural de Coimbra

Efêmero – I Encontro da palavra

EVENTO INTERDISCIPLINAR
SESLA

DOM.13_MAR. — 15h
Edifício da AAC

O Espaço do Tempo

EXPOSIÇÃO
Secção de Fotografia AAC

SEG.14_MAR. — 21h
Círculo de Cultura Portuguesa – Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

Tempo, Perspetiva de Vivência Humana

EVENTO INTERDISCIPLINAR
Recortar Palavras – Associação Artística, Literária, Educacional e Lúdica

Ter.15_MAR. — 21h30
Teatro Académico de Gil Vicente

O Antes e o Depois

MÚSICA
Tuna Académica da Universidade de Coimbra

QUA.02_MAR. — 18h (repete todas as quartas*)
Rómulo – Centro Ciência Viva da UC

O Laboratório de Física – Ontem, Hoje e Amanhã

CONVERSA
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Laboratório de Investigação e Ação Pedagógica/CE5

QUA.09_MAR. — 21h45
Teatro-Estúdio Bonifrates

O que é a idade?

COLOQUIO/DEBATE SOBRE O ESPETÁCULO
Bonifrates, Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais, CRL

QUA.09_MAR. — 21h30
Praça 8 de Maio

XXX Festuna – Noite de Serenatas

MÚSICA
Secção de Fado da AAC

Sáb.12_MAR. — 10h
Jardim Botânico de Coimbra

Exposição de Impressão Botânica e aula aberta de Aikido

ATIVIDADE PARA CRIANÇAS
Associação Tenchi Coimbra

Sáb.12_MAR. — 21h
Grande Auditório do Convento de São Francisco

XXX Festuna – Homenagem Póstuma a Paulo Cunha Martins

MÚSICA
Secção de Fado da AAC

09/03

Carlos Fialhai: A Investigação em Física na UC no final do Século XX

16/03

Augusto Fitas: Guido Beck, um físico em fuga, que fez obra nas universidades portuguesas

23/03

Gilberto Pereira: O Laboratório de Física entre a República e a Liberdade (1911 – 1974)

30/03

Dácio Martins: António dos Santos Viegas: 50 anos de Física em Coimbra

sex.04_MAR. — 16h30
Transmissão online no Facebook do CEI e no canal do Youtube

Geografia sem Fronteiras. Diálogos entre Portugal e o Brasil

APRESENTAÇÃO DE LIVRO
Centro de Estudos Ibéricos

sex.04_MAR. — 21h
Atelier A Fábrica – Centro Cultural de Coimbra

Homenagem a Max Stahl

CINEMA
A casa que nos une – UMA HALIBUR HAMUTUK

Associação Inclusão Contacto

sáb.05_MAR. — 16h
Sala 4.5 – FPCEUC

Roda de Conversa: Novo Tempo na Educação 2021 / 22

CONVERSA
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Laboratório de Investigação e Ação Pedagógica/CE5

ter.08_MAR. — 14h
Evento Transmido Online em

www.facebook.com/habaixa

ter.08_MAR. — 14h
Evento Transmido Online em

www.facebook.com/socodabaixa

Video: Oficinas de construção de livros, arte têxtil e escrita criativa

MULTIMÉDIA
Associação Há Baixa

QUA.09_MAR. — 21h45
Teatro-Estúdio Bonifrates

O que é a idade?

COLOQUIO/DEBATE SOBRE O ESPETÁCULO
Bonifrates, Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais, CRL

sex.11_MAR. — 21h30
Praça 8 de Maio

XXX Festuna – Noite de Serenatas

MÚSICA
Secção de Fado da AAC

sáb.12_MAR. — 10h
Jardim Botânico de Coimbra

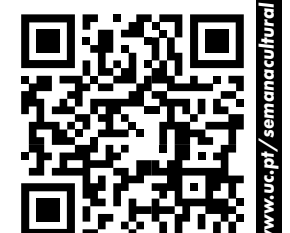
Exposição de Impressão Botânica e aula aberta de Aikido

ATIVIDADE PARA CRIANÇAS
Associação Tenchi Coimbra

Sáb.12_MAR. — 21h
Grande Auditório do Convento de São Francisco

XXX Festuna – Homenagem Póstuma a Paulo Cunha Martins

MÚSICA
Secção de Fado da AAC



www.uc.pt/semanacultural

AS VOLTA DO

TEMPO

TEMPO
XXIV SEMANA CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1-15 MARÇO 2022

CONCERTO DE ABERTURA ORQUESTRA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 DE MARÇO
2022 • 21H30
TAGV

A música é uma arte que só existe no fluir do tempo. A Orquestra Académica da Universidade de Coimbra abraça este mote e abre a XXIV Semana Cultural da UC com um concerto cujo repertório é inspirado no tema "Tempo".

www.uc.pt/oauc

 [orquestrauc](https://www.facebook.com/orquestrauc)

 [orquestracademicauca](https://www.instagram.com/orquestracademicauca)



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

PRODUÇÃO



ORQUESTRA
ACADÉMICA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA



APOIOS



WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL

